

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA
NÚCLEO FAMÍLIA E COMUNIDADE
LABORATÓRIO DE ESTUDOS E INTERVENÇÕES SOBRE O LUTO

Claudia Marques Comaru

**A voz calada na ponta da linha: o pesar vicário de bombeiros militares,
sob a perspectiva do senso de coerência**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA
NÚCLEO FAMÍLIA E COMUNIDADE
LABORATÓRIO DE ESTUDOS E INTERVENÇÕES SOBRE O LUTO

Claudia Marques Comaru

**A voz calada na ponta da linha: o pesar vicário de bombeiros militares,
sob a perspectiva do senso de coerência**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Helena Pereira Franco.

São Paulo

2021

Banca Examinadora

A presente pesquisa foi realizada com o apoio do Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Processo nº 142158/2017-8

This study was financed in part by the Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
Finance Code 142158/2017-8

Aos bombeiros militares participantes desta pesquisa,
que generosamente compartilharam seu tempo e suas experiências
no intento de aliviar o sofrimento dos seus pares.

*“Quando nossa hora finalmente chegar,
cada um de nós vai deixar o mundo sozinho.
Não podemos levar conosco riqueza nem fama –
ou mesmo nossa educação.
O que podemos levar são os pensamentos
e sentimentos de nossos últimos dias.
Encontrei um propósito para a minha vida?
Fui amado?
Amei e me preocupei com os outros?
Toquei a vida de outros de maneira significativa?
Trouxe alegria para a vida de outros?
Minha existência fez alguma diferença
para o bem-estar das pessoas?
Essas são as questões que vão ocupar nossa mente
quando nos aproximarmos do final”
(Thupten Jinpa)*

AGRADECIMENTOS

Às causas e condições que me levaram a conhecer pessoas e encontrar paixões de estudo. A todas as mulheres que vieram antes de mim, abrindo clareiras para que eu pudesse trilhar meu caminho a passos firmes.

À Dra. Maria Helena Franco, pela confiança, sabedoria e firmeza na orientação do fazer acadêmico. Por ser a base segura que amparou este estudo. Ser sua aluna é uma honra imensurável.

À Polícia Militar do Estado de São Paulo, pela atenção e respeito na condução de todo o processo de autorização da pesquisa. Ao Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo, por viabilizar o seguimento deste estudo que visa a ampliar as possibilidades de cuidado à saúde mental da Corporação. Coloco-me à disposição para continuar a contribuir nesse intento.

À minha mãe, Fátima, por ser colo e cais, confiando em mim e estando ao meu lado em todos os desafios. Ao meu pai, Claudemir, por me permitir ver o tamanho do seu coração pouco antes de partir. Ao meu companheiro Gabriel, por navegar comigo na vida e especialmente nas águas turbulentas de uma pandemia, compreendendo a minha ausência para a escrita. Ao nosso filho Nuno, pelas marmotas que amorteceram todas as dores. Ao meu irmão Charles, minha cunhada Karla, meus sobrinhos Lucas e Gabriel, meus sogros Virgínia e Humberto, pela firme rede de apoio que me permitiu avançar muitas páginas de escrita.

À tia Deise, professora da alfabetização, com quem aprendi o valor da empatia e do carinho na arte de educar. Ao Frei Enrique, um dos primeiros autores que apreciei, por sempre me perguntar: “quando você vai parar de estudar, menina?”. À Tia Creuza e Valin, pela oportunidade e pela alegria com que sempre me recebiam.

Às Professoras Dra. Maria Euchares Motta, Dra. Mariângela Monteiro, Dr. Eduardo Stotz, Dra. Lúcia Rotenberg e Dra. Rosane Griep por me ensinarem com generosidade e paciência os primeiros passos no caminho acadêmico. Ao Professor Esp. Moacyr Mendes por ter me apresentado o conceito de salutogênese.

À Márcia Stephan, pela companhia atenta e acolhedora nessa longa jornada. À Gilda Montoro pela orientação terna na condução do trabalho clínico.

Às Dra. Ida Kublikowski e Dra. Selma Ribeiro pelos valiosos apontamentos no exame de qualificação.

À Mônica Pereira, pela atenção e paciência na condução dos ditames acadêmicos. Ao Jefferson Pereira, pelo apoio nas análises estatísticas. À Joana d’Arc da Penha Batista, pelo apoio na revisão.

Às companheiras de LELu: Sara Cianelli, Izabela Guedes, Thaís Peixoto, Bárbara Aguiar, Regina Liberato, Fabíola Junqueira, Daniella Reis, Gabriella Pessoa e Ághata Pandolfi, pela humildade e alegria no nosso crescimento mútuo. À “dru” Maria Carolina Andery, companheira de doutorado, por ser ouvido, mãos e muitos sorrisos. À Isabel Valli, pela travessia na Maré Psicologia com sua fala certa e amorosa nos momentos difíceis. À Joseane Pessanha, pelo carinho e otimismo. Ao Daniel Saito, por sempre estar lá.

Aos clientes que formaram a profissional que hoje sou, mais experiente e ávida para me transformar ainda mais. Aos alunos que me lembram que para sempre serei aprendiz.

RESUMO

Os bombeiros militares da função operacional trabalham sob o risco de morte e lidam com o impacto emocional do contato com os seres afetados, com os familiares das pessoas afetadas e com a comunidade atingida. O pesar vicário pode ser vivido por meio de uma sensação de perda de um vínculo, mesmo no contexto pontual do atendimento a uma ocorrência. Esta pesquisa teve o objetivo de compreender o pesar vicário de bombeiros militares, à luz do constructo de senso de coerência. Este constructo avalia os seguintes aspectos: significado, compreensão e manejo na experiência de vida. O método adotado foi de natureza mista. A análise quantitativa descreveu informações sociodemográficas e laborais de 121 participantes, bem como respostas à escala de Orientação para a Vida, que afere o constructo senso de coerência (SOC-13), componentes de um questionário disponibilizado *online*. A análise qualitativa contemplou entrevistas semiestruturadas, realizadas com dez bombeiros da função operacional do estado de São Paulo, que responderam ao questionário. Este estudo sugere que ações específicas voltadas ao pesar vicário no processo de trabalho dos bombeiros sejam desenvolvidas para atender a parte da população que necessite desse acolhimento. A ampliação da estrutura de saúde mental existente na instituição se faz necessária, acompanhada da capilarização do cuidado ao conteúdo sensível do trabalho. A análise do pesar vicário, pela perspectiva do constructo senso de coerência, apontou para a relevância das seguintes dimensões: compreensão, manejo e significado na compreensão da experiência emocional do trabalho, podendo amparar a construção e avaliação de estratégias de promoção e cuidado à saúde mental dos bombeiros militares. Estudos futuros, que utilizem o método qualitativo com a população de bombeiros brasileiros, podem agregar mais sentidos à experiência do trabalho operacional no contexto latino-americano.

Palavras-chave: Pesar vicário; Bombeiros; Senso de coerência.

ABSTRACT

Military firefighters on the frontline work under the risk of death and deal with the emotional impact of contact with the affected people, affected people's families, and the affected community. The vicarious grief can be experienced through a sense of loss of a bond, even in the specific context of a single occurrence. This research aimed to understand the vicarious grief of military firefighters, in the light of the sense of coherence construction, which assesses the following aspects: meaning, understanding and managing in life experience. The method adopted was of a blended nature. The quantitative analysis described sociodemographic and labor information from 121 participants, as well as responses to the Life Orientation scale, which measures the sense of coherence construct (SOC-13), components of a questionnaire which was made available online. The qualitative analysis included semi-structured interviews, conducted with ten firefighters who work on the frontline in the state of São Paulo, who answered the questionnaire. This study necessarily requires that specific actions, regarding vicarious grief in the work process of firefighters, are developed to attend the part of the population that needs this service. It is necessary to expand the existing mental health structure in the institution, along with the capillarization of attention to the sensitive content of the work. The analysis of vicarious grief, from the perspective of the sense of coherence construction, pointed to the relevance of the following dimensions: understanding, management and meaning in understanding the emotional experience of work, which can support the construction and evaluation of mental health promotion and care strategies of military firefighters. Future studies, which use the qualitative method with the population of Brazilian firefighters, can add more meanings to the experience of operational work in the Latin American context.

Keywords: Vicarious grief; Firefighters; Sense of coherence.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 – Características dos entrevistados..... | 84 |
| Quadro 2 – Categoria: O Labor..... | 89 |
| Quadro 3 – Categoria: O Sensível..... | 109 |
| Quadro 4 – Categoria: O Tempo..... | 124 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 – Organograma da PMESP..... | 29 |
| Figura 2 – Organograma do CBPMESP..... | 30 |
| Figura 3 – Amostra da pesquisa na abordagem quantitativa | 75 |
| Figura 4 – Amostra da pesquisa na abordagem qualitativa | 83 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1– Dados sociodemográficos da amostra..... | 76 |
| Tabela 2 – Pontuações médias da escala SOC-13..... | 79 |
| Tabela 3 – Percentis do T-Score da pontuação total do SOC-13..... | 79 |
| Tabela 4 - Relação entre tercis e T-Score do SOC-13..... | 80 |
| Tabela 5 - Relação entre faixas de percentis e <i>score</i> total do SOC-13..... | 80 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPS – Centro de Atenção Psicológica e Social

CBPMESP - Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo

CCB – Comando do Corpo de Bombeiros

CFP – Conselho Federal de Psicologia

COBOM – Central de Operações dos Bombeiros

EPI – Equipamento de Proteção Individual

ESB – Escola Superior de Bombeiros

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

GB – Grupamento de Bombeiros

GBMar – Grupamentos de Bombeiros Marítimo

GRAU – Grupo de Resgate e Atenção às Urgências e Emergências

LELu – Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto

NAPS – Núcleo de Atenção Psicossocial da Polícia Militar do Estado de São Paulo

NR – Norma Regulamentadora

PAAPM – Programa de Acompanhamento e Apoio ao Policial Militar do Estado de São Paulo

PB – Posto de Bombeiros

PED – Psicologia de Emergências e Desastres

POP – Procedimento Operacional Padrão

PMESP – Polícia Militar do Estado de São Paulo

SAMU – Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

SOC – Senso de Coerência

SiSMen – Sistema de Saúde Mental da PMESP

TAF – Teste de Aptidão Física

ONU – Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

| | | |
|-----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 15 |
| 2 | O CENÁRIO DE ADVERSIDADE: INCIDENTE CRÍTICO, URGÊNCIA, EMERGÊNCIA E DESASTRE..... | 21 |
| 3 | O CORPO DE BOMBEIROS DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO..... | 27 |
| 4 | O PESAR VICÁRIO NO TRABALHO DO BOMBEIRO MILITAR..... | 41 |
| 5 | A SALUTOGÊNESE E O SENSO DE COERÊNCIA | 57 |
| 6 | OBJETIVOS..... | 61 |
| 6.1 | OBJETIVO GERAL | 61 |
| 6.2 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... | 61 |
| 7 | MÉTODO | 63 |
| 7.1 | LOCAL DA PESQUISA | 64 |
| 7.2 | PARTICIPANTES..... | 65 |
| 7.3 | DIVULGAÇÃO..... | 65 |
| 7.4 | QUESTÕES ÉTICAS | 65 |
| 7.5 | ABORDAGEM QUANTITATIVA | 66 |
| 7.5.1 | <i>Amostra.....</i> | <i>66</i> |
| 7.5.2 | <i>Coleta de dados.....</i> | <i>66</i> |
| 7.5.3 | <i>Análise dos dados.....</i> | <i>67</i> |
| 7.6 | ABORDAGEM QUALITATIVA | 68 |
| 7.6.1 | <i>Coleta de dados.....</i> | <i>68</i> |
| 7.6.2 | <i>Análise dos dados.....</i> | <i>69</i> |
| 8 | A ENTRADA NO CAMPO..... | 71 |
| 9 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA ABORDAGEM QUANTITATIVA | 75 |
| 10 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA ABORDAGEM QUALITATIVA | 83 |
| 10.1 | UM OLHAR PARA CADA VOZ..... | 84 |
| 10.2 | ANÁLISE DE CONTEÚDO | 89 |

| | | |
|-----------|--|------------|
| 10.2.1 | <i>Categoria: O labor</i> | 89 |
| 10.2.2 | <i>Categoria: O sensível</i> | 109 |
| 10.2.3 | <i>Categoria: O tempo</i> | 124 |
| 11 | DIÁLOGO DO PESAR VICÁRIO COM O SENSO DE COERÊNCIA | 127 |
| 11.1 | DIMENSÃO COMPREENSÃO | 127 |
| 11.2 | DIMENSÃO MANEJO | 128 |
| 11.3 | DIMENSÃO SIGNIFICADO | 130 |
| 12 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 132 |
| | REFERÊNCIAS | 135 |
| | APÊNDICES | 148 |
| | ANEXOS | 153 |

1 INTRODUÇÃO

*“É muito difícil seguir sendo o que se deve ser e manter sua qualidade profissional
Quando se observa de tão perto o sofrimento.
Nada pode exceder os limites humanos.*

*A vida bate forte; algumas chicotadas doem e
Te deixam aleijado para sempre, mas se o golpe é mais forte
Do que você consegue suportar, acabam contigo”*

(TERCEÑO, 2018, p. 10, tradução nossa)

Estudar a relação saúde/trabalho é, antes de tudo, assumir uma postura de abertura ao campo, à compreensão macro da instituição a ser pesquisada e, do micro, das relações interpessoais estabelecidas ali. O pesquisador é convidado a sair de sua posição confortável, conhecida, prevista e mergulhar em um terreno desconhecido. Desde a faculdade de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), iniciada em 2002, nutria-se o desejo de conhecer de perto diferentes formas de trabalho, bem como os modos como os seres humanos davam sentido a essa experiência que ocupava boa parte do tempo de uma vida.

Ainda no quarto período da faculdade, foi possível iniciar o caminho acadêmico no grupo de pesquisa, coordenado pela Dra. Maria Euchares Motta, sobre as demandas recebidas pelos Conselhos Tutelares de Niterói (RJ). Ali, o encantamento com todo o processo de produção de conhecimento já se fazia e, no trabalho de campo, se confirmou o ofício que me acompanharia por toda a trajetória profissional, até o momento desta escrita.

A primeira aproximação com a temática saúde/trabalho ocorreu em 2005, quando me encontrava como auxiliar de pesquisa em um estudo sobre a saúde da enfermagem, coordenado pela Dra. Lúcia Rotenberg, na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ/RJ). O trabalho de campo consistia na aplicação de um questionário sobre aspectos da saúde e do trabalho de equipes de enfermagem *in loco*, durante suas jornadas de trabalho. Uma experiência valiosa na qual me foi possível acompanhar as fases de planejamento, de aproximação com a instituição e com os trabalhadores.

A experiência com os questionários deixou evidentes as limitações desse meio de compreensão da realidade, considerando ainda o fato de que 50% do questionário era aplicado pelo agente de pesquisa e 50%, pelo próprio participante. Muitos foram os relatos dados ao longo do preenchimento, possível expressão da elaboração emocional dos participantes ao pensarem sobre tantos aspectos de sua vida em um curto espaço de tempo. Cada pergunta disparava reflexões diversas, mas sem a possibilidade de que essas reflexões pudessem se

desenvolver, pois o objetivo principal daquela atividade era o preenchimento correto do questionário. Ali, era plantada uma semente que, aqui, começa a germinar: a necessidade de abrir a escuta e acolher os sentidos do trabalho de quem doa boa parte de sua vida para o cumprimento de um ofício que objetiva aliviar o sofrimento do outro. O trabalho neste grupo de pesquisa se estendeu para além daquele projeto, chegando até 2011.

Ao longo dos seis anos de trabalho seguintes, os estudos seguiram paralelamente à especialização e ao mestrado, ambos realizados no Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, da FIOCRUZ.

Na especialização, uma monografia, escrita em dupla com uma enfermeira que trabalhava como bombeira socorrista, revelou o desafio de estudar o ambiente militar. O tema escolhido foi o estresse ocupacional da equipe de atendimento pré-hospitalar e, ao contrário do esperado, a pesquisa não foi autorizada pela Corporação. Esse evento inesperado desafiava o cumprimento do cronograma. A saída encontrada juntamente ao nosso orientador, Dr. Eduardo Stotz, foi analisar o conteúdo de uma revista especializada no trabalho de resgate. No mestrado, por conta das análises desenvolvidas no grupo de pesquisa, o tema escolhido foi o estresse ocupacional em equipes de enfermagem, fruto da coleta de dados realizada em 2005 com a orientação da Dra. Lúcia Rotenberg.

A fase profissional pós-mestrado possibilitou adentrar outros campos para além da Academia. A atuação em um Centro de Atenção Psicossocial marcou o início de um caminho terapêutico e da vivência do luto pela morte de uma paciente acompanhada pela equipe há cinco anos. Ali, emergia uma dúvida que pautaria esse divisor de águas: quem cuida do luto profissional? Nesta fase, também foi iniciada a experiência como professora de graduação e pós-graduação, lecionando nas áreas de Psicologia e Ergonomia. A experiência de estar bem próxima dos alunos consolidou a certeza de que, ao lado do estudo, a humildade e a mente de aprendiz são dois valiosos trunfos a serem desenvolvidos na função de educadora.

Anos depois, na Especialização em Cuidados Integrativos da Universidade Federal de São Paulo, o estudo da Promoção da Saúde e do conceito de salutogênese contribuiu para a definição de um novo objeto de estudo voltado ao olhar para a saúde, não mais focado nas características do agravo, mas sim orientado para as forças que impulsionam sua manutenção e restauração. O conceito de salutogênese consiste em um modelo teórico descrito pelo pesquisador Aaron Antonovsky (1996) para compreender o processo de manutenção da saúde.

Com a determinação de seguir os estudos sobre essa nova temática e a curiosidade de compreender as experiências de perda e luto, iniciaram-se os estudos com a Dra. Maria Helena Franco, no Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto, da Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo. O acolhimento da Dra. Maria Helena e sua sugestão de voltar à realidade dos bombeiros potencializaram a construção do que se segue nesta Tese. De fato, a temática da saúde mental no trabalho se configura como um campo fértil de novas contribuições e reflexões, ainda mais no que diz respeito à promoção da saúde dos agentes de segurança pública.

Os bombeiros militares compõem as equipes de primeira resposta que representam o poder público no contexto de incidentes, emergências e desastres (FARIA; PRADO, 2017), cenário a ser aprofundado no Capítulo 1. Esses profissionais integram a linha de cuidado imediato na segurança pública e, portanto, recebem o impacto da adversidade depois dos seres afetados diretamente por ela.

Com a função de desenvolver tarefas de combate a incêndios, salvamentos e resgates, o trabalho dos bombeiros militares em ocorrências envolve alto risco de agravos físicos e psíquicos. Conforme definição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2014), um estressor traumático se refere a todo evento que pode causar ameaça de morte, violência sexual e lesão séria a uma pessoa, membro da família ou amigo próximo. Assim, é possível se concluir que o trabalho dos bombeiros lida com conteúdo potencialmente traumático. As características do trabalho desses profissionais serão descritas no Capítulo 2.

Figura conhecida do cotidiano das grandes cidades, sinônimo de confiança e segurança, os bombeiros lideram o seleto grupo de profissionais que recebem o reconhecimento da população brasileira, como aponta a pesquisa *Marcas de Confiança*, mencionada no *site* do Governo de São Paulo (2011). Reconhecimento percebido pelos bombeiros com alto grau de satisfação (ALBUQUERQUE; JESUS; TIECHER, 2019) perante sua ampla atuação no contexto das emergências e desastres.

Este estudo investiga o impacto emocional no trabalho em ocorrências, um encontro entre pessoas em situação extrema. De um lado, um profissional treinado para realizar técnicas específicas sob condições limite; do outro, um ser em estado de vulnerabilidade, à espera de socorro. Treinados exaustivamente para realizar técnicas de combate a incêndio, salvamento e resgate, como, porém, estar igualmente preparado para as emoções e sensações advindas desse encontro?

O bombeiro, antes de ser um profissional, é uma pessoa com uma história de vida e seus atravessamentos sociais, econômicos e culturais. Uma pessoa que vive suas experiências na esfera íntima e que, apesar delas, precisa estar totalmente atento e focado para que a sua eficiência no trabalho seja realizada plenamente. Homens e mulheres que lidam com as peculiaridades de um ambiente organizacional majoritariamente masculino e gerido na lógica

militar. Pessoas que escolhem correr na direção do risco quando todas as demais fogem; expondo seus corpos ao risco no intento de salvar vidas.

Neste estudo, serão apreendidos os significados e sentidos relativos ao sentimento de pesar no trabalho em ocorrências, conceito denominado por Kastenbaum (1987) como pesar vicário, que se define como o sentimento de perda ao testemunhar o sofrimento de outra pessoa. Essa forma de enfrentamento de situações difíceis será desenvolvida no Capítulo 3.

A experiência do pesar vicário, portanto, será analisada no presente estudo pela perspectiva do constructo senso de coerência, definida por Antonovsky (1987), para compreender as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos indivíduos na vivência de experiências difíceis, que é refinado pelas dimensões: significado, compreensão e manejo, descritas no Capítulo 4.

Visitas de reconhecimento ao Comando Central do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo possibilitaram lapidar o tema, alinhando o foco de estudo às demandas da instituição. Os dados obtidos poderão subsidiar intervenções específicas com os bombeiros militares, como também contribuir com o já existente Programa de Acompanhamento e Apoio ao Policial Militar (PAAPM – NI nº PM3-002/03/14), realizado pelo Centro de Atenção Psicológica e Social da Polícia Militar de São Paulo (CAPS).

O Programa, que tem por objetivo cuidar e promover a saúde mental da Corporação, obedece à Nota técnica do Conselho Federal de Psicologia (2016), que sugere que as instituições atentem à saúde dos trabalhadores atingidos por desastres, cuidando da atenção psicossocial de forma contínua. De que modo, portanto, as instituições podem proporcionar espaços para a elaboração de experiências potencialmente traumáticas? Torna-se importante compreender os recursos utilizados pelos bombeiros para lidar com a experiência do pesar vicário, a fim de aperfeiçoar as estratégias de cuidado oferecidas a eles pela Corporação.

O desafio previsto pelos bombeiros nas primeiras reuniões de entrada no campo foi confirmado ao iniciarmos a pesquisa bibliográfica: o tema do sofrimento no trabalho do bombeiro é comumente atrelado ao diagnóstico de transtorno de estresse pós-traumático. De modo a adentrar a experiência nas ocorrências, os sentidos construídos na relação com os seres afetados e os recursos utilizados para lidar com essa adversidade, foi necessário ampliar a busca dos materiais de consulta. Este estudo, portanto, contemplou um arcabouço que agregou o material comumente utilizado em pesquisa – livros científicos, artigos, dissertações e teses – a um conjunto de materiais não convencionais, tais como livros não didáticos, filmes, reportagens e *sites*, que cumpriram a função de retratar o cotidiano do trabalho dos bombeiros da função operacional.

A coleta de dados foi realizada no período da pandemia de COVID-19, que, ao longo de 2021, segue impactando fortemente o viver da população brasileira e, conseqüentemente, o modo de fazer pesquisa. A necessidade de efetuar a quebra da cadeia de transmissão do vírus estimulou a adoção de medidas de isolamento, quarentena e distanciamento social (SCHMIDT et al, 2020). Com isso, foi preciso readequar o método de coleta de dados do presencial para o *online* com vistas a resguardar a saúde de todos os envolvidos.

Como De Boni (2020) destaca, a *internet* possibilitou a continuidade de muitos projetos de pesquisa, otimizando o custo do trabalho de campo e sua implementação, bem como acelerando o tratamento dos dados.

É imprescindível considerar os impactos à saúde mental da população relativos às características do momento histórico em que a coleta de dados foi realizada, tais como o aumento da ansiedade e estresse devido ao isolamento social e à falta de controle sobre o avanço da pandemia, segundo material produzido pela Organização das Nações Unidas (UNITED NATIONS, 2020). A rotina dos bombeiros militares foi particularmente afetada, uma vez que eles compõem os trabalhadores da linha de frente, não podendo ausentar-se do serviço (LIMA et al, 2020). Assim, soma-se à experiência do pesar vicário, o trabalho em período de pandemia, contexto inédito na experiência profissional de todos os trabalhadores do nosso tempo.

2 O CENÁRIO DE ADVERSIDADE: INCIDENTE CRÍTICO, URGÊNCIA, EMERGÊNCIA E DESASTRE

O cenário adverso desafia as competências e os limites biopsíquicos das pessoas. Sendo o evento simples ou complexo, pessoas em situação de grande vulnerabilidade encontram-se com profissionais de altas habilidades técnicas, fruto de sucessivos treinamentos, para realizar procedimentos de resgate, combates a incêndios e salvamentos. Neste Capítulo, serão apresentados os conceitos que delinham o campo em que os bombeiros militares atuam.

O conceito de vítima tem sido substituído por proposições oriundas do campo da Filosofia Política e das Ciências Sociais. Oliveira (2019) aprofunda a compreensão de vítima a partir dos estudos do filósofo Enrique Dussel e complementa que “a exclusão moderna não é mais resultado da intolerância violenta do opressor, como era nas sociedades tradicionais, mas o resultado de processos sociais, econômicos e políticos de legitimação” (P. 30).

Santos (2015) aborda o conceito de atingidos no contexto do desalojamento para a construção de barragens. A autora aponta que a utilização deste termo defende o lugar de resistência política de pessoas que tiveram seus direitos tomados por grandes instituições. Assim, o termo vítima escamoteia o agente de mudança em potencial que são todos os seres afetados em um contexto de adversidade.

De modo a ampliar a perspectiva da presente Tese, na direção dos direitos sociais do cidadão, o conceito de afetados foi usado para definir todos os seres afetados, animais e humanos, pelo contexto de adversidade, incorporando nessa compreensão os próprios bombeiros militares.

Na linguagem da Defesa Civil (BRASIL, 1998), o conceito de incidente crítico denota todo evento que pode gerar danos. Esse incidente afeta sobremaneira a saúde física e mental do trabalhador, conforme corroboram Alexander et al (2001), ocorrendo em eventos corriqueiros, urgências e também em eventos de grande escala, emergências e desastres. Define-se urgência como uma situação que requer atendimento, não necessariamente com risco de morte (BRASIL, 1998), em que a pronta atuação pode prevenir danos que gerem um estado de emergência.

Segundo a Organização das Nações Unidas (UNITED NATIONS, 2009), a emergência consiste em uma adversidade que exige ação imediata, pois há risco de morte, necessitando ações de prevenção para minimizar uma situação de desastre.

Cogo et al (2015) definem o desastre como um fenômeno universal que desestabiliza a todos, afetando a noção de mundo presumido estabelecido anteriormente. Parkes (1971) apresenta o conceito de mundo presumido como um conjunto de significados construídos ao

longo da vida: impressões, julgamentos do presente e do futuro, projetos, conteúdo este que é colocado em xeque em momentos de crise na história de vida de uma pessoa.

As equipes de primeira resposta atuam na linha de frente, chegando primeiro à cena da ocorrência e entrando em contato direto com os afetados e a comunidade do entorno. A depender da magnitude do evento, diferentes aspectos podem ser considerados para avaliar a complexidade da ocorrência: o número de pessoas atingidas, sobreviventes e mortos, o tempo de trabalho, o tipo de trabalho a ser realizado (resgate, salvamento, deslizamento, altura), o número de equipes envolvidas.

As características da ocorrência podem contribuir para o desgaste físico e emocional das equipes, mas não são determinantes. Naturale (2015) diferencia os desastres dos eventos traumáticos pessoais, sendo estes menores em magnitude, mas que podem impactar emocionalmente os profissionais de primeira resposta. Já os desastres teriam maior capacidade de mobilização emocional, pois são potencializados pela magnitude do evento no território e de afetados diretos e indiretos.

O atendimento de socorro às urgências e emergências no Estado de São Paulo é realizado pelo Corpo de Bombeiros, pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), pelo Grupo de Resgate e Atenção às Urgências e Emergências (GRAU) e pela Defesa Civil.

Naturale (2015) estabelece uma tipificação dos desastres, que seriam: a) os naturais, como enchentes, terremotos, furacões, dentre outros eventos relacionados ao clima; b) os acidentes envolvendo veículos de transporte em massa e acidentes industriais; c) os causados intencionalmente pelo homem, como eventos de violência em massa e ataques terroristas.

Em um cenário de desastre, muitos sujeitos estão envolvidos: os seres afetados diretamente, os familiares, a população do entorno, os profissionais de primeira resposta, os profissionais da mídia e os espectadores que podem acompanhar em tempo real a operação de salvamento. Todos os seres afetados de forma primária, diretamente atingidos pelo ocorrido, e as secundárias, aparentemente mais protegidas do dano, podem necessitar de acolhimento e atendimento em algum momento.

As fases de um desastre descritas por Giel (1990) ilustram diferentes momentos e suas especificidades:

- a) **Na fase pré-desastre**, destaca-se a necessidade de manter as comunidades alertas e preparadas, contando com avaliações de probabilidade;

- b) **A fase do aguardo**, quando na iminência do desastre, durando minutos ou horas, é marcada pela possibilidade de aviso à população e risco de grande comoção e pânico, em que o estresse atinge o mais alto grau de forma incontrolável;
- c) **A fase do impacto** propriamente dito pode envolver sinais de pânico e apatia. O autor estima que aproximadamente 75% da população seja fortemente impactada e apresenta reações emocionais que podem demandar maior atenção por parte dos profissionais de saúde;
- d) **A fase do recuo** é descrita como o momento em que podem emergir o estresse secundário, as histórias sobre o ocorrido e a possibilidade de retorno ao local do evento;
- e) **A fase pós-desastre** pode ainda apresentar sinais de oscilação emocional e comportamental, com manifestações como estresse pós-traumático, luto, depressão e sintomas físicos;

A Psicologia possui um papel relevante no cuidado ao sofrimento individual e coletivo, com atuação nas frentes da promoção do apoio social, do fortalecimento de laços e ações de natureza multidisciplinar, em parceria com as áreas de Saúde, Assistência Social e Defesa Civil. De acordo com Cogo et al (2015), os impactos dos eventos adversos atingem duas esferas: (1) tangível (os aspectos físicos e concretos); (2) intangível (o sofrimento emocional, a perda da sensação de segurança e da rotina que definem uma identidade, a noção de pertença ao território), sendo esta segunda o foco de ação dos profissionais psicólogos.

Como um dos impactos emocionais que podem afetar a todos os envolvidos nesse contexto, a experiência do luto, como descreve Franco (2010), compreende a perda de um vínculo com uma pessoa significativa, sendo, portanto, uma experiência determinada por múltiplos fatores, tais como aspectos pessoais, culturais e sociais que interagem nessa experiência.

Franco (2012) ainda analisa o fenômeno no contexto de desastres em que destaca seu caráter transformador, que desafia todas as crenças pessoais anteriores ao evento traumático, afetando sobremaneira o senso de segurança do indivíduo. Nesse entendimento, a autora amplia a compreensão da sensação de perda para além da morte de uma pessoa estimada, mas também para a quebra de vínculos identitários e de pertença.

A Psicologia de Emergências e Desastres (PED) terá poder de ação no cuidado aos danos subjetivos, tais como o sofrimento das pessoas atingidas, o luto dos familiares e da comunidade,

a tristeza e o cansaço por parte dos profissionais de primeira resposta. Além do cuidado emocional ao próprio profissional de Psicologia ao lidar com toda a adversidade.

Cabe uma reflexão acerca do seu estado emocional para o atendimento dessas necessidades em contexto adverso. Acolher a vulnerabilidade do outro em um contexto de crise implica conhecer de forma honesta e ampla seus próprios limites e sua própria vulnerabilidade. O autoconhecimento do psicólogo o orientará para definir e reconhecer suas potências e pontos cegos, norteadores das missões que poderá assumir.

Cogo et al (2015) e Lopes e Sant'anna Filho (2017) apresentaram como marco importante para o início da PED a Nota Técnica de 2013 sobre a atuação de psicólogos em situações de emergências e desastres, alinhada à Gestão Integral de Riscos e Desastres. A norma ainda estabelece a integração das ações da Psicologia com o aparato da Defesa Civil, Segurança Pública, Assistência Social, Educação e Saúde, nos âmbitos público e privado.

Ao se considerar as pessoas envolvidas, suas necessidades e condições psíquicas de enfrentamento, os psicólogos podem delinear ações diretas ou indiretas no que tange ao contato com os seres afetados. Nas intervenções, as ações diretas podem envolver trabalhar no contato direto com os diferentes atores do evento adverso. Por outro lado, a observação e o mapeamento, ações indiretas, podem igualmente contribuir com o levantamento de necessidades de todos os envolvidos na fase de planejamento, bem como na avaliação em curso de estratégias adotadas. O levantamento dos fatores de risco e proteção na cena da adversidade, por parte do profissional de Psicologia, tem fundamental relevância, visto que, a partir dessas informações, será possível definir estratégias de cuidado alinhadas às necessidades da população alvo.

Em Nota Técnica do Conselho Federal de Psicologia (2016), recomenda-se a atuação da Psicologia na Gestão Integral de Riscos e Desastres, inserida nas cinco fases descritas pela Política Nacional de Proteção e Defesa Civil (PNPDEC), que são: prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação. Sendo as fases: prevenção, mitigação e preparação anteriores ao evento adverso, a resposta como sendo o momento pontual da adversidade e a recuperação como o momento pós-evento adverso, o presente Estudo se aprofundará na fase de recuperação. Nela, o significado do que foi vivido poderá ser assimilado e verbalizado.

Lopes e Sant'anna Filho (2017) indicam as possibilidades de atuação da Psicologia nas diferentes fases:

- a) **Prevenção/mitigação:** capacitação de profissionais de defesa civil, capacitação da comunidade, projetos educativos;

- b) **Preparação:** suporte à comunidade nos planos de contingência;
- c) **Resposta:** gestão e administração dos efeitos, atendimento aos seres afetados, equipes de resgate e assistência social;
- d) **Recuperação:** levantamento das necessidades da população para contribuição nos planos de reconstrução. Seguimento nos atendimentos à população que exige cuidados. Suporte psicológico aos profissionais de primeira resposta.

Para este Estudo, será focado o trabalho dos bombeiros militares que atuam em ocorrências de diferentes complexidades, de resgates de animais a desastres de grande vulto. O foco das análises será a fase pós-incidente crítico, em que os impactos emocionais ainda reverberam e podem carecer de cuidados, como aponta Giel (1990). No entanto, este Estudo é realizado no período que compreende a pandemia de COVID-19, um cenário de desastre pelo alto risco biológico, além dos impactos sociais e econômicos advindos da crise instalada.

Campion et al (2020) expressam preocupação com a saúde mental da população geral no presente contexto e, principalmente, de populações específicas em que os profissionais do cuidado se inserem como aqueles que precisam cuidar diretamente de todos os afetados pela adversidade. Dentre os profissionais da linha de frente, os bombeiros precisaram adotar novos protocolos de segurança nos atendimentos. Torna-se evidente, portanto, a realidade inerente à natureza do seu trabalho e pouco considerada pela população geral: o bombeiro também pode tornar-se afetado pelo evento adverso que atende. Dessa forma, a PED possui o aparato teórico-prático para contribuir para o enfrentamento dos desafios do campo, aberta às idiosincrasias das instituições.

Vasconcelos, Batista e Lima (2017) analisam o desenvolvimento da Psicologia dentro do Corpo de Bombeiros Militares de Minas Gerais, como a união da Psicologia Clínica e da Psicologia do Trabalho. Ambas as áreas complementam o olhar integral para o fazer do trabalhador bombeiro. Ao passo em que há espaço e demanda para o trabalho individual, clínico, o trabalho coletivo pode propor mudanças estruturais em prol da saúde da categoria.

3 O CORPO DE BOMBEIROS DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO

O histórico dos bombeiros em São Paulo, apresentado por Galluzzi (2018), remonta ao ano de 1874, com a organização da primeira Turma de bombeiros após ocorrências de incêndio importantes na cidade. À época, o serviço estava vinculado à Companhia de Urbanos, que é equivalente à Guarda Civil. A estruturação enquanto Corporação tem como data de regulamentação oficial o dia 10 de março de 1880, na sequência de um incêndio que acometeu a Faculdade de Direito e a Igreja de São Francisco. Com o crescente de urbanização e povoamento, a estrutura de atendimento precisou ser ampliada em número de postos e de efetivo, especificando-se, portanto, para as diferentes demandas que o território apresentava.

Em 1985, foi criado o Grupamento de Busca e Salvamento (atual GBMar) para a proteção dos banhistas pela orla, inicialmente de Guarujá, Santos e São Vicente. Pela Constituição de 1988, o Corpo de Bombeiros é disponibilizado como força auxiliar e de reserva do Exército ao lado da polícia militar, polícia civil, polícia penal, estadual e distrital aos Governos dos estados, Distrito Federal e territórios (Brasil, 2019 [1988]). O efetivo de bombeiros que, desde sua criação era composto somente por homens, passou a receber mulheres a partir de 1991.

A gestão do Corpo de Bombeiros em São Paulo está incorporada à estrutura da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP). Conforme atualização nos *sites* dos Corpos de Bombeiros do Brasil, a partir de dados do estudo de Costa (2002), no ano de 2021, somente os estados de São Paulo e Paraná seguem sob a gestão da polícia militar, com a desmilitarização dos Corpos de Bombeiros nos demais estados da Federação.

A PMESP comanda um efetivo que inclui policiais militares e rodoviários, policiamento de choque, policiamento de trânsito, policiamento rodoviário, policiamento ambiental e bombeiros. O Corpo de Bombeiros está incorporado no Objetivo Estratégico no. 6 da PMESP, que consiste em integrar governo e sociedade, de acordo com o Sistema Estadual de Atendimento de Emergências no Estado de São Paulo, sendo o Corpo de Bombeiros o coordenador do Sistema Estadual. Somam-se atividades de vistoria técnica de edificações e áreas de risco, o fortalecimento da cultura de prevenção por meio da educação, além de viabilizar o acesso da população ao serviço de bombeiros e defesa civil.

Assim, o Corpo de Bombeiros integra o Sistema Nacional de Defesa Civil de Emergência, liderado pela Secretaria Nacional de Defesa Civil, do Ministério da Integração

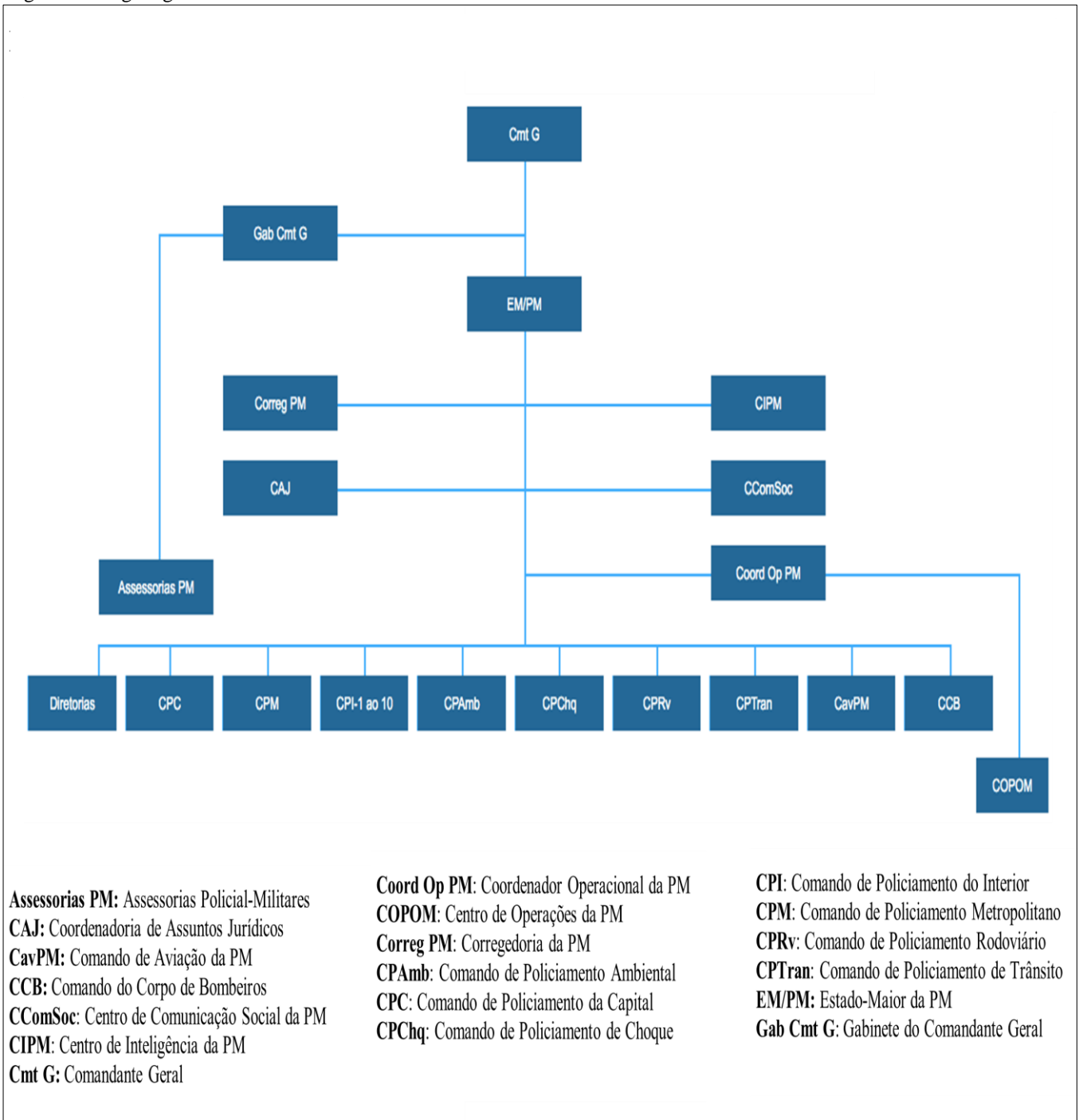
Nacional, juntamente com a Defesa Civil, os Bombeiros Civis, Bombeiros Voluntários, o Plano de Auxílio Mútuo (PAM) e o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU).

No território do estado de São Paulo, composto por 645 municípios, o Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo (CBPMESP) divide-se em Capital, Metropolitana, Interior e Litoral, distribuído em 20 Grupamentos de Bombeiros (GB): 04 na capital, 04 na região metropolitana, 12 no interior; 1 Grupamento Marítimo no litoral (GBMar), além de Comandos na Grande São Paulo, no Interior e em outras unidades administrativas e operacionais.

Sob a gerência dos GBs estão os 256 postos de Bombeiros distribuídos pelo estado, que abrigam todo o efetivo, e veículos para o atendimento às ocorrências, segundo informação obtida na fase de reconhecimento de campo. A Escola Superior dos Bombeiros (ESB), localizada no município de Franco da Rocha (SP), é a unidade de treinamento que oferece os cursos de formação para especialização de bombeiros militares e treinamento em produtos perigosos, resgate, salvamento terrestre, aquático e em altura, combate a incêndio, aberta para alunos militares de outros estados e países.

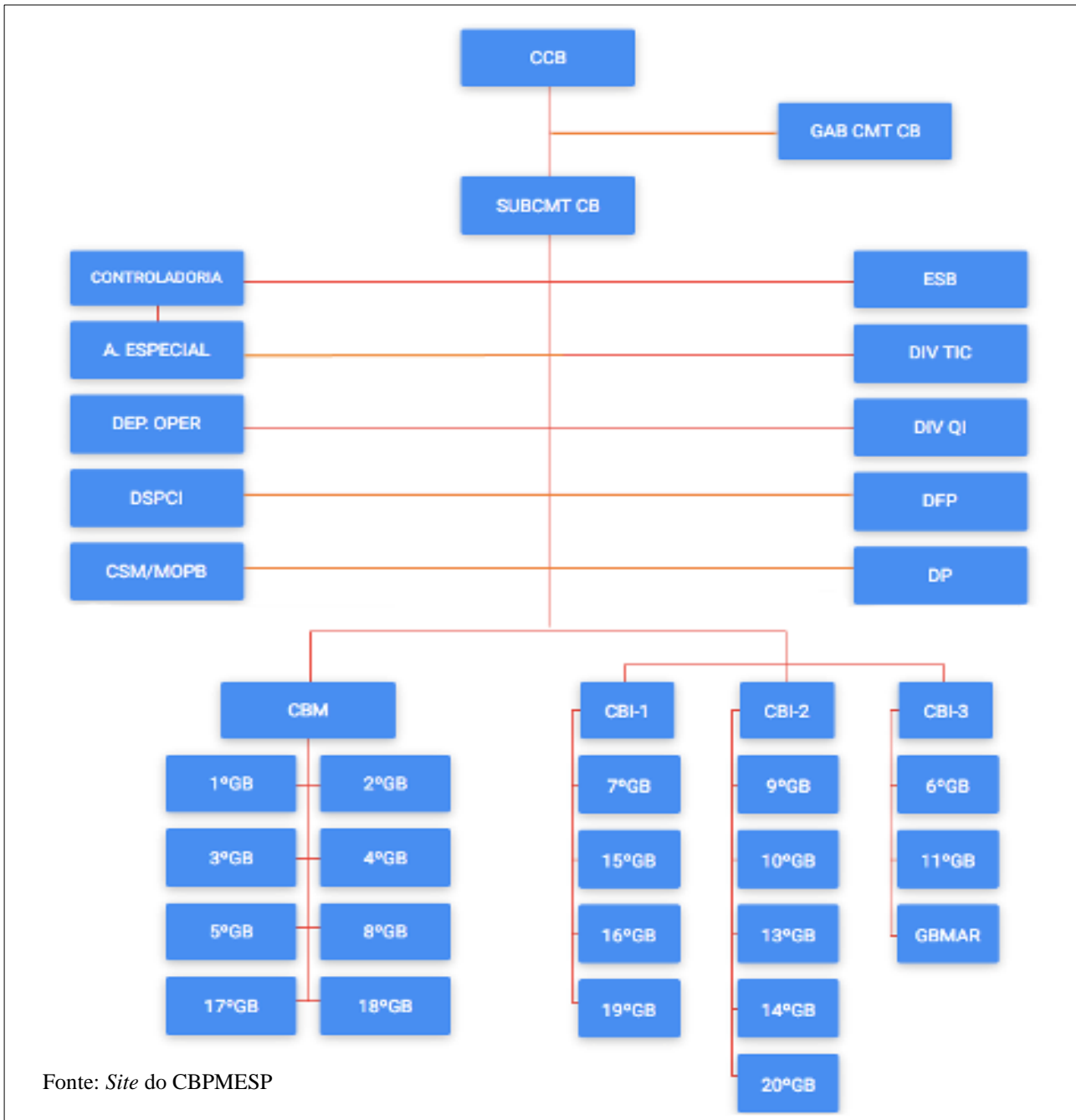
Os organogramas a seguir apresentam a organização da PMESP e CBPMESP, o primeiro ilustrando o amplo efetivo gerido pela PMESP e a posição dos bombeiros neste cenário. A posição do CB no organograma localiza-se na penúltima linha, na extrema direita. No organograma do CBPMESP, é possível se visualizar a distribuição da gestão dos Grupamentos de Bombeiros no Estado (**Figuras 1 e 2**).

Figura 1 – Organograma da PMESP



Fonte: Site da PMESP

Figura 2 – Organograma do CBPMESP



A. ESPECIAL – Agência Especial

DEP. OPER – Departamento de Operações

DSPCI – Departamento de Segurança e Prevenção Contra Incêndio

CSM/MOPB – Centro de Suprimento e Manutenção do Material Operacional de Bombeiros

ESB – Escola Superior de Bombeiros

DIV TIC - Divisão de Tecnologia da Informação e Comunicação

DIV QI – Divisão de Qualidade e Inovação

DFP – Departamento de Finanças e Patrimônio

DP – Departamento de Pessoal

CBM – Comando de Bombeiros Metropolitanos

CBI-1 – Comando de Bombeiros do Interior – Campinas

CBI-2 – Comando de Bombeiros do Interior – Bauru

CBI-3 – Comando de Bombeiros do Interior – Santos | Guarujá

O ingresso nos bombeiros ocorre de duas formas: por concurso público para civis, pela PMESP, e pela migração do militar do policiamento, para os bombeiros. A disponibilidade de vagas para os bombeiros ocupa a margem de 10% daquelas requeridas para o policiamento. A entrada do candidato civil se dá por concurso pela PMESP em que, após a conclusão de todas as etapas, o candidato pode escolher realizar o Teste de Aptidão Física (TAF) para pleitear uma vaga nos bombeiros.

A entrada nos bombeiros ocorre mediante a classificação dos candidatos no TAF, segundo a disponibilidade de vagas. Outra forma de ingresso ocorre quando o policial militar decide migrar para os bombeiros, realizando um teste de aptidão e, conforme aprovação, seguir no cumprimento do curso de adaptação ao serviço de bombeiro. Para participar dos concursos de ingresso na PMESP é necessário ter idade mínima de 17 anos, Ensino Médio completo e nenhum registro em ficha criminal.

Ao longo do tempo de trabalho, o bombeiro pode ser convocado para a promoção de carreira, por mérito (realização de cursos dentro e fora da Corporação), e/ou por antiguidade devendo, para isso, cursar a formação específica para a patente devida. Pelo fato de a organização gerencial do Corpo de Bombeiros estar sob a gestão da PMESP, os cursos de formação de sargentos e oficiais são realizados inicialmente nas instalações da Polícia Militar e em seguida é oferecido o curso específico para bombeiros, na ESB. A formação de soldados, tanto para a polícia militar como para os bombeiros, é realizada integralmente na ESB.

Segundo dados do *site* do CBPMESP (2020a), no ano de 2020, os bombeiros atenderam 2,3 milhões de ligações pelo telefone 193 (emergência) e responderam a 480 mil ocorrências, sendo 205 mil resgates, 66 mil salvamentos e 55 mil incêndios. Foram salvas 217 mil vidas. Segundo dados apresentados por Galluzzi (2018), no ano de 2018, o CBPMESP totalizava um efetivo de 8.686 bombeiros nas mais diferentes funções, sendo 8.112 homens e 574 mulheres. No ano de 2020, o efetivo era formado por 8.400 bombeiros, conforme dado do *site* do CBPMESP. O efetivo total do PMESP totalizava 83.000 trabalhadores em 2018 (PMESP, 2019).

Para investigar a atividade de trabalho dos bombeiros e compreender seus elementos constituintes, a organização e processo de trabalho precisam ser conhecidos. Embora a distinção entre os dois conceitos seja desafiadora, tendo em vista suas conexões, foi estabelecida uma diferenciação de modo a visualizar as relações estruturais e relacionais existentes.

Dejours (1986) define a organização do trabalho como a estrutura que engloba a divisão das tarefas e dos trabalhadores: normas, valores e definição de procedimentos. Beato (2001) localiza a relação do trabalhador com a estrutura na região do intersubjetivo. De fato, o processo

de trabalho efetiva a realização da estrutura por meio das relações de poder e de existência dos trabalhadores, sofrendo atravessamentos socioeconômicos e culturais, campo definido por Laurell e Noriega (1989), como físico, social e biopsíquico.

Por estar incorporado à estrutura da Polícia Militar, o processo de trabalho desses profissionais agrega tarefas e condutas militares (hierarquia, hasteamento da bandeira, instrução, formatura) a tarefas técnicas, como a verificação de equipamentos e viaturas. Ao formar-se militar, o Juramento da Bandeira define o ideário que permeará o trabalho desse profissional. Aspectos como respeito, hierarquia, honra, integridade e sacrifício em prol do outro são destacados:

Incorporando-me à Polícia Militar do Estado de São Paulo, prometo cumprir rigorosamente as ordens das autoridades a que estiver subordinado, respeitar os superiores hierárquicos e tratar com atenção os irmãos de armas, e com bondade os subordinados; e dedicar-me integralmente ao serviço da pátria, cuja honra, integridade e instituições defenderei com o sacrifício da própria vida (BRASIL 1983, n.p.).

De acordo com a estrutura militar, as patentes são descritas pela Classificação Brasileira de Ocupações (2020). A denominação de praça é designada a cabos, soldados, que têm como função o trabalho operacional, realizando resgates e salvamentos, combate a incêndio, ocorrências com produtos perigosos e prevenção a acidentes. Sargentos e subtenentes igualmente trabalham na função operacional, no entanto, comandam as tropas e chefiam guarnições.

Os oficiais são os militares designados mais a funções de comando, administrativas e de planejamento. Os primeiro e segundo tenentes são oficiais subalternos, que realizam o ofício de comando das tropas e postos nas ocorrências, no planejamento das atividades operacionais e administrativas. Os capitães são considerados oficiais intermediários e realizam funções administrativas em nível tático e operacional, administrativo de recursos humanos, materiais e financeiros. Os tenentes-coronéis, majores e coronéis compõem os mais altos graus dos oficiais, realizando atividades estratégicas, comandando as unidades operacionais do corpo de bombeiros.

O trabalho do bombeiro militar se desdobra em combate a incêndio, busca e salvamento, atendimento pré-hospitalar e serviços técnicos. O combate a incêndio consiste em uma ocorrência mais arriscada e envolve técnicas de combate, contenção do fogo e suprimento de água. Para que esta atividade seja possível, os bombeiros realizam a manutenção periódica de todos os equipamentos e viaturas utilizados nas ocorrências. Na atividade de busca e salvamento, as ocorrências podem envolver pessoas, animais e meio ambiente, além de bens

materiais. Constitui, portanto, uma ação mais diversa que se dá em meio terrestre, aquático, em altura e submerso. Já o atendimento pré-hospitalar envolve procedimentos específicos de socorro realizados por profissionais de saúde, denominados socorristas, que dão suporte a situações de traumas e emergências. A última área de atuação, os serviços técnicos, referem-se a ações de vistoria, certificações de edificações comerciais e concentração de público.

Os chamados bombeiros da função operacional, foco deste Estudo, são aqueles que atuam em incêndios, salvamentos e resgates. As funções operacionais são desempenhadas de forma direta pelos soldados, cabos, sargentos e tenentes. Cada ocorrência apresenta um encontro com o inesperado, seja quanto à magnitude, à exigência técnica e emocional requerida, o subjetivo que escapa às normas. Daí a relevância de cuidar dos trabalhadores que vivem esse encontro, que pode apresentar experiências que variam desde o resgate de um animal em local de risco até o trabalho de busca e salvamento em desastres como incêndios e deslizamentos de terra.

O efetivo é distribuído em três grupos denominados com as cores da bandeira do Brasil: prontidão verde, prontidão amarela e prontidão azul, que se revezam em plantões de 24 horas de serviço por 48 horas de descanso. Além da denominação prontidão, o termo tropa também pode designar a equipe de trabalho. As equipes são fixas, compartilhando a mesma rotina de trabalho. Segundo informação obtida na fase de reconhecimento de campo, o efetivo do Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo contava com aproximadamente 5.103 trabalhadores respondendo à função operacional no ano de 2019.

O trabalho em ocorrências se inicia com o recebimento de chamadas da população pelo telefone 193, na Central de Operações dos Bombeiros (COBOM). Ali, as informações da ocorrência são filtradas pelo nível de complexidade e finalidade para serem, portanto, designadas aos postos da área de abrangência do local de atendimento. O posto recebe o chamado do COBOM com todas as informações necessárias para a seleção do equipamento e abastecimento da viatura para o posterior deslocamento da tropa para o serviço (FARAH, 2020).

A rotina de trabalho desses profissionais é descrita na reportagem de Regina Amábile (2005) nas 24 horas do plantão de um posto da Grande São Paulo. Um dia que mescla formalidades com momentos de descontração em grupo, como a arrecadação de dinheiro para comprar pão. Na descrição, fica evidente a importância da rotina dentro do posto e as interrupções pelas ocorrências, de natureza e gravidade diversas. As necessidades fisiológicas básicas como alimentação e sono podem ser interrompidas pelo chamado de emergência que pode se concretizar ou não, como quando a equipe foi chamada para atender um acidente de

carro aparentemente com uma pessoa presa nas ferragens, mas que ao chegar perceberam que ela estava bem.

Outro destaque dado pela reportagem diz respeito à agilidade para o atendimento ao mencionar o curto tempo de 30 segundos em que os bombeiros ficaram prontos para partirem para a ocorrência. Farah (2019) complementa a rapidez com que os bombeiros comem, visto que as ocorrências ocorrem em tempo inesperado. Portanto, a recomendação que ouvia dos seus superiores era “sempre que der, coma. E, se o oficial de serviço deixar, durma, pois você não sabe que horas vai comer e que horas poderá dormir” (P. 502).

Na jornada de trabalho do bombeiro, o estado de alerta mantém a atenção sustentada para a execução das tarefas que exigem agilidade. No momento em que a sirene toca, é preciso que a ambulância esteja devidamente equipada e checada e a roupa do bombeiro vestida. O tempo para saída precisa ser o menor possível para garantir a eficiência na prestação do serviço. Inclusive no trabalho em ocorrências, é o estado de alerta que propiciará um atendimento mais ágil, favorecendo um salvamento bem-sucedido. Competências que designam um supra-humano, praticamente um super-herói.

Gonzales (2006) destaca o estado de alerta como uma competência naturalizada entre os bombeiros de atendimento pré-hospitalar, pois assim se sentem “25 horas por dia” (P. 374), como citado por um de seus entrevistados. A autora refere o estado como um desgaste físico e mental que reflete no corpo apresentando sinais de cansaço, irritabilidade, distúrbio do sono e medo de adoecer. Em pesquisa de Albuquerque, Jesus e Tatcher (2019), o desgaste foi apontado por bombeiros do Rio de Janeiro como um fator de sofrimento moderado (41,8%) e alto (36,4%) no trabalho.

O tema da identidade heroica do bombeiro, sustentada pela sua formação e reforçada pela sociedade é abordado em dois estudos. A partir de entrevistas, Capitaneo, Ribeiro e da Silva (2012) destacam a função do papel do herói na identidade do bombeiro e o impacto frente a sua possível ruptura, seja na vida íntima, seja na vida social. De fato, na formação como militar define-se o ideário de sacrifício da própria vida em prol do outro, tal qual firmado no Juramento à Bandeira.

Oliveira e Oliveira (2020) analisaram a figura do herói a partir do conteúdo de dois *blogs* de bombeiros. As autoras apontaram aspectos patogênicos do trabalho no serviço pré-hospitalar, tais como: relações interpessoais, organização do trabalho, assédio moral e falta de reconhecimento. Estes sites foram acessados à época da escrita daquele estudo, mas encontravam-se indisponíveis para consulta no ano de 2020.

O tema da valorização profissional também foi explorado em estudos com bombeiros militares (MONTEIRO et al, 2007; SOUZA, AZEVEDO; OLIVEIRA, 2017; ALBUQUERQUE; JESUS; TATCHER, 2019), apontando a complexidade de se efetivar a sensação de reconhecimento no trabalhador bombeiro, tendo em vista as múltiplas significações desta experiência. Reconhecimentos advindos da Corporação podem ser atribuídos por meio de promoções, condecorações, melhorias nas condições de trabalho e no relacionamento cotidiano, nas relações estabelecidas entre os bombeiros. Reconhecimentos podem vir também por parte da sociedade e do poder público, por meio de homenagens e também por meio de políticas públicas de atenção ao trabalhador.

A Portaria Nº 3.214, do Ministério do Trabalho do Brasil (1990), contém as Normas Regulamentadoras (NR), instrumentos norteadores para a avaliação de riscos no ambiente laboral. A NR-5 descreve os riscos a que os trabalhadores estão expostos: risco de acidentes, biológico, físico, químico e ergonômico. O trabalho do bombeiro que atua diretamente em ocorrências expõe o trabalhador a todos os riscos anteriores. O foco deste Estudo se volta ao caráter subjetivo, ao impacto emocional do bombeiro que testemunha o sofrimento dos afetados e seus familiares. Nesse contexto, a exposição ao risco ergonômico se coloca, uma vez que este pretende adequar o trabalho às condições psicofisiológicas dos trabalhadores (BRASIL, 1990).

O Portaria Nº 25, de 29 de dezembro de 1994, define os riscos ergonômicos como: esforço físico intenso; levantamento e transporte manual de peso; exigência de postura inadequada; controle rígido de produtividade; imposição de ritmos excessivos; trabalho em turno e noturno; jornadas de trabalho prolongadas; monotonia e repetitividade; outras situações causadoras de estresse físico e/ou psíquico (BRASIL, 1994). O reconhecimento do trabalho em risco constante é corroborado pelos próprios bombeiros, em pesquisa de Albuquerque, Jesus e Thatcher (2019), sendo mencionado por 68,6% dos trabalhadores e descritos como o risco de troca de fluidos com os afetados, agressão física e acidentes de trânsito.

No contexto da pandemia da COVID-19, o CBPMESP precisou adaptar o seu trabalho na direção da proteção à população e aos bombeiros. Em entrevista à Revista Incêndio (2020), o chefe da Divisão de Planejamento Operacional do Corpo de Bombeiros, Major Bernardo Curioni, descreve a criação da Sala de Gerenciamento de Crise COVID-19 e a adoção das práticas: intensificação das medidas básicas de higiene; modificação de determinadas manobras técnicas de contato com os afetados; além da inclusão de novos EPIs na rotina. Ainda é informado que, até o dia 22 de setembro de 2020, 962 atendimentos de pessoas com COVID-19 haviam sido realizados. Até aquela data, 623 bombeiros haviam contraído a doença na instituição.

Como relatado pelo Coronel Edgard Estevo da Silva, no prefácio do livro de Farah (2019), o trabalho na função operacional expõe o bombeiro a eventos de grandes proporções, desastres que são raros em frequência, ao lado de ocorrências mais frequentes, tais como deslizamentos de terra e acidentes com produtos perigosos, que podem ser mais arriscadas para os postos de bombeiros pequenos, com um efetivo menor. Justifica-se aí a complexidade desta natureza de trabalho, bem como a relevância dos treinamentos e da capacitação técnica desses profissionais.

Ainda com relação aos aspectos mental e psíquico do trabalho, o terceiro motivo de afastamento do efetivo do Rio de Janeiro foi por questões de saúde mental, conforme estudo de Pires et al (2017), com bombeiros de todas as funções. Temas como *burnout* (MELO et al, 2016), estresse ocupacional (COIMBRA; FERREIRA; ARAÚJO, 2020), estresse pós-traumático (LIMA et al, 2015), ansiedade, depressão e uso de álcool (LIMA; ASSUNÇÃO; BARRETO, 2015; MONTEIRO et al, 2013), além de uso de ansiolíticos (AZEVEDO; LIMA; ASSUNÇÃO, 2019) foram estudados em diferentes grupos de bombeiros militares do Brasil, e indicam os possíveis impactos do trabalho à integridade emocional dessa população. A síndrome de esgotamento profissional é popularmente conhecida como *burnout* (WHO, 1993; MASLACH; JACKSON, 1981).

Maslach e Jackson (1981) sistematizaram o diagnóstico da síndrome *burnout* em três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional. No manual CID-10 (WHO, 1993), a síndrome *burnout* é descrita como um quadro que possui como características sintomas de estresse, acentuação de traços de personalidade, ausência de momentos de repouso e lazer, habilidades sociais inadequadas e incapacidade de exercer papéis cumpridos anteriormente e limites impostos às atividades por invalidez. Essa síndrome está diretamente ligada a atividades profissionais de assistência à saúde e atendimento ao público, em que os bombeiros se encontram (MELO; CARLOTTO, 2016).

O estresse pós-traumático, conforme definido pelo DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), prevê a vivência direta de uma experiência traumática – ou o testemunho desta com uma pessoa de vínculo próximo – e o desenvolvimento de um ou mais sintomas cognitivos e emocionais associados ao evento traumático. O estresse traumático secundário seria, portanto, a apresentação dos mesmos sintomas do estresse pós-traumático por pessoas que não estavam diretamente afetadas pelo evento traumático, porém, próximas.

De modo a cuidar dos aspectos emocionais da tropa, a PMESP possui uma estrutura de cuidado à saúde mental que atende o militar desde a sua entrada até o momento da reserva. A

estrutura de cuidado à saúde mental do militar na PMESP foi apresentada pelo Major Mário Kitsuya, subchefe do Centro de Atenção Psicológica e Social da Polícia Militar do Estado de São Paulo (CAPS), em apresentação para o Núcleo de Estudos da Violência (2020). O Sistema de Saúde Mental da Polícia Militar (SiSMen) foi criado pela Lei Nº 9628/97 e regulamentado pelo Decreto Nº 46039/01, encontrando-se subordinado ao Quadro de Pessoal da PMESP.

Como executores das ações, foram criados o Centro de Atenção Psicológica e Social, que cumpre a função de gestão, e os Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS). Os NAPS realizam a função de capilarizar o cuidado à saúde mental no território do estado e, segundo dados da PMESP (2019), abrangem 32% das unidades da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Até 2019, a instituição contava com um CAPS e 35 NAPS, com a presença de 113 psicólogos (os). Entre os anos de 2017 e 2018, 9166 policiais militares foram atendidos.

Uma peculiaridade quanto à gestão do trabalho da Psicologia diz respeito a esses profissionais serem praças e não integrarem o Quadro de Saúde da instituição (ocupado por oficiais), o que culmina na combinação do trabalho de assistência, e todo empenho direcionado no preparo e capacitação para a atividade, com a possibilidade de ser escalado para o trabalho operacional. Este fato termina por desmotivar a integração de mais profissionais militares ao Quadro. O redirecionamento desse efetivo para o Quadro de Saúde contribuiria com a construção de um saber interdisciplinar, além de canalizar o trabalho das (os) psicólogas (os) exclusivamente na assistência à saúde mental (PMESP, 2019).

O CAPS desenvolve ações de prevenção e tratamento em diferentes momentos da gestão de pessoas: na entrada do efetivo profissional; ao longo do tempo no trabalho; na transição para a reserva; e na reserva por meio de programas específicos. Na formação do soldado (aproximadamente um ano) ou oficial (quatro anos), o militar é acompanhado pelo Programa de Aconselhamento Psicológico (PrAP). Outra fase que conta com cuidado à saúde mental é a transição para a reserva, em que o Programa de Sensibilização para o Encerramento da Carreira do Policial Militar (PROSEN) atua.

Ao largo de toda a estadia do militar, caso ele se envolva em uma ocorrência potencialmente traumática, ele pode ser encaminhado pelo seu superior ao Programa de Acompanhamento e Apoio ao Policial Militar (PAAPM), criado em 2002, com o objetivo de prevenir o estresse pós-traumático, contando com sete pontos de apoio no estado de São Paulo. Há ainda a Clínica Psicológica que oferece serviços de suporte, plantão, triagem e psicoterapia, acompanhando o militar na sua vida funcional e também na reserva. São também oferecidos *workshops* e palestras com temas como gestão das emoções, vida conjugal, administração financeira familiar e gerenciamento do estresse. No contexto da pandemia da

COVID-19, outros serviços foram criados para os militares, como a abertura de linhas telefônicas para acolhimento psicológico e psicoterapia *online*.

De forma resumida, o trabalho da Psicologia na PMESP se faz presente por meio das seguintes atividades:

- ✓ Psicoterapia breve, individual e em grupo aos policiais militares;
- ✓ Programa de Acompanhamento e Apoio ao Policial Militar (PAAPM);
- ✓ Programa de Aconselhamento Psicológico Recém Formados (PrAP);
- ✓ Programa de Sensibilização para Encerramento da Carreira Policial Militar (PROSEN);
- ✓ Programa de Prevenção a Manifestações Suicidas (PPMS);
- ✓ Programa de Apoio Psicossocial em Incidentes Críticos;
- ✓ Avaliação psicológica para autorização de porte de arma de fogo para os veteranos;
- ✓ Palestras preventivas sobre saúde mental e qualidade de vida aos policiais militares.

Além dessas frentes, programas específicos são oferecidos, como o Programa de Prevenção ao Uso Abusivo de Álcool e de outras drogas (PPAD) e o Programa de Prevenção a Manifestações Suicidas (PPMS) ofertados a todos os profissionais e ao grupo de maior risco. Ainda é ofertado o serviço de Apoio Psicossocial em Incidentes Críticos para acolhimento em caso de morte de um militar. Uma equipe de sobreaviso é chamada para apoio da família e do militar, a depender da necessidade. Frente à demanda dos militares, o projeto *CAPS na OPM* foi criado para levar o profissional de saúde mental até a ponta, no momento da passagem de serviço, para conversar sobre temas específicos e sensibilizar sobre a importância da saúde mental.

Especificamente nos Bombeiros, o Núcleo de Atenção Psicossocial (NAPS) foi criado em 2015 e realiza atendimento psicológico aos bombeiros, avaliação para porte de arma, preparação para a reserva, além de oferecer apoio ao CAPS. Em 2017, por exemplo, foram realizados em torno de 800 atendimentos, segundo informações do diário de campo.

Também se evidencia o trabalho do Major Diógenes Munhoz, coordenador da Escola Superior de Bombeiros e idealizador do I Seminário de Prevenção do Suicídio do CBPMESP (2020b). A partir da reformulação da abordagem técnica à tentativa de suicídio, Munhoz aliou o conhecimento da Psicologia, Sociologia, Psiquiatria e Neurociência para adicionar conteúdos subjetivos e emocionais ao aparato técnico que predomina no treinamento dos bombeiros militares (MUNHOZ, 2018). O curso é oferecido nas modalidades presencial e *online* (ALMEIDA et al, 2020). Dessa forma, as ações desenvolvidas pela PMESP se inserem no

âmbito das prevenções primária, secundária (diagnóstico e limitação do dano) e terciária (reabilitação), conforme definem Leavell e Clark (1976).

O ofício dos bombeiros militares envolve vida e alívio, sofrimento e morte. O impacto das ocorrências atendidas que envolvem crianças, mortes múltiplas e mortes de colegas de equipe pode despertar sentimentos de impotência, horror e medo (DE SOIR et al, 2012), este último também apontado em pesquisa de Albuquerque, Jesus e Thatcher (2019), por 63,2% dos participantes.

Em seguida, o conceito de pesar vicário será apresentado e desenvolvido de modo a aprofundar a compreensão sobre o trabalho do bombeiro. O cuidado à saúde mental dos militares, em especial dos bombeiros, constitui-se o foco deste estudo.

4 O PESAR VICÁRIO NO TRABALHO DO BOMBEIRO MILITAR

O termo *vicarious grief* (KASTENBAUM, 1987) refere-se ao sentimento de pesar pelo sofrimento do outro. Para este estudo, o conceito de pesar vicário é considerado como o sentimento de perda pelo sofrimento de outra pessoa. Trata-se de uma manifestação natural, mas que pode requerer atenção e escuta para que condutas orientadas ao alívio do sofrimento sejam efetuadas.

O pesar vicário é uma sensação de perda em que o indivíduo que sofre não está envolvido diretamente na relação perdida, sendo, portanto, uma perda secundária. Na experiência primária de perda, Franco (2020, p. 24) define o luto como um “processo de construção de significado em decorrência do rompimento de um vínculo”, com atravessamentos pessoais, grupais, espirituais e culturais.

Kastenbaum (1987) descreveu primeiro o conceito em um estudo com idosos, em que observou o modo de enfrentamento a situações difíceis ao longo da vida. O autor ainda estabelece uma possível diferença entre o luto e o pesar vicário, a duração, sendo esta mais breve. Bowlby (2004) ressalta a expectativa dos especialistas acerca da extensão e do tempo do luto e do quanto tal estimativa não condiz com o curso real do processo de luto, singular a cada indivíduo.

Ao descrever o processo de luto vicário, Rando (1997) o define como o sentimento de pesar e luto pela morte de pessoas que não são próximas ao indivíduo, citando dois tipos de manifestação: no primeiro tipo, a manifestação é calcada na empatia, o indivíduo se contagia com a tristeza do outro; no segundo tipo, que definiria o conceito de pesar vicário, o testemunho da tristeza do outro reativa as próprias experiências de perda, abalando as estruturas do seu mundo presumido. A autora ainda aponta que situações envolvendo crianças costumam gerar envolvimento e comoção.

Sullender (2010) enfatiza o mecanismo da identificação da cena testemunhada com a própria história de quem a assiste, em que a imaginação pode recriar cenas e as emoções evocadas são mais evidentes do que os componentes da cena, propriamente ditos.

O conceito é abordado no cenário de emergência e desastres por Dahlitz (2015), que situa a experiência do trabalho dos bombeiros e profissionais de primeira resposta em geral. Murphy (1999) aproxima o conceito do trabalho dos bombeiros especificamente ao analisar que, ao atenderem uma ocorrência, passam a assistir ao sofrimento alheio de perto, acompanhando a agonia e, por vezes, a batalha vida X morte.

Dahlitz (2015) narra um evento ocorrido com o paramédico Mark, que se via no desafio de controlar sua ansiedade no cuidado ao seu filho de um ano, conferindo sua respiração ao longo do seu sono com medo de que a criança parasse de respirar, como tantos bebês que ele já havia socorrido. Em meio a essa vivência em sua vida, Mark é chamado para socorrer um bebê com a mesma idade de seu filho e que, infelizmente, falece, apesar das inúmeras tentativas do paramédico de reverter o quadro. A partir deste episódio, Mark relata a sensação de luto e perda ao ver o desespero dos pais enlutados. O autor nomeia a experiência do pesar vicário como uma “transferência empática da experiência de perda” (DAHLITZ, 2015, p. 31) e ainda estabelece uma aproximação com o conceito de trauma vicário.

Howarth e Leaman (2001), que descreveram o conceito de pesar vicário no contexto geral na *Enciclopédia da Morte e do Morrer*, apontam para o movimento empático necessário para que a conexão do pesar vicário aconteça. O impacto emocional das relações baseadas pela empatia é abordado por Rauvola, Vega e Lavigne (2019), ao descreverem o conceito de estresse baseado na empatia (*empathy-based stress*), como as reações adversas ocorridas em profissões calcadas na empatia.

O conceito, descrito inicialmente por Eisenberg et al (1987), foi desenvolvido por Ricard (2015), que define a empatia como um mecanismo cognitivo e afetivo de acesso ao mundo do outro. Este autor ainda diferencia a empatia *per se* da empatia somada ao amor e à compaixão. Ricard (2015) avalia o conceito e enfatiza que a compaixão não promove a sensação de esgotamento, mas sim a empatia. Pela perspectiva da filosofia budista, a profundidade e o altruísmo envolvidos na compaixão levam a um fortalecimento da nossa alma, a um estado de vitalidade, e não de esgotamento.

A síndrome de esgotamento profissional (*burnout*) estaria, portanto, atrelada à exaustão do reconhecimento empático. O amor e a compaixão nutrem a empatia no sentido de movimentar-se positivamente na direção do alívio do sofrimento do outro e de suas causas. Jinpa (2015) ainda adiciona que, na compaixão, há o movimento de reação ao sofrimento do outro e a tendência a atuar com compreensão, bondade e paciência; movimento que vai contra o afastamento por repulsa ou medo.

O conceito de pesar vicário ainda é abordado na perspectiva do testemunho da população a grandes desastres mundiais pela mídia (CHOCHINOV, 2005; SULLENDER, 2010). Um conceito que abarca o pesar vicário é o luto público, definido por Walter (2008) e analisado por Franco (2012; 2020). Nessa experiência, as pessoas expressam sinais de luto por aquelas com quem não possuem relações próximas e significativas; fenômeno com atravessamentos culturais, políticos e psicológicos.

No que tange ao contexto de atuação dos bombeiros, o fenômeno ocorre em contextos de grandes desastres, como a queda do avião do time de futebol Chapecoense, na Colômbia, e os rompimentos de barragem nas cidades de Mariana e Brumadinho, no estado de Minas Gerais.

Walter (2008) ainda define que o pesar vicário consistiria em uma consequência do luto público, possuindo um tempo de duração mais breve. Franco (2020) analisa o fenômeno no cenário da pandemia de COVID-19 e o elevado número de perdas por morte experimentadas pelas pessoas, compondo o repertório cotidiano da população mundial e, especificamente brasileira, desde março de 2019. A autora reforça a importância dos rituais coletivos, de significado compartilhado, para o enfrentamento da experiência do luto coletivo.

Em cada ocorrência, algumas variáveis podem contribuir para o sofrimento emocional do profissional bombeiro, tais como ocorrências que apresentem como afetados mulheres, crianças ou idosos, além de acidentes envolvendo famílias.

É preciso considerar ainda as peculiaridades de cada trabalhador, provenientes da sua história de vida, que podem refletir no momento do atendimento. O empenho na realização da tarefa pode ser influenciado, por vezes, pelo movimento de ver e projetar na cena da ocorrência a figura de alguém próximo, o cônjuge, o animal de estimação, os pais, os avós, os filhos. A percepção de empenho e eficiência no fazer somado ao processo de identificação podem resultar em uma obstinação no cumprimento da tarefa danosa ao próprio bombeiro, levando-o a arriscar a própria vida. O heroísmo dessa categoria profissional, que se define pelo alto risco do seu ofício, é reafirmado pela população que ainda hoje sustenta esse ideal. Uma linha tênue, no entanto, pode separar o heroísmo da imagem do mártir, daquele que se arrisca de forma heroica em prol de um valor.

Um dos grandes desastres mundiais, que fomentou investigações sobre os impactos à saúde mental dos bombeiros militares, foi o atentado ao *World Trade Center*, ocorrido em 2001 (BACHARACH; BAMBERGER, 2007; KELLY, 2011; YIP et al, 2016), sendo que Kelly (2011) investiga a tarefa de remoção de corpos e as motivações dos bombeiros nesta atividade.

Dentre as razões envolvidas nesse *ofício devocional*, analogia estabelecida no estudo, e extremamente arriscado, estavam a esperança do resgate de corpos e partes de amigos, e também de oferecer às famílias a possibilidade de se despedirem de seus entes falecidos. O trabalho foi extremamente árduo, em que os profissionais cumpriam cargas horárias extras, para poderem buscar e recompor os corpos, no sentido de facilitar a identificação e sua apresentação às famílias.

Movimento semelhante é visto no cenário brasileiro, em que Farah (2019), Goulart (2020) e Lopes (2021) abordam o aspecto emocional no trabalho dos bombeiros nas ocorrências

de Brumadinho e Mariana (MG), ocorrido em decorrência do rompimento das barragens das empresas Samarco e Vale do Rio Doce.

Com relação a Brumadinho, Lopes (2021) descreve que algumas equipes ainda permanecem, no momento de conclusão deste trabalho, *in loco* à procura dos corpos dos afetados, na intenção de os devolverem às famílias, sendo este o motivo de grande envolvimento emocional, em que as pessoas afetadas ganham proximidade, cujas histórias os bombeiros passaram a conhecer e conviver ao longo de dois anos.

Lopes (2021, p. 39) descreve ainda o longo tempo de envolvimento com um “desastre em curso”. Farah (2019, p. 916) destaca a devoção nesse ofício como “enterrar um ente querido é lhe dar um fim digno. É encerrar o ciclo natural da vida, mesmo que a causa da morte possa não parecer natural”. Goulart (2020), por sua vez, traz o relato do Tenente Pedro, que destaca a importância de se enterrar o corpo, para que a família possa se despedir.

Esses desafios podem acarretar uma possível quebra das defesas emocionais sustentadas por esses profissionais para lidar com o conteúdo do trabalho. Uma realidade em que os bombeiros da função operacional acompanham a dor e o sofrimento de outras pessoas, carregando nos ombros a responsabilidade pelo seu salvamento. Dessa forma, o conceito de pesar vicário se aplica ao presente contexto.

Segundo Vasconcelos et al (2017), os riscos inerentes ao trabalho do bombeiro militar contribuem para sua maior tendência ao adoecimento mental. O impacto emocional do trabalho do bombeiro militar é comumente relacionado à formação do estresse pós-traumático, como descrito no Manual de Doenças do Trabalho (BRASIL, 2001). Muitas são as variáveis emocionais envolvidas no decorrer de uma ocorrência: a imprevisibilidade, o estabelecimento de uma relação – pontual e direcionada para uma tarefa – com as pessoas afetadas e seus familiares, a expectativa para o sucesso do salvamento, a manutenção de um estado de alerta, apesar do cansaço físico e emocional.

Nesse contexto, Parkes (2015) sinaliza que, para além do estresse pós-traumático, mostra-se importante cuidar da sensação de perda e do luto que permanecem mesmo após o término da ocorrência, visto que esse impacto pode gerar agravos como depressão e tentativas de suicídio. Os impactos sobre a saúde do bombeiro são previstos pelo termo *incidentes críticos* que, segundo Alexander et al (2001), constituem os eventos que perturbam o arsenal de enfrentamento do indivíduo ao longo do tempo. Inclusive o trabalho do PAAPM, desenvolvido pelo CAPS, tem como foco o cuidado aos trabalhadores que tenham vivenciado incidentes críticos.

As atividades desempenhadas pelos bombeiros da função operacional, para além das competências técnicas e comportamentais, exigem um investimento emocional que foge ao controle, visto que é produto da relação estabelecida no momento da ocorrência, do encontro com os afetados. No contato com o outro, o bombeiro é movido por estratégias emocionais que se aproximam da definição de pesar vicário. No contexto de emergência e desastre, o pesar vicário ainda se aproxima de definições como o trauma secundário (FIGLEY, 1983) e trauma vicário (MCCANN; PEARLMAN, 1990).

O trauma secundário descreve os efeitos adversos de pessoas que acompanham e cuidam da recuperação de uma pessoa em sofrimento, que pode estar traumatizada física e psiquicamente. O trauma vicário foi criado para descrever o trabalho de terapeutas que atendiam vítimas de traumas, como sequestro e incesto, passando a ter pesadelos, pensamentos amedrontadores e intrusivos; sintomas de estresse pós-traumático.

No contexto dos profissionais de primeira resposta, Palm, Polusny e Follette (2004) definem o conceito de trauma vicário como um tipo de estresse pós-traumático que pode ser vivenciado por pessoas indiretamente expostas a eventos traumáticos. Os autores ainda identificam que o trabalho dos bombeiros, embora focado nas necessidades dos sobreviventes, ainda expõe aos riscos psicológicos advindos desse encontro.

Neste Estudo, a escolha pelo conceito pesar vicário, dentre tantas definições, prediz uma escolha pelo foco na compreensão da experiência de perda, que não necessariamente desembocará na formação de um quadro traumático, com o surgimento dos sintomas de estresse.

Pretende-se perceber esse primeiro momento, em que uma intervenção pode ser propícia para a decompressão – como os bombeiros bem nomeiam – da carga emocional que sustentam após uma ocorrência que envolva elementos que lhes tragam ansiedade e sofrimento. Uma perspectiva orientada para a promoção de saúde mental que pode igualmente prevenir a formação de um maior comprometimento psíquico.

Ao investigar a relação do bombeiro com o cotidiano, foi observado se nas emoções evocadas existia a experiência do pesar vicário. Assinala-se, portanto, a importância de favorecer estratégias de enfrentamento para manejar as demandas internas, psíquicas, e externas, do ambiente, assim como apontam Brito et al (2017).

Bonanno (2004) resgata o potencial de resiliência do ser humano frente à vivência de cenas potencialmente traumáticas. O autor sinaliza o equívoco de terapeutas e pesquisadores que compreendem o trabalho que envolve trauma como necessariamente traumático, e o tratamento clínico como necessário para todos. Ao lado das necessidades da instituição em que

atua, o bombeiro igualmente possui as suas próprias necessidades, que precisam ser ouvidas e consideradas no processo de cuidado, caso ele necessite. O acolhimento a percepções e emoções temidas, como frustração, medo e impotência, pode favorecer que elas sejam trazidas para o consciente e elaboradas, dotadas de significado.

Para aprofundar a compreensão do cotidiano do trabalho em ocorrências, serão apresentados livros e filmes escritos por e sobre bombeiros. Serão comentados os livros: *Bombeiros: Homens Fantásticos* (Vasconcelos, 2007), *Last Man Down: The Fireman's Story* (PICCIOOTTO; PAISNER, 2013), *Grietas* (TERCEÑO, 2018), *Abordagem técnica a tentativa de suicídio* (MUNHOZ, 2018), *An Eerie Silence: An Oral History of Newark Firefighters at the World Trade Center* (STOFFERS, 2019), *Além da Lama* (FARAH, , 2020), *Memórias de Brumadinho* (GOULART, 2020), além dos documentários *9/11* e *9/11: 10 Years Later* (NAUDET; NAUDET; HANLON, 2011) e *Heróis da Lama* (QUEIROZ, 2019).

Diógenes Munhoz, coordenador da Escola Superior de Bombeiros de São Paulo, descreveu, no livro *Abordagem técnica a tentativas de suicídio*, a sua história no trabalho com tentativas de suicídio (MUNHOZ, 2018). O autor relatou uma ocorrência em 2006, em que a abordagem durou mais de 4 horas, resultando no salvamento do tentante. Certo de que o resultado positivo do salvamento não tinha tido sua influência, mas sim mérito da pessoa em sofrimento que desistiu de se matar, o autor passou a procurar por material específico e finalmente elaborou a sistemática que hoje a CBPMESP propaga. Em apresentação no *I Seminário de Prevenção do Suicídio*, Munhoz (CBPMESP, 2020b) ainda apontou o longo período em que conviveu com a pessoa tentante como um aspecto diferencial:

Depois de meia hora ouvindo, ele não era mais um tentante - na época chamado de suicida - de cima da torre. Ele era um tentante que tinha uma história, ele tinha um nome, ele tinha uma face. Eu me envolvi nessa história. E as 5 horas e meia que sucederam isso foram horas de extremo desespero pra mim, porque eu entrei na vida da vítima e eu não queria que ela morresse, simplesmente por ter tido uma escuta compassiva (13':36").

Lopes (2020) complementou o entendimento sobre o vínculo com as pessoas afetadas, no contexto da sua atuação como psicóloga no rompimento da barragem de rejeitos da empresa Vale do Rio Doce, em Brumadinho (MG). A psicóloga observou que, a partir do momento em que o bombeiro se envolvia com as histórias das pessoas afetadas, um vínculo era formado e o afeto era construído.

A partir desse momento, um desafio se colocava, visto que toda a formação do bombeiro é pautada em competências técnicas justificadas pelo alto risco de morte nas ocorrências. No entanto, o ato de realizar um salvamento pode não garantir o bem-estar do trabalhador de

emergências. Essa pode ser a finalidade máxima, o objetivo maior, mas qual será o caminho percorrido para que isso aconteça? Quais as pedras que o trabalhador precisará remover nesse intento?

Uma cena vivenciada pelo bombeiro Tavares e relatada por Vasco Vasconcelos (2007), bombeiro de São Paulo e autor do livro *Bombeiros: Homens Fantásticos*, consistiu em uma enchente na cidade de Cubatão (SP), em que um pescador local se colocou à disposição da equipe para auxiliar nos salvamentos. No decorrer das buscas, o corpo de uma criança foi encontrado no rio e, de forma inesperada, identificado pelo pescador como seu filho. Conforme descrição do bombeiro, a equipe ficou perplexa com a trágica coincidência. Comovido pelo ocorrido, Tavares se mobilizou a organizar um funeral digno para a criança.

Leonard Farah (2019), capitão dos bombeiros de Belo Horizonte, escreveu o livro *Além da lama*, sobre o rompimento da barragem de rejeitos da Samarco na cidade de Mariana (MG) ocorrido em 2015. O autor enfatiza que, ao organizar os treinamentos de resgate e salvamento dos bombeiros, ele tem o objetivo de aproximar o aluno da pessoa afetada. O capitão, conhecido pelo rigor nas capacitações que oferece, inspirou-se nas orientações de um manual norte-americano que recomendava levar o bombeiro a sentir as sensações e emoções mais difíceis que uma pessoa afetada pela adversidade possa sentir, mesmo que em ambiente controlado e com a certeza de que uma hora aquele treinamento se encerrará.

No relato sobre o primeiro dia após o rompimento da barragem, Farah (2019) descreveu o envolvimento emocional com as pessoas afetadas e suas famílias no intento de aliviar seu sofrimento. De forma muito ilustrativa, Farah (2019) apresentou como razão e emoção operam no seu trabalho e como, na sua percepção, aquela ocorrência alcançou um limite. A razão, segundo o autor, está alicerçada na demanda técnica que efetiva o sucesso do resgate, o levantamento de todas as informações úteis para a construção de uma estratégia. Para isso, no entanto, é preciso aproximar-se das pessoas envolvidas.

Farah (2019) destacou que, mesmo com a possibilidade de delegar essa função para outro bombeiro, ele fez a escolha por empenhar-se nessa tarefa para que conseguisse apreender toda a complexidade da situação. No entanto, em uma pergunta como “Você estava ao lado do seu filho naquele momento?” (P. 2406), a conexão se estabelecia, pois a resposta contava parte de uma história de vida: o aniversário ocorrido na semana anterior, a vontade de voltar atrás e mudar o desfecho daquele trágico dia.

A major Karla, entrevistada no documentário *Heróis da Lama* (Queiroz, 2019), narrou o dilema de lidar com a proximidade com o sofrimento humano e as estratégias que utilizou para cumprir com eficácia sua função:

Ela teve algumas lesões e aí quando eu perguntei pra ela se tinha mais alguém com ela, ela me respondeu com lágrimas nos olhos. E aí tinha uma lágrima parada no olho dela, parecia um boneco de cera, e ela me disse que ela tinha perdido o marido e o bebê dela que tinha sido levado. A dor dela, apesar dela ter lesões físicas aparentes e estar sentindo dor, naquele momento a expressão dela, é... O gesto dela mostrava que a dor emocional tava superando, e muito, a dor física – e eu me arrepio de lembrar de quando ela me falou isso. Eu precisava colocar em prática toda a minha inteligência, tudo o que eu aprendi ao longo de toda a minha vida, não só como bombeiro, mas, é... Lá no banco da escola, lá no primeiro grau, segundo grau... Eu não sou uma cidadã comum, do povo. Eu fui treinada pra realizar esse trabalho e eu preciso administrar e lidar com as minhas emoções, assim como o médico, por exemplo, eu faço uma analogia, da melhor forma pra que isso não influencie na minha coordenação motora que é muito importante, no meu raciocínio lógico, no meu relacionamento com os outros membros da equipe. A gente vai exercitando isso ao longo da nossa profissão (34':36").

O desafio de integrar o saber técnico à conexão afetiva se impõe, como se ambos caminhassem em direções opostas, como se um atrapalhasse o outro. Trata-se do risco envolver-se emocionalmente com a história das pessoas afetadas, visto que isso pode desfocar o bombeiro do seu objetivo primeiro: salvar vidas.

Richard Picciotto (PICCIOTTO; PAISNER, 2013), comandante dos bombeiros de Nova Iorque e que, juntamente ao escritor Daniel Paisner, escreveram *The Last Man Down: The Fireman's Story*, destacou a possibilidade de não se permitir preocupar-se com o conteúdo emocional do trabalho. Para ele, a dor e o sofrimento são partes da rotina, certos como a vida e a morte e que, por isso, seria possível separar razão e emoção.

Carmelo Terceño (2018), bombeiro da reserva e autor de *Grietas*, agregou a competência da intuição no trabalho do bombeiro. Como a prática pode capacitar o profissional para perceber condições por vezes imperceptíveis aos olhos de colegas mais novos ou de outras funções?

Quão maléfico pode ser, entretanto, sufocar o pesar, estrangular a dor. Outra experiência relatada de forma sincera e franca pelos bombeiros foi o atentado às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001, em que terroristas sequestraram quatro aviões comerciais e atingiram diversos pontos de Nova Iorque, dois deles colidindo contra dois edifícios, as chamadas Torres Gêmeas, do complexo *World Trade Center*. O prédio mais alto continha 110 andares.

Os produtores Gédéon Naudet e Jules Naudet, em parceria com o ex-bombeiro James Hanlon (2002), produziram dois documentários que cobriram o ataque às Torres Gêmeas e o impacto deste evento sobre os bombeiros de um batalhão da cidade de Nova Iorque. No primeiro deles, o roteiro foi modificado de forma abrupta, pois o que seria o início do recruta Tony em agosto de 2001, terminou com o registro do atentado e dos dias seguintes. A ocorrência

iniciou-se com um combate a incêndio que evoluiu em complexidade para o colapso total das Torres Gêmeas, o desmoronamento parcial dos demais prédios do complexo, além de danos a outros edifícios vizinhos. Ao todo, 343 bombeiros morreram na tragédia.

Cenas fortes como pessoas jogando-se dos andares mais altos e pessoas correndo em chamas foram destacadas pelos bombeiros como marcantes. Um dos bombeiros relatou que, pela primeira vez, viu o medo nos olhos de um colega. Picciotto (PICCIOTTO; PAISNER, 2013) comentou que era preciso desviar-se dos corpos em queda livre como se desviasse dos destroços do prédio que igualmente caíam: móveis, concreto e pedaços de vidro.

Naquele momento, o bombeiro lidou cognitivamente com os corpos caindo como se fossem destroços, descrevendo a cena como a mais absurda que ele vivenciou em toda a sua carreira. A estratégia de racionalizar o vivido, mantendo o foco no objetivo a ser alcançado, pode permitir ao bombeiro seguir em atividade, evitando que paralise frente a uma realidade potencialmente traumática.

No retorno ao quartel, abraços marcavam o encontro entre aqueles que agora se viam como sobreviventes da tragédia. Ali, a culpa de terem sobrevivido se delineava como um sentimento comum na equipe. O anúncio da lista de bombeiros mortos na ocorrência, dado atualizado diariamente e informado nominalmente nos quartéis, conferia mais sofrimento aos bombeiros, enlutados por muitos amigos que morreram.

Após essa fase, iniciava-se a segunda e mais longa etapa, a busca por pessoas com vida e a remoção dos escombros. Nesse momento, a esperança diminuía ao passo em que os achados traziam membros do corpo, o que chocava os bombeiros no trabalho de resgate e, ao mesmo tempo, os mobilizava a oferecer alguma informação e conforto às famílias das pessoas até então desaparecidas. Apesar disso, seguiam no resgate. Como comentou um deles: “Depois de semanas, vimos que não havia ninguém vivo, mas nunca paramos de procurar” (1:40h, tradução nossa). Com isso, o bombeiro pode sentir uma sensação de impotência, apontada por Terceño (2018), frente à inexistência de pessoas vivas; a incapacidade de atuar nas causas do desastre.

Em paralelo, a vivência de Picciotto (PICCIOTTO; PAISNER, 2013) na tragédia envolveu ter ficado cercado pelas estruturas do prédio após o colapso da segunda torre, com bombeiros de diferentes equipes. Antes disso, enquanto vasculhavam os diferentes andares do prédio em busca de pessoas vivas, eles ouviram e sentiram o colapso da primeira torre. Em pouco tempo, perceberam o risco de estarem ali, a probabilidade daquele prédio igualmente desabar.

Ali, (PICCIOTTO; PAISNER, 2013) apontam que Picciotto, como bombeiro de mais alta hierarquia, assumiu a responsabilidade de avaliar os riscos daquela operação e as possíveis

consequências, terminando por decidir evacuar o prédio o quanto antes. Com essa decisão, o autor sentiu uma grande frustração, por abandonar as pessoas que ainda estavam no prédio para garantir a sobrevivência da equipe. Na descida dos andares em retirada, conseguiram levar consigo mais pessoas que estavam nos andares, até que realmente o prédio em que estavam começou a desabar, mantendo-os encurralados. Iniciava-se a operação de resgate deles próprios pelos colegas de Corporação.

O sentimento de frustração no trabalho do bombeiro pode compor a experiência do pesar vicário; a sensação de poder ter se empenhado mais e possibilitado um diferente desfecho. Os impactos desse sentimento, se não expressos e dotados de significado, podem abalar a percepção de si, contribuindo para um estado de desmotivação e baixa autoestima. O acúmulo do impacto emocional advindo dessas vivências, sem a devida decompressão, pode gerar quadros de *burnout*, ansiedade e depressão. Aqui, também, é importante considerar o impacto da patente nas atividades de trabalho.

No caso comentado acima, o bombeiro em questão era um oficial, cuja função visava ao gerenciamento da equipe de resgate, possuindo um alto controle da situação. Na ocasião do 11 de setembro, as decisões de Picciotto eram acatadas por 400 colegas, como ele mesmo aponta. Assim, a patente possui forte influência sobre a experiência do trabalho; com suas peculiaridades e dilemas.

O livro *An Eerie Silence: An Oral History of New York Firefighters At The World Trade Center*, de Neal Stoffers (2019), abordou o atentado sob a perspectiva de 48 bombeiros da cidade de Newark, nos Estados Unidos. O autor, capitão da reserva, investigou alguns temas centrais: como receberam a informação sobre a ocorrência, o trabalho de resgate e a fase pós-evento, que envolveu a construção do memorial, os funerais dos colegas mortos e o adoecimento de bombeiros pela longa exposição aos agentes tóxicos.

A chegada ao local da tragédia e a visão de escombros onde antes existiam prédios foram relatadas pelos bombeiros como motivo de grande perplexidade, com a sensação de que nada havia a ser feito. Nesse momento, o cenário visto foi descrito com o adjetivo *eerie*, que, em português, é análogo aos termos *sinistro* e *bizarro*.

Na descrição desses bombeiros, o termo dizia respeito ao silêncio que ocupava todo o espaço, embora os sons das máquinas, das pessoas e dos alarmes continuassem a ser ouvidos – um silêncio doloroso, segundo o relato do bombeiro Tarantino. Descrições do ambiente como um campo de guerra ou como cenas de filmes sobre o apocalipse se seguiam à imagem das pessoas cobertas de poeira branca e sua relação a figuras de zumbis. Além disso, alguns

bombeiros descreveram o cheiro do lugar como um aspecto estressor – o cheiro da morte, segundo o bombeiro Ramos.

No documentário sobre os 10 anos do atentado (NAUDET; NAUDET; HANLON, 2011), os bombeiros apontaram como cenas marcantes: a poeira que cobria todo o ambiente, tornando-o hostil como uma zona de guerra, as pessoas correndo em chamas, o resgate de membros do corpo das pessoas afetadas, a frustração de receber os familiares com perguntas sobre parentes, e eles saberem que provavelmente estavam mortos.

Ainda na descrição do ambiente, o bombeiro Killeen, de Newark, se surpreendeu com a quantidade de um líquido desconhecido por todo o ambiente, que depois descobriu ser um resíduo resultante dos corpos que foram prensados pelo desabamento dos prédios. Foi então advertido por um colega e levado a compreender que, naquele momento, a atividade principal era a busca por corpos e que as possibilidades de encontrar pessoas vivas eram remotas. Foi preciso interromper sua tarefa que, até então, era motivada pela busca por pessoas ainda com vida e reorganizar psicologicamente a sua utilidade naquela ocorrência.

No livro de Stoffers (2019), muitos bombeiros referem que a motivação por buscar vidas de companheiros era alimentada pelo fato de que os seus alarmes soavam por todo o lugar. Acoplado à farda de cada bombeiro, um equipamento chamado *PASS* disparava um alarme ao captar ausência de movimento por mais de trinta segundos. Essa cena ilustra o sofrimento de constatar a morte de vários colegas de trabalho, a partir do som, e se sentir incapaz de recuperar aquelas vidas.

Apesar de lidarem com mortes no seu dia a dia, exemplos como esses demonstram o objetivo primeiro desses profissionais: que é o de salvar vidas. Como consequência do grande impacto emocional da tragédia, agravos à saúde mental dos bombeiros de Nova Iorque, relacionados a este evento traumático, foram citados por Naudet, Naudet e Hanlon (2011) como: alcoolismo, divórcio e depressão. À época do filme, aproximadamente dez mil profissionais de primeira resposta ainda estavam acometidos com estresse pós-traumático, culpa do sobrevivente e depressão crônica. Como lidar com uma tragédia que envolve um grande número de mortos? Um bombeiro aborda o sentimento de frustração, de não ter conseguido salvar muitas vidas.

O filme também abordou a falta de adesão aos programas de saúde mental: por acreditarem que não precisam, que não é útil e para não transparecerem fraqueza. Ainda no que tange ao enfrentamento de momentos difíceis, foi mencionado o comportamento de não partilhar o cotidiano vivido com a família para não gerar uma reação negativa ao trabalho e para não os contaminar com as notícias trágicas.

Terceño (2018) ilustrou um modo de enfrentamento relativo ao impacto emocional do trabalho, que é o de não partilhar com a família sobre as cenas traumáticas vividas nas ocorrências:

Nunca se deve levar os problemas de trabalho para casa, sobretudo os de âmbito sentimental, como os que enfrentam os bombeiros. Deve-se deixá-los como a sua farda pendurada nos cabides do vestiário, com a porta aberta para que ventilem – como faz com seu uniforme impregnado de fumaça após um incêndio. Que sábias palavras! No entanto, apesar da fumaça, cujo odor permanece no corpo mesmo depois de tirar a roupa, os sentimentos também se mantêm impregnados e necessitam, como o corpo, de uma boa ducha, neste caso, de ânimo (P. 71, tradução nossa).

Picciotto (PICCIOTTO; PAISNER, 2013) mencionou estratégia semelhante: a de não conversar com a esposa e a família sobre os tipos de ocorrência que atendeu, bem como quanto sobre a sua magnitude. Ainda assim, o autor referiu ouvir comentários da família sobre o cheiro de fumaça que permaneceu na cama, mesmo após o banho na chegada de um dia de trabalho.

O bombeiro Alexander apontou a dificuldade de conversar sobre aspectos do trabalho com pessoas que não são da área, ao contrário da fraternidade que encontra ao trocar com os pares (STOFFERS, 2019). O autor tentou descrever o mecanismo de proteção aos sentimentos utilizado pelos bombeiros, que escondem por trás do sorriso, tristeza e dor:

Os bombeiros têm como regra a conduta de internalizar seus fantasmas, mantê-los trancados em compartimentos mentais no fundo de suas mentes. É uma competência necessária para essa profissão que vê o poder do fogo e seus efeitos no corpo humano (P. 7, tradução nossa).

Desse modo, os colegas de trabalho acabam tornando-se o ponto de apoio no enfrentamento do cotidiano, mesmo que a conversa estabelecida objetive a revisão de protocolos e condutas tomadas, práticas descritas por Stoffers (2019).

A descrição da rotina diária no batalhão revelou a compra de café da manhã, o preparo e as refeições compartilhadas na cozinha como momentos de descontração e entrosamento. Apontou, ainda, o hábito de os bombeiros já liberados do seu plantão permanecerem no quartel quando sabem que não há ninguém em casa esperando por eles, indicando aquele ambiente como seguro.

Naudet, Naudet e Hanlon (2002) ilustraram, no documentário *9/11*, o entrosamento e a irreverência no longo tempo de convivência juntos, consistindo em um fator de proteção na rotina exaustiva: piadas e brincadeiras, refeições partilhadas e momentos de grandes encontros

com as famílias reunidas nos finais de semana. A equipe se fortaleceu ainda mais como ponto de apoio no momento da ocorrência, em que Picciotto (PICCIOTTO; PAISNER, 2013) resgatou a herança militar que orienta a coesão do grupo, devendo permanecer unido, aconteça o que acontecer. Vasco Vasconcelos (2007) adicionou as brincadeiras em equipe e a prática de atividades esportivas durante o plantão como válvulas de escape de um trabalho sob constante pressão.

O enfrentamento dos bombeiros de Newark ao ocorrido, nos anos seguintes, envolveu evitar comentar, assistir e ver qualquer material que se relacionasse com o atentado. Além disso, alguns bombeiros escolheram comparecer aos funerais dos colegas para homenageá-los enquanto outros não entendiam essa conduta, argumentando que já haviam chegado ao limite da convivência com essa temática e que não aguentariam ver enlutados todos os dias.

Sobre o memorial que foi construído no lugar das Torres Gêmeas, alguns bombeiros escolheram ir com a família ou participar de uma corrida anual que acontece no local em homenagem a um bombeiro morto pela tragédia. Outros bombeiros relataram não conseguirem ir para não reviverem as fortes cenas vistas.

Muitos bombeiros foram acometidos por doenças decorrentes da exposição aos agentes tóxicos e agravamentos como: câncer de tireoide, de pulmão, de garganta, leucemia e sinusite. Efeitos emocionais também são descritos: angústia, raiva, isolamento, presença de pesadelos, terror, evitação de elementos que lembrem o ocorrido (STOFFERS, 2019).

Carmelo Terceño (2018), bombeiro espanhol, publicou o livro *Grietas*, em que discorreu sobre passagens de sua vida profissional e os impactos em sua vida íntima. O bombeiro destacou aspectos que lhe causaram grande sofrimento ao longo da carreira como o cheiro da carne humana em contexto de incêndio e o testemunho da dor dos familiares frente à surpresa da morte de seu ente querido.

Terceño (2018) apontou ainda que, apesar da natureza do seu ofício envolver o convívio com o sofrimento, algumas cenas específicas marcam e ferem o emocional do profissional. Em uma ocorrência em que ele acolheu um pai que perdeu um filho, o bombeiro descreveu sentir um estado depressivo como reação à dor de testemunhar o luto paterno.

O impacto emocional das ocorrências pode motivar o profissional a especializar-se em determinada área. O enfrentamento de Munhoz (2018) ao atendimento às tentativas de suicídio, no CBPMESP, aproxima-se daquele do bombeiro recruta Tony, retratado no filme *9/11*, que escolheu especializar-se na equipe de riscos químicos após a vivência no desastre.

Terceño (2018) realizou caminho semelhante após lidar com uma intrigante ocorrência envolvendo uma jovem grávida de 23 anos, que morreu carbonizada no banheiro de casa. A

causa da morte, depois de muitas investigações, foi apontada como a combustão do gás contido no laquê em combinação com o fogo do cigarro que a jovem acendeu enquanto se arrumava. O desfecho de tal ocorrência levou o bombeiro a buscar especialização na área química para poder melhor desempenhar essa função.

Competências subjetivas são também apontadas por Terceño (2018) como integrantes do trabalho como bombeiro, como o vínculo. O autor descreve que, por vezes, era mais terrível a interação com o drama das pessoas envolvidas – comunidade e os familiares – do que o trabalho de resgate em si. O desafio de lidar com a incerteza dos familiares de encontrar seus entes queridos, conseqüentemente com seu luto e desespero.

Em dada passagem, Terceño (2018) se referiu à amiga de uma pessoa atingida como sua própria amiga, tendo em vista o longo período de convivência ao longo da ocorrência e a partilha de expectativas e frustrações no desejo de encontrar sua amiga viva. Situações que não são o foco da atividade do bombeiro, mas que tangenciam seu fazer. Diógenes (2018) e Farah (2020) concordaram sobre a força do vínculo que se faz em ocorrências que requerem a proximidade com o outro e sua história e a dificuldade de lidar com as emoções advindas desse encontro.

No livro *Memórias de Brumadinho*, a jornalista Julia Goulart (2020) coletou histórias de diferentes pessoas que testemunharam o rompimento da barragem da empresa Vale do Rio Doce, na cidade de Brumadinho (MG), no ano de 2019. Um capítulo é dedicado a Pedro Aihara, tenente porta-voz do Corpo de Bombeiros de Minas Gerais, e seu relato da tragédia.

Apesar de seu ofício não envolver o resgate, o bombeiro Pedro revela o aspecto emocional do trabalho de porta-voz, quando escolheu ir além do contato com a imprensa e conversar com os familiares, ansiosos por notícias, relacionando essa atitude com a sensação de humanidade. Chegou a dizer para um deles, certa vez, que os bombeiros trabalhariam como se resgatassem pessoas de sua família. Em outro momento, quando a tragédia completava um mês e os trabalhos de busca seguiam, organizou uma homenagem marcante para toda a comunidade: uma chuva de rosas com toda a tropa na postura de continência (GOULART, 2020).

O impacto emocional referente ao envolvimento do tenente Pedro com as famílias da comunidade foi aprofundado no documentário *Heróis da Lama* (2019), em que a diretora, Mariana Queiroz, desenvolveu uma sensível narrativa ao revelar as pessoas por trás das fardas, dentre elas, duas já mencionadas aqui: o tenente Pedro e o Capitão Farah. As lágrimas do tenente Pedro revelaram a intensidade do relacionamento estabelecido com os familiares, como quando narrou a promessa feita a um familiar, de não desistir de encontrar o corpo do irmão, e

a emoção de revê-lo semanas depois e receber o carinho e a gratidão por ter conseguido oferecer a ele um enterro digno.

A experiência de luto do bombeiro foi abordada no filme por meio da história do soldado Rafael Lima Campos que trabalhou na Vale do Rio Doce e tornou-se bombeiro dois anos e meio antes do desastre. Ele lidava com o luto de ter perdido aproximadamente 20 colegas de trabalho, além da sensação de poder ter morrido caso ainda trabalhasse lá. No dia da ocorrência, ele estava de folga e escolheu se prontificar de forma voluntária movido pelo que denominou “espírito da Corporação” (26’:26”). Rafael salienta que, naquele dia, estava comemorando aniversário de casamento e que sua escolha foi priorizar o salvamento das vidas dos amigos inspirado pela empatia:

Quando a gente se torna pai, a empatia da gente pelo mundo muda. A paternidade, a maternidade muda a concepção de mundo da gente, né? Então a gente meio que se espelha a vida dos companheiros com a vida da gente. A gente pensa todo momento ‘se fosse minha esposa ficaria viúva, minha filha ficaria órfã’. Então sempre vem a lembrança das duas nos momentos e é o que dá força pra gente, né? (27’09”).

A tenente Alina Gomide, psicóloga do Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais, diferenciou, no documentário, o enfrentamento do estresse no atendimento a ocorrências corriqueiras daquele vivenciado em situações de desastre, no que diz respeito ao número de pessoas afetadas, ao clamor social, ao convívio diário com o sofrimento dos familiares e à pressão pelo sucesso no salvamento.

Ainda no filme, Farah revelou, de forma emocionada, a intenção de decorar todos os nomes das pessoas cujos corpos não foram encontrados em Brumadinho, tal qual ele decorou o nome da pessoa que não foi encontrada em Mariana. O capitão resumiu o sentimento de fracasso em uma missão, com a alusão à fala de um colega bombeiro que diz: “quando termina a esperança de encontrar alguém vivo? (...) É quando a gente encontra ele morto” (QUEIROZ, 2019, 44’:23”).

Os exemplos descritos até agora encontram-se no contexto do resgate de humanos em terra. Vasconcelos (2007), ao descrever o seu trabalho, citou a atividade do salvamento aquático, ampliando, portanto, a visão acerca do campo de atuação do bombeiro. O autor ainda adicionou à descrição dos bombeiros, conhecidos comumente por *soldados do fogo*, o complemento: “bombeiro da água que salva” (P. 11).

O trabalho dos salva vidas, destacado como um trabalho mais solitário do que o trabalho em terra, igualmente envolve dilemas e cenas marcantes. No entanto, na literatura consultada

para a presente Tese, essa modalidade de trabalho não foi encontrada. O autor adicionou igualmente a menção ao resgate de animais com a preocupação de enfatizar o grau de importância como afetado, tal qual a vida humana. É importante mencionar que a consideração dos animais entre os afetados complementou o presente Estudo que, equivocadamente, tendeu a considerar somente as vidas humanas.

Ao lado de todas as cenas potencialmente traumáticas apontadas neste Capítulo, os autores revelaram a extraordinária capacidade humana de superação e de afeto para com o outro: no cafezinho oferecido a Farah (2020) por uma moradora humilde, nas doações de refeições e materiais, além de assistência médica e espiritual oferecido por voluntários (STOFFERS, 2019), nas homenagens como uma forma de conexão com o valor humano e com o transcendente, citados por Goulart (2020) e Stoffers (2019).

Farah (2020) vê na compaixão a possibilidade de lidar com este cenário tão adverso. Como atitude motivada pela compaixão, Terceño (2018) citou a estratégia de manter-se informado sobre o estado de saúde de pessoas afetadas, mesmo nos dias seguintes à ocorrência. No filme de Naudet, Naudet e Hanlon (2002), como enfrentamento ao forte conteúdo emocional vivido, os bombeiros apontaram o contato com a família e o convívio com as crianças, como válvulas de escape e fontes de alegria e relaxamento.

Os estudos da salutogênese e, especificamente do senso de coerência, contribuíram para um melhor entendimento dessa dinâmica, em como esses profissionais que lidam com tragédias, sofrimento e adversidade elaboram as perdas que vivenciam o seu cotidiano de trabalho a partir de como percebem a sua própria vida.

5 A SALUTOGÊNESE E O SENSO DE COERÊNCIA

Na década de 1970, o sociólogo Aaron Antonovsky estudou o efeito do estresse na menopausa de mulheres que viveram situações extremas (tomando como um exemplo o Holocausto). Em meio aos achados que confirmavam sua hipótese, Antonovsky voltou sua atenção ao pequeno grupo que seguiu sua vida de forma satisfatória. Parecia, portanto, que aquelas mulheres estavam aptas a utilizarem seus recursos internos e externos em resposta às demandas adversas do ambiente (LINDSTROM; ERIKSSON, 2010).

Antonovsky (1996) propôs essa perspectiva em uma crítica aos modelos de saúde pública que pautavam suas ações na identificação de fatores de risco e na patogenia, ignorando as inúmeras estratégias realizadas em prol do restabelecimento da saúde. O modelo teórico da salutogênese passou por sucessivas mudanças, mas sem perder de vista o conceito de saúde em relação ao modelo vigente de prevenção e tratamento de doenças. A principal proposição do autor se voltava à aplicação da perspectiva salutogênica nas ações em promoção da saúde.

Em uma primeira aproximação do modelo, chamado de contínuo saúde/não saúde (*continuum ease/dis-ease*), um evento estressor separa a saúde da não saúde, uma trajetória rumo à patogenia (o colapso) ou à salutogênese, dispostos como polos opostos de uma mesma via. Posteriormente, o modelo é aperfeiçoado com a metáfora do Rio da vida (*The river of life*).

Representado por um rio com uma queda d'água, o trecho acima da queda d'água equivale a uma lógica crescente de cuidado à saúde, partindo da perspectiva das lógicas curativas, seguidas pelas de tratamento, prevenção, educação em saúde, chegando, por fim, à promoção da saúde.

Na base do rio, estão todos os recursos que têm como foco atuar sobre um risco eminente. A salutogênese atua na direção da qualidade de vida e bem-estar, e não somente da saúde propriamente dita. Nesse aperfeiçoamento do modelo anterior, o rio flui na direção da saúde.

Na extensão de todo o rio, a dimensão da doença pode se fazer presente, indicando que em qualquer momento pode-se aproximar da salutogênese ou patogênese. Assim, ao nascer, é possível uma pessoa aproximar-se da salutogênese ou patogênese de acordo com as condições individuais e ambientais existentes (LINDSTROM; ERIKSSON, 2010).

Uma revisão sistemática da literatura entendeu o modelo salutogênico como um recurso de promoção da saúde em que a resiliência individual pode ser desenvolvida; em que é possível ajudar pessoas a sentirem-se mais saudáveis, com uma boa qualidade de vida e bem-estar (EU,

2010). Estudo de Eriksson e Lindstrom (2006) aponta para o senso de coerência como um bom preditor de qualidade de vida.

Lindstrom e Eriksson (2010) citaram que alguns conceitos foram construídos na perspectiva salutogênica, tais como: senso de coerência e recursos gerais de resistência (ANTONOVSKY, 1987), resiliência (WERNER, 1993), *coping* (LAZARUS, 1983), empatia (EISENBERG et al, 1987), vontade de sentido (FRANKL, 1981) e apego (BOWLBY, 1978). Destes, o constructo senso de coerência configurou o foco deste Estudo.

Antonovsky (1987) construiu o conceito senso de coerência (SOC), bem como o Questionário de Orientação para a Vida (*Orientation to Life Questionnaire*). O autor se referiu ao conceito senso de coerência como a capacidade de um indivíduo confiar nos recursos internos e externos, com uma compreensão da vida estruturada, previsível e inteligível. Nesse sentido, as pessoas com alto senso de coerência possuem mais capacidade de lidar com as situações estressantes ao longo da vida. São capazes, portanto, de utilizar as conclusões das experiências prévias em novas situações, reorientando sua vida de forma construtiva e significativa. Três tipos de enfrentamento, dimensões do constructo, norteiam o SOC (ANTONOVSKY, 1993):

- 1) Compreensão: entendimento de que as situações que acontecem são previsíveis e estruturadas e, mesmo quando inesperadas, minimamente compreensíveis e suportáveis;
- 2) Manejo: confiança de que se possui os recursos necessários para lidar com as situações;
- 3) Significado: percepção de que a vida faz sentido, de que os acontecimentos surgem como desafios, principalmente no aspecto emocional.

Antonovsky (1987) construiu dois questionários, de 29 itens (SOC-29) e 13 itens (SOC-13), que integram as dimensões compreensão, manejo e significado. Neste Estudo, foi utilizado o questionário SOC-13, a ser apresentado mais especificamente no Capítulo seguinte.

No Brasil, a tradução transcultural da escala e suas primeiras análises psicométricas foram realizadas por Bonanato et al (2009). Estudos de validade dos dois questionários foram realizados por Dantas et al (2013), com população de pacientes cardíacos. Outros estudos utilizaram a versão reduzida do questionário, de 13 itens, com populações diversas: adolescentes (FREIRE et al. 2001), mães (FREIRE et al, 2002; BONANATO et al, 2008) e adultos com câncer (VILELA; ALISSON, 2010). Recentemente foi publicado artigo de Scalco et al (2020), que avaliou a adaptação transcultural da escala em pesquisas brasileiras.

Em revisão sistemática da literatura, que compreendeu o período de 2008 a 2017, Marçal et al (2018) consideraram o senso de coerência como um bom indicador de saúde e qualidade de vida. A revisão concluiu que um alto índice de SOC pode proteger contra a ansiedade, depressão e *burnout* e está relacionado a outros recursos cognitivos, tais como o otimismo, o controle e o enfrentamento (*coping*). Relatório da União Europeia sobre qualidade de vida em idosos apontou associação entre alto índice de SOC e a adoção de hábitos de vida saudáveis (EU, 2010). Os resultados indicaram, portanto, que pessoas com maior *score* de senso de coerência, o somatório da pontuação de todos os itens do questionário, faziam escolhas de vida mais orientadas a uma melhor qualidade de vida.

A escala tem sido utilizada para investigar a população de profissionais de emergência e segurança pública, como descrevem Dudek e Koniarek (2000), Oginska-Bulik (2005), Daderman e De Colli (2014), e Ragger et al (2019), que aplicaram a escala completa, o SOC-29, em seus estudos.

No primeiro estudo, foi avaliada a associação entre o senso de coerência e transtorno de estresse pós-traumático de 464 bombeiros poloneses, em que 83% relataram exposição a um ou mais eventos traumáticos durante um dia de trabalho. Como características sociodemográficas dessa população, a idade variava entre 20 e 55 anos, possuíam de 1 a 30 anos de serviço e eram casados (86%).

A média do *score* total SOC foi de 148,16 (DP=19,58). As médias de componentes da escala foram: compreensão (50,32), manejo (53,01), significado (45,12). O constructo senso de coerência (maior correlação na categoria compreensão) se apresentou como um potente fator de prevenção aos sintomas do estresse pós-traumático (maior correlação na categoria evitação). É considerado, no entanto, que a relação entre as duas variáveis é unidirecional, sendo possível que um indivíduo com senso de coerência alto possa ter tido seu enfrentamento abalado pela experiência de um evento traumático (DUDEK; KONIAREK, 2000).

No segundo estudo, foram analisados recursos pessoais e sociais (como autoestima, auto eficiência, suporte social, senso de coerência, estresse no trabalho, aspectos gerais de saúde) de 330 trabalhadores poloneses, sendo 70 bombeiros, 70 policiais, 60 guardas penitenciários, 60 guardas civis e 70 guardas de segurança. A média de idade da população de estudo era de 33,9 anos e a média do tempo de trabalho era de 12,4 anos.

A média do *score* total SOC foi de 138,31 (DP=22,78). As médias dos componentes da escala foram: compreensão (4,07), manejo (4,88), significado (4,92). Dos entrevistados, 65,7% relataram trabalharem sob alto nível de estresse. Como resultados, foi confirmado que o

fortalecimento dos recursos pessoais e sociais podem contribuir na redução de estresse no trabalho destes profissionais (OGINSKA-BULIK, 2005).

O terceiro estudo envolveu 101 policiais do policiamento de rua sueco, dentre eles, 29 mulheres, com idades entre 22 e 62 anos, com idade média de 33 anos. A média do tempo de trabalho foi de 5 anos e 4 meses. O senso de coerência foi analisado juntamente a um questionário que avaliava recursos de enfrentamento. Como resultados, os autores apontaram a correlação da dimensão manejo para essa população de estudo e a necessidade de expandir a aplicação da escala a outras categorias profissionais submetidas a altos níveis de estresse no trabalho.

A média do *score* total SOC foi de 149,93 (DP=15,27). As médias dos componentes da escala foram: compreensão (46,77), manejo (54), significado (44,65). As análises apontaram a força da dimensão manejo como um recurso de enfrentamento na população estudada (DADERMAN e DE COLLI, 2014).

O quarto estudo analisou a associação entre senso de coerência, transtorno de estresse pós-traumático e crescimento pós-traumático, com 266 profissionais de resgate austríacos. Como características sociodemográficas, a população era composta de 87 mulheres e 179 homens, com idade entre 18 e 73 anos, que possuíam de 1 a 52 anos de serviço. A média do *score* total SOC foi de 117,52 (DP=20,56); os valores médios das dimensões não foram apresentados. A pesquisa foi feita na modalidade *online*. Os autores apontaram a correlação positiva entre senso de coerência e o crescimento pós-traumático e a correlação negativa com a dimensão evitação do transtorno de estresse pós-traumático (RAGGER et al, 2019).

Foi encontrado um estudo que utilizou a escala SOC-13 com uma população de estudo composta por 223 médicos, 257 policiais e 100 bombeiros alemães, realizado por Shafer et al (2020). Além do senso de coerência, também foram avaliados a resiliência e o lócus de controle, bem como sua associação com agravos de saúde mental, como estresse pós traumático e *burnout*. Especificamente na população de bombeiros, a média de idade foi de 35,96 anos, o tempo de trabalho de 17,29 anos e a média do *score* SOC foi de 46.84 (DP=7.84). As médias das dimensões não foram apresentadas no artigo.

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo geral

Investigar o pesar vicário de bombeiros militares da função operacional, sob a perspectiva do constructo senso de coerência.

6.2 Objetivos específicos

- ✓ Apresentar a realidade de trabalho no contexto de adversidade;
- ✓ Discorrer sobre o Corpo de Bombeiros de São Paulo;
- ✓ Definir os conceitos salutogênese e senso de coerência;
- ✓ Conhecer as características sociodemográficas da população de estudo;
- ✓ Conhecer a distribuição da população de estudo segundo o constructo senso de coerência;
- ✓ Compreender a experiência subjetiva do pesar vicário no atendimento a ocorrências, no contexto institucional, expressa pelos participantes.

7 MÉTODO

De modo a compreender o pesar vicário de bombeiros militares, esta Pesquisa foi construída a partir da utilização de método misto, que visa agregar conhecimentos a partir das abordagens quantitativa e qualitativa de pesquisa.

A abordagem quantitativa objetivou traçar o perfil sociodemográfico e ocupacional da população estudada, contendo o constructo senso de coerência ao lado de aspectos sociodemográficos e ocupacionais. O uso do questionário possibilitou a compreensão do fenômeno em uma amostra maior.

Kahhale (2019) descreve a relevância do método quantitativo pela possibilidade de quantificar dados qualitativos, que têm a função de “contextualizar, situar historicamente o objeto de estudo e a amostra estudada” (P. 87).

A abordagem qualitativa pretendeu aprofundar a compreensão sobre o pesar vicário, bem como seu manejo e possibilidades de intervenção a partir de entrevistas semiestruturadas. Creswell (2010) orienta que uma pesquisa dessa natureza é tanto elaborada pelo significado conferido pelos participantes como também interpretativa e holística, pois prevê a análise dos dados sob a luz de uma perspectiva teórica. Minayo (2010) destaca a importância desse método na investigação de processos sociais de grupos ainda desconhecidos, bem como na flexibilidade de construção de novas categorias no decorrer da pesquisa.

Segundo a descrição de Creswell (2010), este estudo seguiu uma estratégia sequencial explanatória, visto que a abordagem quantitativa compôs o primeiro momento da pesquisa, seguida da abordagem qualitativa, com entrevistas individuais. Creswell e Clark (2013) orientam quanto aos passos deste seguimento do método, em que a fase qualitativa aprofunda o conhecimento obtido pela fase quantitativa:

- ✓ A fase quantitativa precede a fase qualitativa;
- ✓ A amostra da fase qualitativa deve ser proveniente da fase quantitativa;
- ✓ O pesquisador deve delimitar os dados quantitativos a serem desenvolvidos na fase qualitativa, de modo a ampliar a análise inicialmente realizada na fase quantitativa;
- ✓ A amostra da fase qualitativa deve ser menor do que a da fase quantitativa;
- ✓ Os resultados da fase quantitativa devem subsidiar a seleção dos participantes da fase qualitativa.

Muitos imprevistos modificaram a rota planejada, questões institucionais e conjunturais, sendo esta trajetória relatada a partir da próxima seção. Com a pandemia da COVID-19 anunciada no Brasil em março de 2020, e as medidas restritivas de isolamento social tomadas pelo Governo do Estado de São Paulo, foi preciso readequar todo o método da pesquisa para o ambiente *online*; questionários e entrevistas foram realizados em ambiente virtual.

7.1 Local da pesquisa

A proposta inicial do estudo era realizar a pesquisa em um posto de bombeiros da cidade de São Paulo. A partir de conversas com integrantes do grupo de pesquisa do LELu que realizaram pesquisa em um posto de Bombeiros do município de São Paulo, denominado *posto de bombeiros 1*, foi decidido propor a pesquisa nesse local. Posteriormente, em reunião com os bombeiros, foi decidido remanejar o local de pesquisa para o *posto de bombeiros 2*, igualmente do município de São Paulo, por razão de facilidade de acesso. Após período de licença maternidade da pesquisadora, não foi possível iniciar o trabalho de campo no referido posto por motivo de mudança de Comando local.

Em meio à pandemia da COVID-19, um novo contato foi feito com a gestão do CBPMESP; este reafirmava a motivação de enviar o questionário a todo o efetivo do estado de São Paulo, ao passo que reconhecia a morosidade do processo de liberação pelos impactos da pandemia no trabalho da instituição.

Na ocasião, foi criado um Plano de Contingência, acompanhado da mudança de Comando Geral do CBPMESP, o que significava um novo período de adaptação da nova situação gerencial, bem como da apresentação da pesquisa e posterior autorização. De modo a tentar otimizar o início da coleta de dados, novos contatos foram realizados pela pesquisadora.

O contato com outra colega do LELu viabilizou a realização da coleta com o *posto de bombeiros 3*, localizado em outro município do estado de São Paulo. A coleta de dados foi realizada em julho de 2020, com a aplicação do questionário e realização de entrevistas pela *internet*. Nesse momento, devido ao atraso nas atividades do cronograma, esperava-se estar findada a coleta de dados, com o desafio de realizar as análises estatísticas com uma pequena amostra. As análises dos dados foram iniciadas quando, três meses depois, o Comando Geral do CBPMESP retomou o contato, liberando a pesquisa.

Assim, o link do questionário foi enviado para todo o efetivo de bombeiros da função operacional do estado de São Paulo. De modo a aumentar a amostra, bem como salvaguardar o

sigilo dos participantes, os dados das duas coletas foram unificados em um grupo, cujos resultados serão apresentados no capítulo seguinte.

7.2 Participantes

A população de estudo elegível foi composta por 5103 bombeiros na função operacional do Corpo de Bombeiros do estado de São Paulo. O critério de inclusão na pesquisa contemplou ter, no mínimo, um ano de trabalho na função operacional na Corporação, de modo a considerar a adaptação ao processo de trabalho. Esse ponto de corte referiu-se ao interesse de contemplar o cotidiano de trabalho dos bombeiros envolvidos diretamente nas ocorrências, a tempo suficiente para a incorporação do ritmo de trabalho e da rotina no posto.

As informações que contribuíram para a definição dos referidos critérios foram obtidas após conversas com os bombeiros. Os critérios de exclusão, portanto, foram: bombeiros que nunca tenham trabalhado no serviço operacional, bem como aqueles que tenham o tempo de trabalho no serviço operacional inferior a um ano.

7.3 Divulgação

A pesquisa foi divulgada em um vídeo de apresentação feito pela pesquisadora responsável, além de um *folder* de divulgação digital. A forma de divulgação alinhada com a Corporação foi o envio de um *e-mail* para todo o efetivo operacional do estado de São Paulo, contendo uma breve explicação da pesquisa e o *link* para o questionário.

7.4 Questões Éticas

A pesquisa foi autorizada pela PMESP em fevereiro de 2019 (Anexo 2) e encaminhada ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP em dezembro de 2019, sendo aprovada em junho de 2020, sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 29418719.6.0000.5482 (Anexo 3).

O planejamento do trabalho de campo foi construído conforme recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamentam a realização de pesquisas em seres humanos (BRASIL, 2016). Portanto, a participação na pesquisa se efetivou com a anuência expressa no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1).

Com a intenção de organizar a apresentação e organização dos dados de natureza quantitativa e qualitativa, eles serão descritos separadamente no decorrer de todo o texto, destacando assim as peculiaridades de cada processo de coleta de dados e posterior análise.

7.5 Abordagem Quantitativa

Quanto à abordagem quantitativa, serão apresentadas as características relativas a amostra, coleta de dados e instrumentos.

7.5.1 Amostra

A amostra do estudo é classificada como aleatória, segundo classificação de Creswell (2010), pois compreendeu o grupo de bombeiros da função operacional do estado de São Paulo, abordados por meio de convite pela *Intranet* da instituição.

7.5.2 Coleta de dados

Os participantes responderam a um questionário em meio *online* pela plataforma Survey Monkey. O questionário foi avaliado, considerando as orientações de Eysenbach (2004) e De Boni (2020), para a montagem de estudos em ambiente virtual, com considerações acerca da escolha da plataforma de pesquisa, divulgação da pesquisa, consentimento dos participantes, formato do questionário e disposição das perguntas, interrupção no preenchimento, preenchimento duplicado, revisão das respostas pelos participantes.

No início do questionário, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguido das opções de resposta para a confirmação do interesse em participar. Caso o participante aceitasse, o questionário era iniciado; caso declinasse, uma página de encerramento era exibida. Os instrumentos abordaram as temáticas que respondiam aos objetivos da pesquisa. Foram constituídos de:

1) Dados sociodemográficos e ocupacionais

Para traçar o perfil da população estudada, foram investigados aspectos do trabalho e da vida do bombeiro. Inicialmente, os dados ocupacionais foram apresentados na seguinte ordem: posto, patente, tempo de trabalho como bombeiro militar e tempo de trabalho na função operacional. Após essa sessão, iniciavam-se as questões relativas à vida íntima, na ordem: sexo,

idade, situação conjugal, religião, presença de filhos, filhos que moram com o entrevistado, quantidade de filhos e, por último, a escala SOC-13 (Apêndice 2).

2) Questionário de Orientação para a Vida (SOC-13)

A versão reduzida do Questionário de Orientação para a Vida (SOC-13) é composta de 13 itens e foi adaptada transculturalmente por Bonanato et al (2009). A formatação adotada nesta Pesquisa responde àquela utilizada por Massena (2015), que aplicou a escala no contexto de idosos. Nesta escala, o padrão de resposta é apresentado no estilo *Likert* de 7 pontos.

A escala avalia três dimensões: compreensão, manejo e significado, sendo cinco itens da dimensão compreensão (*comprehensibility*), sendo eles as questões 2, 6, 8, 9 e 11; quatro itens da dimensão manejo (*manageability*), sendo eles as questões 3, 5, 10 e 13; e quatro itens para a dimensão significado (*meaningfulness*), sendo eles as questões 1, 4, 7, e 12. O *score* total varia de 13 a 91, sendo maior o senso de coerência quanto maior o *score*, indicando melhor enfrentamento a situações de estresse.

As questões 1, 2, 3 e 10 possuem *score* invertido, portanto, tabuladas com a pontuação de 7 a 1 (Anexo 1). A escolha da versão breve do questionário em detrimento do questionário de 29 questões justificou-se pela facilidade de compreensão dos participantes, apontado por Bonanato et al (2009), além da motivação de tornar o instrumento de coleta de dados mais curto e viável para a adesão da população estudada.

7.5.3 Análise dos dados

Os dados foram analisados pelo programa IBM SPSS versão 25 (IBM, 2017). Para este Estudo, foi adotado o nível de significância de 0,05. Foram realizadas as análises de proporção das variáveis categóricas e descritas as variáveis numéricas por meio da média, desvio-padrão e intervalo de confiança de 95%. Com o objetivo de comparar e estratificar a pontuação dos participantes no instrumento SOC-13, foi realizada a transformação da pontuação total bruta para uma pontuação padrão pelo método Z-Score. Por último, realizou-se análise inferencial por meio da correlação de *Spearman* entre as variáveis.

7.6 Abordagem Qualitativa

No projeto encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa, estavam previstas duas modalidades de coleta de dados, entrevista individual e grupo focal: a primeira, tendo o objetivo de investigar a experiência individual no trabalho e a segunda com a finalidade de conhecer as estratégias coletivas para enfrentamento do pesar vicário no trabalho.

Com os desafios impostos no decorrer da coleta de dados, e seguindo orientação da banca de qualificação, decidiu-se por unificar a abordagem qualitativa com a realização das entrevistas somente e a inclusão da temática do grupo focal no roteiro de entrevista semiestruturada. Assim, constituíram-se os instrumentos da abordagem qualitativa o diário de campo e a transcrição das entrevistas semiestruturadas.

7.6.1 Coleta de dados

1) Diário de campo

Como aponta Minayo (2014), o registro de informações no diário de campo possibilita a aprendizagem de informações como comportamentos, expressões e relatos informais que compõem o universo da pesquisa. Nele, foi possível registrar as observações do período de ambientação, fase valorizada por Minayo (2014), que consiste nos movimentos de entrada no campo. Aquele momento foi de suma importância para a autorização do estudo pela instituição.

Portanto, o diário de campo contém os relatos das primeiras visitas, reuniões, conversas informais por telefone, presencialmente ou por mensagem de texto, que se estenderam até a autorização e o início do trabalho de campo. No período de realização das entrevistas, foram registradas no diário as tentativas de contato com os participantes, os aspectos que se destacaram nas entrevistas e os conteúdos não ditos, tais com expressões faciais, corporais, silêncios, que são sinais que, ao lado das palavras, compuseram o discurso e a experiência encarnada dos trabalhadores entrevistados.

As anotações realizadas revelaram crenças, opiniões e posturas que contribuiriam como o entendimento do que é ser bombeiro, da complexidade do trabalho na função operacional, dos impactos desse trabalho para o trabalhador e para a instituição. O conteúdo do diário de campo foi comentado nos itens 7.1 e 7.3.1.

2) Entrevistas semiestruturadas

A entrevista semiestruturada, conforme aborda Minayo (2010), viabiliza a flexibilidade durante a conversa, abrindo-se, portanto, questões emergentes. Kahhale (2019) complementa que, por meio da linguagem, esse instrumento de coleta de dados possibilita adentrar o mundo interno por meio da produção de discurso. A partir daí, os sentidos e significados do fenômeno estudado podem ser apreendidos para então compreender, a partir de cada narrativa, o “processo de transformação na dialética com a universalidade” (KAHHALE, p 86).

A intenção naquele primeiro momento teve como propósito compreender o pesar vicário para os bombeiros na prática em ocorrências. Assim, as perguntas abriram campo para que os entrevistados expressassem suas perspectivas acerca do tema.

Foram realizadas 10 entrevistas, seis pelo aplicativo Zoom e quatro pelo aplicativo WhatsApp, nos meses de outubro de 2020 e março de 2021, gravadas em áudio após consentimento do participante. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi enviado pelo aplicativo de mensagens, em que o primeiro contato era estabelecido. O roteiro de perguntas abordou a realidade de trabalho de um bombeiro na função operacional, especificamente ao sentimento de pesar vivenciado em seu tempo de trabalho, as estratégias de enfrentamento individuais e coletivas e a possibilidades de atuação da instituição no cuidado à saúde mental do efetivo (Apêndice 3).

A prospecção para a entrevista ocorreu com um convite expresso na última tela do questionário *online*, em que os participantes informaram seus dados de contato para posterior agendamento. Foram calculados os *scores* de senso de coerência de todos os participantes que aceitaram participar da segunda parte da pesquisa e, assim, estabelecido o critério de baixo e alto senso de coerência para a seleção dos entrevistados, de modo a captar as perspectivas extremas do constructo teórico.

7.6.2 Análise dos dados

A análise dos dados qualitativos seguiu as orientações de Bardin (2011). As entrevistas semiestruturadas foram transcritas de forma literal pela pesquisadora, considerando, para além do texto, todas as manifestações expressas ao lado do conteúdo dito: tom de voz, momentos de silêncio, risos, onomatopeias, perturbações da palavra, ironia. A autora define a técnica de análise categorial como aquela mais utilizada nos estudos qualitativos. A fase de pré-análise consistiu na seleção dos documentos a serem utilizados para a análise, no caso as entrevistas, e

na definição das hipóteses e objetivos de estudo. Seguiu-se posteriormente a leitura flutuante, em que foi possível captar as direções e temáticas mais presentes em cada entrevista de forma ampla, sem a necessidade de efetuar a identificação no texto.

A análise propriamente dita iniciou-se com uma leitura atenta, em que foram marcados os chamados índices e indicadores, as temáticas que mais se repetiam nas entrevistas, alinhadas aos objetivos e à hipótese do estudo, como, também, àquelas que diferiam dos objetivos, mas que diziam respeito às necessidades de fala do entrevistado em um ambiente seguro.

Bardin (2011) enfatiza que a raridade pode possuir um forte significado que não deve ser negligenciado. Em todas as temáticas foram identificadas suas respectivas unidades de registro, as diferentes expressões no texto. Assim, foram definidas as categorias emergentes do texto: O labor, O sensível, O tempo. De modo a incluir a perspectiva do senso de coerência na análise, as categorias foram por fim reavaliadas sob os níveis de senso de coerência do grupo.

A identidade dos entrevistados foi preservada com seus nomes cedendo lugar a poetas e escritores que, com suas vozes escritas, igualmente ecoam pensamentos, emoções e sensações a partir de suas experiências de vida. Assim, os participantes foram batizados como: Amyr, Carlos, Cora, Fernando, João, José, Manuel, Mário, Paulo, Rubem. A ordem de apresentação dos entrevistados seguiu a ordem alfabética. Como introdução à apresentação dos resultados e posterior análise dos dados, o próximo Capítulo abordará aspectos da entrada no campo; material oriundo do diário de campo.

8 A ENTRADA NO CAMPO

Este Capítulo contém o registro do diário de campo relativo ao período das primeiras reuniões de definição do objeto de estudo e alinhamento das etapas da pesquisa. Como próprio da escrita pessoal, os fatos foram descritos com a utilização da primeira pessoa do singular, de modo a valorizar a autoria da escrita pela pesquisadora. Assim segue.

A minha entrada na instituição, como civil, preconizou o respeito às normas e à hierarquia, aos trâmites previstos, às idas e vindas que impuseram um ritmo mais lento do que o planejado no cronograma da pesquisa e que, ao mesmo tempo, informavam a estrutura em que eu adentrava. As estratégias para entrada em campo foram imprescindíveis para o estabelecimento de apoios, bem como para validar os instrumentos de coleta de dados, cuidado tomado igualmente pelo Comando do CBPMESP.

Realizei duas visitas ao CAPS/PMESP e sete visitas a diferentes bases do CBPMESP, para apresentar o projeto, esclarecer dúvidas e acompanhar o processo de autorização, além de ter mantido contato com os bombeiros por telefonemas e mensagens de texto para monitorar o andamento das decisões. Como retorno deste esforço, fui informada por uma gestora que, pelo conhecimento dela, este seria o primeiro estudo autorizado pela PMESP a uma pesquisadora, independentemente de parceria institucional. Mesmo com todas as adversidades, as idas e vindas, o acolhimento e o respeito dos policiais e bombeiros a mim e ao projeto alimentaram minha determinação em lograr esta Pesquisa, calcada na crença da importância deste tema para os bombeiros da função operacional.

Em todas as conversas, fossem elas formais ou informais, era notória a relevância da presente temática no cotidiano de trabalho. As reuniões foram realizadas com oficiais que não atuavam mais na ponta e ocupavam, portanto, cargos estratégicos. Assim, eles trouxeram relatos de situações difíceis da época em que atuavam em ocorrências, bem como de situações vividas por subordinados e que foram geridas por eles. Eles apontavam com frequência os desafios que eu encontraria à frente na investigação de um tema delicado e pouco comentado na Corporação, como é o cuidado à saúde mental da tropa.

Nas primeiras reuniões com o Comando Central dos Bombeiros, foi apontada a viabilidade da pesquisa *online* em detrimento da presencial em razão da facilidade de adesão da tropa e da viabilidade para a coleta propriamente dita. A escolha em estudar os profissionais da função operacional, aqueles que estão na ponta da linha, configurava um desafio frente à sua rotina pouco previsível. Os bombeiros perguntavam sobre o possível impacto da interrupção da

coleta presencial para a pesquisa, referindo-se ao caso de a sirene tocar, e o bombeiro precisar se ausentar para se prontificar para a ocorrência.

Outro aspecto que poderia ser desafiador para a coleta era a jornada de trabalho 24x48h, que dificultava o agendamento da coleta de dados presencial. A pandemia da Covid-19, por fim, determinou a mudança do método para a modalidade *online*, o que realmente agilizou o seguimento das abordagens quantitativa e qualitativa.

Nas reuniões que se seguiam com os bombeiros, o entendimento sobre o que seria uma ocorrência difícil era atrelado ao desfecho em morte; percepção alinhada à definição de incidente crítico que subsidia o atendimento em saúde mental da PMESP. A minha escolha por manter a experiência do pesar vicário aberta, não atrelada a nenhuma temática específica, justificou-se pela necessidade de investigar as singularidades e a universalidade do fenômeno. Os gestores ainda abordaram questões que impactam a rotina de trabalho: a falta de infraestrutura (maquinário e ferramentas) e o baixo efetivo de bombeiros da função operacional frente ao elevado volume de trabalho.

Em outro momento, discutiram-se a figura do bombeiro como herói e como o profissional pode incorporar essa imagem. Foram citados exemplos de colegas que sustentavam a conduta de mártir e se arriscavam a morrer na ocorrência, mesmo avaliando o alto risco com base nos exaustivos treinamentos realizados. Ao lado desses, outros colegas escolhiam manter-se vivos pela família e pela compreensão de que tornar-se mais um afetado direto da ocorrência poderia colocar em risco seus colegas de trabalho.

Em mais de uma reunião, foi ressaltada a necessidade de trabalhar com os comandantes das tropas, visto que acumulavam as funções de comando àquelas definidas por eles como de psicólogo e até de padre. Colocava-se em questão o desafio de estruturar um treinamento para essa população voltado ao conteúdo emocional do trabalho. Esses profissionais, que acumulam horas de capacitações técnicas, carecem de preparo para o acolhimento emocional da tropa. Os oficiais ainda narraram situações do cotidiano em que os subordinados solicitavam um momento para conversar e *desabavam na sua frente*, deixando os comandantes sem ação.

Nas idas ao Centro de Atenção Psicológica e Social, localizado dentro do Hospital da Polícia Militar, conheci os profissionais que conduzem o PAAPM. O orgulho com que a equipe apresentava o conteúdo programático do programa e os índices de sucesso com a reabilitação dos militares me contagiou. Eu estava diante de um potente mecanismo de tratamento de média duração, visto que durava um pouco mais de um mês, que abordava temáticas que respondiam às demandas dos trabalhadores. Um ponto levantado pela gestão do programa, que fica como aspecto a ser investigado nas entrevistas, dizia respeito à baixa adesão dos bombeiros. Para

mim, como civil e externa ao ambiente, uma resposta rápida seria o ambiente: o programa era realizado no coração da polícia militar e tinha, portanto, a sua participação majoritária. Os bombeiros se identificariam com esse ambiente? Esbocei uma pergunta nesse sentido e a resposta veio na direção de unificar todas as forças de trabalho. Independente da farda, todos eram policiais militares. Saí de lá com essa questão em mente: o que os assemelhavam, e o que os diferenciavam?

Ao longo de todos os encontros, percebia que minha presença era cada vez mais aceita e acolhida pela Corporação. O temor que me tomava nos primeiros encontros, insegura da forma como seria recebida, foi substituído pela curiosidade e motivação em conhecer mais histórias a cada encontro. No curso da fase de ambientação, engravidei, mas segui nas idas às reuniões até o sexto mês de gestação, em que fui recebida com cuidado e gentileza. De toda essa trajetória, ficam meu respeito e admiração pelas pessoas que me acolheram como civil, sem me conhecer, e que me confiaram seu tempo e sua atenção ao meu trabalho.

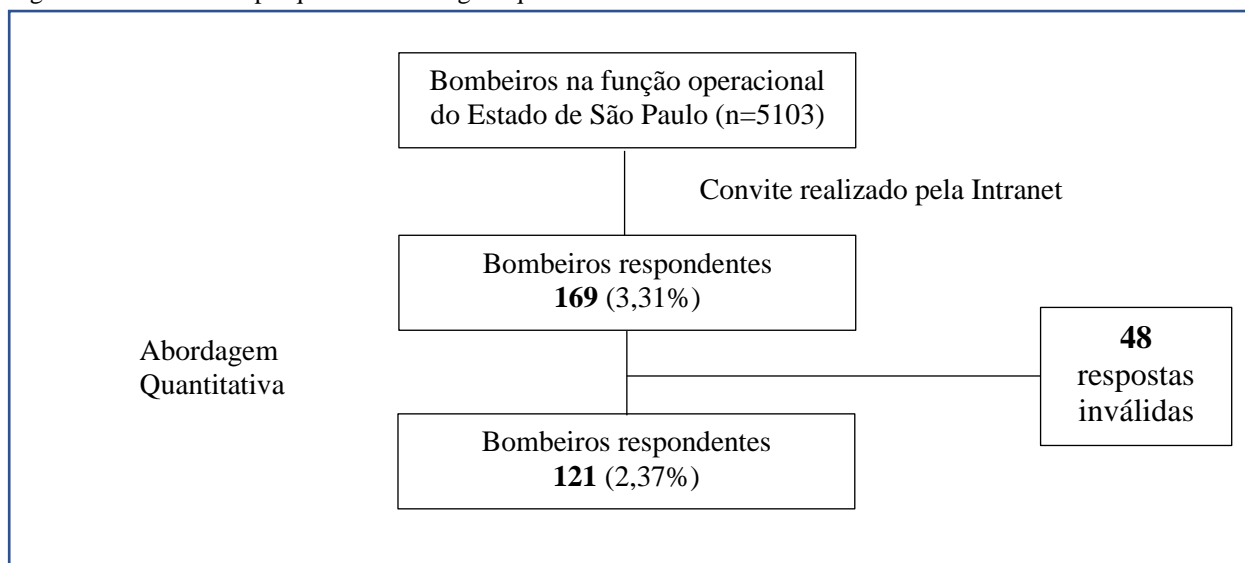
Como toda pesquisa, mutante como um corpo vivo, alguns entraves impuseram morosidade ao processo de autorização pela instituição: a ampla repercussão na mídia sobre o aumento dos casos de suicídio entre militares, as mudanças de Comando, o início da pandemia da COVID-19, com o acometimento de muitos bombeiros. Naqueles momentos, condutas estratégicas precisaram ser tomadas e, uma delas, que se manteve durante toda a pesquisa, foi a manutenção da conexão com a Corporação. O contato constante revelava a minha tentativa de manter o estudo vivo na memória de todos aqueles que se dispuseram a apoiar a condução da pesquisa. Este Estudo concluído, com suas múltiplas trilhas, é prova disso. A seguir, serão apresentados os resultados e as análises das abordagens quantitativa e qualitativa.

9 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA ABORDAGEM QUANTITATIVA

O presente Capítulo apresenta os dados oriundos de um questionário aplicado em meio *online*. O objetivo da abordagem quantitativa neste Estudo se voltou a traçar o perfil dos bombeiros respondentes quanto a variáveis sociodemográficas e ocupacionais.

Os dados dos questionários foram entregues a um profissional estatístico que realizou as devidas análises nos dados de natureza quantitativa. A população de estudo foi composta pela união de duas fases da coleta de dados. A figura abaixo ilustra o refinamento da amostra no decorrer da pesquisa (Figura 3). Os resultados apresentados a seguir, bem como a análise quantitativa será desenvolvida com todo o grupo de participantes, unificando as duas fases de coleta, somando 121 bombeiros (aproximadamente 2,37% da população geral do estado de São Paulo) que trabalhavam distribuídos em 84 PBs (32,8% dos postos do estado). Todos os 21 GBs do Estado foram representados no estudo com a participação de pelo menos um bombeiro.

Figura 3 – Amostra da pesquisa na abordagem quantitativa



Fonte: Elaborado pela autora

A amostra se apresentou com idade média de 36,3 anos (DP=7,4), majoritariamente masculina (95,9%) e cristã (42,1% católicos e 31,4% protestantes), casada (76,9%) e com filhos (66,1%) com quem compartilham a casa (54,5%). Dos bombeiros que possuem filhos, 38,8% têm ao menos 1 filho de até 14 anos (Tabela 1).

Quanto aos dados ocupacionais, a amostra se distribui de forma equivalente nas diferentes faixas estabelecidas para o tempo de trabalho como bombeiro: até 5 anos (29,7%), entre 5 e 10 anos (21,5%), entre 10 e 15 anos (20,7%), mais de 15 anos (28,1%). Ao abordar

especificamente o trabalho na função operacional, o grupo apresentou uma concentração nos extremos, entre os que estão há no máximo 5 anos na atividade (33,9%) e aqueles que estão há mais de 10 anos na função (47,1%). A diversidade da população contemplou de bombeiros novatos a veteranos, em vias de se retirarem para a reserva.

Quanto à patente, conforme descrito no Capítulo 2, os soldados, cabos, sargentos e subtenentes – denominados praças, estão diretamente envolvidos na execução do trabalho operacional. Na amostra, a maioria dos participantes possui a patente de praça (66,2%), especificamente soldado (33,1%) e cabo (33,1%). A patente mais alta alcançada pelo estudo foi a de tenente, fato que se explica pelo critério do trabalho operacional. Esses trabalhadores ainda trabalham no operacional cumprindo a função de liderança da tropa durante a ocorrência.

O perfil do bombeiro se alinha ao encontrado no estudo de Albuquerque, Jesus e Tatcher (2019), com 1846 bombeiros da ativa do estado do Rio de Janeiro: homens (93,3%), com idade média de 39 anos, casados (65,3%), com filhos (75,2%), com a patente praça (88,6%).

A variável posto não foi incluída na apresentação das análises por motivos de sigilo dos participantes. Esta variável foi inserida no questionário na tentativa de compreender a adesão pelas regiões do Estado.

Tabela 1: Dados sociodemográficos da amostra

| Variável | Frequência (n=121) |
|-----------------------|-------------------------------|
| Idade | |
| 20 a 29 | 24 (19,8%) |
| 30 a 39 | 57 (47,0%) |
| 40 a 49 | 37 (30,7%) |
| 50 a 53 | 3 (2,5%) |
| Gênero | |
| Feminino | 5 (4,1%) |
| Masculino | 116 (95,9%) |
| Estado civil | |
| Solteiro | 19 (15,7%) |
| Casado | 93 (76,9%) |
| Separado / Divorciado | 9 (7,4%) |
| Religião | |
| Católica | 51 (42,1%) |
| Protestante | 38 (31,4%) |
| Espírita | 10 (8,3%) |
| Outra | 3 (2,5%) |
| Sem religião | 18 (14,9%) |

| | |
|---|------------|
| Não especificado | 1 (0,8%) |
| Existência de filhos | |
| Não | 41 (33,9%) |
| Sim | 80 (66,1%) |
| Moram com filhos | |
| Não | 49 (40,5%) |
| Sim | 66 (54,5%) |
| Não respondeu | 6 (5,0%) |
| Quantidade de filhos por faixa etária | |
| Menor que 1 ano | |
| 1 filho | 17 (14,0%) |
| De 1 a 5 anos | |
| 1 filho | 16 (13,2%) |
| 2 filhos | 17 (14,0%) |
| De 6 a 14 anos | |
| 1 filho | 14 (11,6%) |
| 2 filhos | 12 (9,9%) |
| 3 filhos | 3 (2,5%) |
| 4 filhos | 2 (1,7%) |
| 5 filhos | 1 (0,8%) |
| De 15 a 18 anos | |
| 1 filho | 11 (9,1%) |
| 2 filhos | 2 (1,7%) |
| 3 filhos | 1 (0,8%) |
| 4 filhos | 4 (3,3%) |
| Maior que 18 anos | |
| 1 filho | 5 (4,1%) |
| 2 filhos | 6 (5,0%) |
| 3 filhos | 1 (0,8%) |
| 4 filhos | 1 (0,8%) |
| 5 filhos | 4 (3,3%) |
| Tempo de trabalho como bombeiro | |
| Até 5 anos | 36 (29,7%) |
| Entre 5 e 10 anos | 26 (21,5%) |
| Entre 10 e 15 anos | 25 (20,7%) |
| Mais de 15 anos | 34 (28,1%) |
| Tempo de trabalho no atendimento a ocorrências | |
| Até 5 anos | 41 (33,9%) |
| Entre 5 e 10 anos | 23 (19,0%) |
| Entre 10 e 15 anos | 30 (24,8%) |
| Mais de 15 anos | 27 (22,3%) |

Patente

| | |
|------------|------------|
| Soldado | 40 (33,1%) |
| Cabo | 40 (33,1%) |
| Sargento | 27 (22,2%) |
| Subtenente | 4 (3,3%) |
| Tenente | 10 (8,3%) |

Fonte: Dados da pesquisa, 2019

Um movimento importante dos participantes se referiu ao número de bombeiros que não responderam à variável senso de coerência, totalizando 48 pessoas, os chamados *missing*. Essa escala aborda a visão de mundo e o enfrentamento a situações difíceis na vida. O alto número de recusas ao preenchimento da escala foi interpretado como expressão do desafio de estudar aspectos relativos à vulnerabilidade psíquica de profissionais que são treinados para a excelência.

O convite para olhar a própria vida emocional implica o exercício da introspecção que prevê encarar as virtudes, mas também as dores de uma história: traumas, sofrimentos, erros. Mesmo com a apresentação da temática a ser abordada na primeira página do questionário e a descrição detalhada do termo de consentimento na segunda página, 48 participantes escolheram preencher os dados sociodemográficos em detrimento da escala SOC-13.

Na fase de ambientação, bombeiros do alto Comando alertaram para uma provável baixa adesão da categoria na pesquisa devido à temática do estudo. Daí a relevância dos estudos quantitativos e qualitativos para a investigação de temas relativos à Psicologia, visto que possibilitam o mergulho em temas tabu na população.

A análise da escala SOC-13 (Tabela 2) apontou que a população estudada apresentou *score* médio de 66,5 (DP=14,1), valor acima do encontrado na população de bombeiros da pesquisa de Shafer et al (2020), que foi de 46.84 (DP=7,84). A análise pelas dimensões da escala apontou para a pontuação média de 25,2 para a compreensão, 19,5 para o manejo e 21,9 para o significado. Deste modo, foi possível avaliar que o enfrentamento a situações difíceis da população estudada envolve de modo equivalente as três dimensões do SOC.

Considerando a dimensão de maior pontuação como a compreensão, podemos interpretar a partir da definição do conceito que os bombeiros vivem situações inesperadas, mas conseguem compreender e suportar o vivido. Curiosamente, o manejo foi a dimensão menos pontuada, o que pode indicar a necessidade de investir na capacitação e acolhimento emocional desses profissionais, pois o conteúdo subjetivo foge ao preparo técnico. O inegável

investimento da instituição no preparo técnico dos bombeiros pode vir acompanhada de igual empenho em prepará-los para o caráter sensível do trabalho.

Tabela 2: Pontuações médias da escala SOC-13

| Componente | Amplitude | M (DP)* (n=121) | IC 95% |
|-------------|-----------|--------------------|-----------|
| Compreensão | 5 – 35 | 25,2 (6,3) | 24,1-26,3 |
| Manejo | 4 – 28 | 19,5 (4,5) | 18,7-20,3 |
| Significado | 4 – 28 | 21,9 (4,9) | 21,0-22,7 |
| Total | 13 – 91 | 66,5 (14,1) | 64,0-69,1 |

Fonte: Dados da pesquisa, 2019

Nota: M(DP)= Média e desvio padrão; IC 95%= intervalo de confiança a 95%

A análise do *score* médio das questões da escala apresentou maior pontuação na pergunta relativa ao significado do cotidiano que pontou 6,2 (DP=1,37). Essa questão se referia ao entendimento do cotidiano, cujas respostas variavam entre a compreensão desta como *fonte de profundo sofrimento e aborrecimento até fonte de prazer e satisfação*. As maiores pontuações são aquelas indicativas de uma experiência mais satisfatória para o indivíduo apontando, portanto, maior senso de coerência. No que tange à vida laboral, o bombeiro se depara, em sua trajetória, com situações extremas, contendo, por vezes, dilemas que requerem elaboração e interpretação de modo a garantir o seguimento do seu fazer (Tabela 3).

Tabela 3: Pontuações médias por questão da escala SOC-13

| Questão | M (DP)** n=121 |
|--|-------------------|
| 1) Você tem a sensação de que você NÃO se interessa pelo que se passa ao seu redor? * (S) | 3,5 (2,17) |
| 2) Já lhe aconteceu no passado você ter ficado surpreso pelo comportamento de pessoas que você achava que conhecia bem? * (C) | 3,8 (1,40) |
| 3) Já lhe aconteceu ter ficado decepcionado com pessoas em quem você confiava? * (M) | 3,6 (1,41) |
| 4) Até hoje a sua vida tem sido (S) | 5,2 (1,59) |
| 5) Você tem a impressão de que você tem sido tratado com injustiça? (M) | 4,7 (1,76) |
| 6) Você sente que está numa situação estranha, e sem saber o que fazer (C) | 5,2 (1,68) |
| 7) Aquilo que você faz no dia-a-dia é (S) | 6,2 (1,37) |
| 8) Você tem ideias e sentimentos muito confusos? (C) | 5,3 (1,63) |
| 9) Você costuma ter sentimentos que não gostaria de ter? (C) | 4,9 (1,80) |
| 10) Muitas pessoas (mesmo as que têm caráter forte) algumas vezes sentem-se fracassadas em certas situações. Com que frequência você já se sentiu fracassado no passado? * (M) | 3,6 (1,63) |

| | |
|---|------------|
| 11) Quando alguma coisa aconteceu na sua vida a importância que você deu foi: (C) | 5,5 (1,67) |
| 12) Com que frequência você vê pouco sentido nas coisas que faz na sua vida diária? (S) | 5,5 (1,59) |
| 13) Com que frequência você tem sentimentos que não pode controlar? (M) | 5,4 (1,43) |

Fonte: Dados da pesquisa, 2019

Nota. M(DP)= Média e desvio padrão

* Pontuação reversa

** Pontuação possível por questão é de 1 a 7

(C) dimensão compreensão

(M) dimensão manejo

(S) dimensão significado

Foi realizada a análise de correlação entre o *score* do SOC-13 e demais variáveis numéricas ou ordinais, porém, não foi encontrada correlação estatisticamente significativa.

No que se refere à variável SOC, foi preciso classificar a amostra em três níveis: alto, médio e baixo, senso de coerência de modo a compreender a distribuição do grupo quanto à variável, amparando a seleção destes para as entrevistas. Para isso, foram transformados o *score* total bruto de cada participante em uma pontuação padrão (Z-Score). Em seguida, foi realizada a distribuição das pontuações em percentis (Tabela 4). Os participantes cuja pontuação ficou abaixo do primeiro quartil foram considerados como de pontuação baixa. Pontuações entre os quartis 2 e 75 foram classificadas como pontuação moderada, e aqueles acima do quartil 75 foram classificados como de pontuação alta de senso de coerência (Tabela 5).

Tabela 4: Relação entre percentis, Z-Score e pontuação total do SOC-13

| Percentil | Z-Score | SOC-13 Score total |
|-----------|---------|-----------------------|
| 5 | -1,800 | 41 |
| 10 | -1,426 | 47 |
| 25 | -0,499 | 59 |
| 50 | 0,102 | 68 |
| 75 | 0,739 | 77 |
| 90 | 1,164 | 83 |
| 95 | 1,426 | 87 |

Tabela 5: Relação entre faixas de percentis e *score* total do SOC-13

| Faixa percentil | SOC-13 Score total | N | Classificação do SOC-13 |
|-----------------|-----------------------|----|-------------------------|
| 0 - 24 | 13 - 58 | 27 | Pontuação baixa |
| 25 - 75 | 59 - 77 | 65 | Pontuação moderada |
| 76 - 100 | 78 - 91 | 29 | Pontuação alta |

Na amostra investigada, a distribuição da população quanto ao *score* SOC-13 concentrou-se no nível moderado, com 65 participantes. É importante destacar que a referente estratificação objetivou demarcar níveis de senso de coerência dentro da própria população.

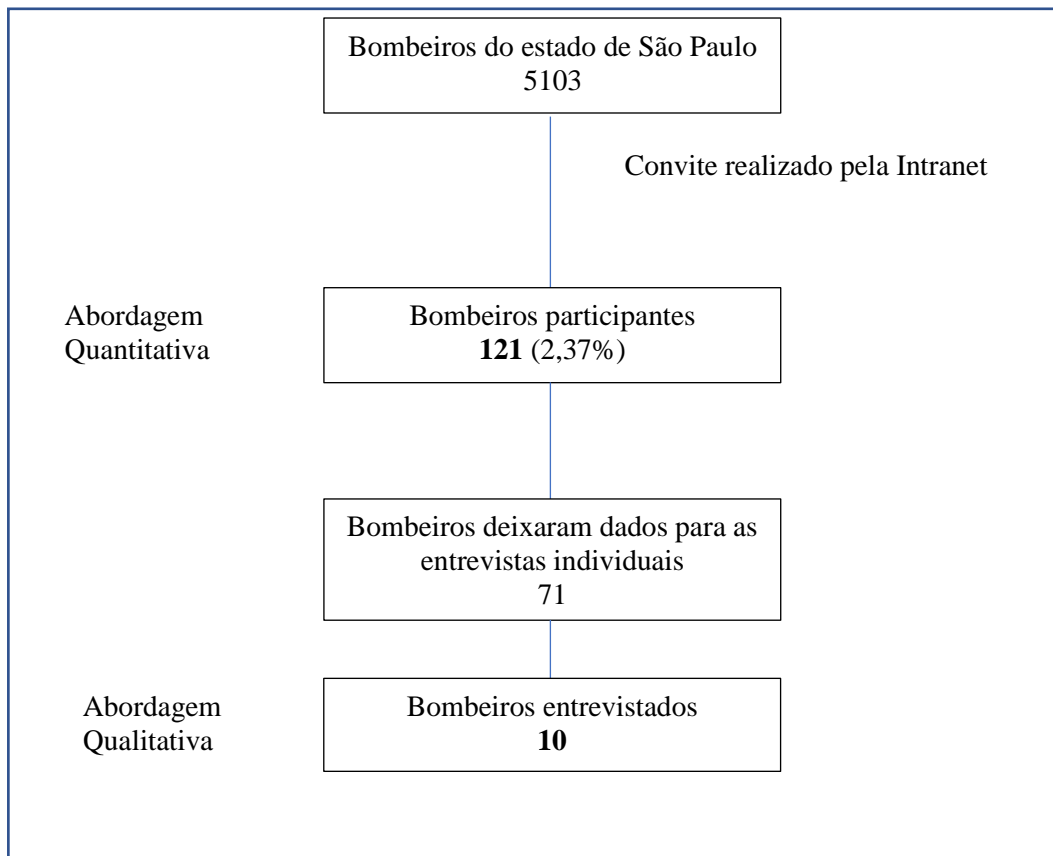
Não foram encontrados estudos realizados com bombeiros que tenham utilizado a demarcação por faixas. A compreensão das dimensões do senso de coerência foi aprofundada pela análise de discurso. Encerrada a apresentação de dados na abordagem quantitativa, serão apresentados os resultados oriundos das dez entrevistas semiestruturadas realizadas com bombeiros que dispuseram seus dados ao final do questionário.

10 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA ABORDAGEM QUALITATIVA

Neste Capítulo, são abordados os conteúdos das entrevistas semiestruturadas realizadas com os bombeiros que responderam ao questionário analisado anteriormente. O objetivo da abordagem qualitativa é compreender a experiência do pesar vicário na profissão de bombeiro militar da função operacional.

A figura abaixo apresenta o caminho pelo qual os bombeiros foram selecionados para a realização das entrevistas. Dos 121 bombeiros que responderam à escala senso de coerência, 71 deixaram seus dados para o agendamento das entrevistas. Destes, dez bombeiros foram entrevistados (Figura 4).

Figura 4 – Amostra da pesquisa na abordagem qualitativa



Não foi possível lograr a seleção dos participantes conforme previsto no método, de alto e baixo senso de coerência, devido a dificuldades no acesso e agendamento para as entrevistas. Sendo assim, as entrevistas foram realizadas com os bombeiros disponíveis para esta fase. Dos entrevistados, cinco bombeiros pontuaram baixo senso de coerência, enquanto cinco bombeiros pontuaram médio senso de coerência. Na próxima seção, cada participante é apresentado pelo

olhar da pesquisadora. O quadro abaixo apresenta a distribuição da população pela hierarquia (Quadro 1).

Quadro 1 - Características dos entrevistados

| Nome | Hierarquia |
|-------------|-------------------|
| Amyr | Praça |
| Carlos | Oficial |
| Cora | Praça |
| Fernando | Praça |
| João | Oficial |
| José | Praça |
| Manuel | Praça |
| Mário | Praça |
| Paulo | Praça |
| Rubem | Praça |

10.1 Um olhar para cada voz

O encontro com cada participante desvelou perspectivas singulares que em alguns momentos se tocavam. Ao contrário do esperado pela pesquisadora e pelos bombeiros da gestão, os participantes aceitaram conversar sobre os desafios do trabalho em ocorrências, expondo suas vulnerabilidades e limites. Com a mesma honestidade, compartilharam os recursos que utilizavam para lidar com as emoções e o cansaço. Nesta seção, o material que segue foi registrado em diário de campo e, portanto, será descrito em primeira pessoa de modo a respeitar a escrita própria desse tipo de relato.

✓ Amyr

*“Descobri como é bom chegar quando se tem paciência.
E para se chegar, onde quer que seja,
aprendi que não é preciso dominar a força, mas a razão.
É preciso, antes de mais nada, querer”
(Amyr Klink)*

Amyr transpareceu objetividade e energia em sua postura e fala. Narrou com riqueza de detalhes a sua entrada nos bombeiros, de modo a sinalizar todas as idas e vindas que o levaram até o local onde trabalha. Em sua carreira, estava perto de ir para a reserva, o que foi uma grande oportunidade de ouvir um profissional na fase de final de carreira. Descreveu o seu trabalho destacando a eficiência e a dedicação em oferecer o seu melhor.

✓ Carlos

*“Não serei poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”*
(Carlos Drummond de Andrade)

Como oficial, Carlos trouxe uma vasta experiência na gestão de equipes em que transmitia a importância da parceria com os subordinados na tropa. Sua fala era intensa e animada, mencionando diferentes acontecimentos ao longo de sua carreira que formaram a visão de mundo que apresentava. Contava diferentes episódios trazendo a fala das pessoas envolvidas de forma direta, dando-me a impressão de que estava assistindo a um filme.

Como oficial, Carlos lamentava o fato de não atuar mais na ponta, mas reconhecia que, com o passar dos anos, as condições físicas e de vida se alteraram e o trabalho gerencial, composto por uma demanda mais cognitiva, responderia melhor a essa nova fase. No decorrer da conversa, fui contagiada pela energia de Carlos que trouxe temáticas diversas às propostas no roteiro de entrevista.

✓ Cora

*“Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras
e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista”*
(Cora Coralina)

Eu estava muito motivada para conseguir entrevistar mulheres nesta Pesquisa. Minha motivação se nutria pela curiosidade de conhecer os possíveis atravessamentos de gênero na vivência como bombeiro. Por fim, Cora foi a única mulher entrevistada dentre os participantes. Ela se colocou disponível para a entrevista e de forma simpática e alegre encaminhou a conversa. Seu tom de voz indicava a motivação pelo trabalho, apesar de tantos desafios enfrentados no cotidiano. Diversos aspectos sobre a realidade de ser mulher nos bombeiros

foram abordados livremente; imagino que o fato de conversar com outra mulher possa ter propiciado um ambiente facilitador.

✓ Fernando

*“A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto”*
(Fernando Pessoa)

Fernando é um homem que transmite a vontade por contar sua história e ser ouvido. Sua fala é ágil, evocando muitas informações rapidamente. Trazia na sua história pessoal a descrição de situações dotadas de sentido na relação com o transcendente. Essa foi uma das entrevistas mais longas e mais emocionantes, dada a profundidade das vivências partilhadas, especialmente quanto àquela relativa à perda de um amigo em uma ocorrência. Decidi dar espaço para a voz de Fernando, ao invés de forçar um retorno do foco ao roteiro, visto que ele queria contar a história dessa amizade. Em sua fala, expressava a confiança de que meu trabalho contribuísse no cuidado à saúde mental da Corporação.

✓ João

*“Vivendo, se aprende;
mas o que se aprende, mais,
é só a fazer outras maiores perguntas.”*
(João Guimarães Rosa)

João realizou a entrevista diretamente do local onde trabalha, enquanto executava atividades ao computador. Como oficial, realiza o gerenciamento da tropa, medeia o contato com os superiores, bem como executa tarefas técnicas, como o preparo dos equipamentos. O volume de atividades relativas à estrutura de operação foi pontuado como mais pesado do que o trabalho nas ocorrências em si. Em sua fala, a objetividade e a racionalidade se destacaram como modo de enfrentamento das situações. Destacou a importância do estudo e da técnica em seu trabalho. Tive dificuldade de desenvolver a entrevista com ele ao ver em seu semblante e no seu corpo o foco nas atividades de trabalho, algumas executadas durante a entrevista.

✓ José

*“Em que língua se diz, em que nação,
Em que outra humanidade se aprendeu
A palavra que ordene a confusão
Que neste remoinho se teceu?
Que murmúrio de vento, que dourados
Cantos de ave pousada em altos ramos
Dirão, em som, as coisas que, calados,
No silêncio dos olhos confessamos?”*
(José Saramago)

José acolheu de forma simpática o convite para a entrevista. Em sua narrativa, citou poucos eventos que causaram significativo impacto emocional no trabalho. Impôs uma pausa no seu discurso ao comentar do luto por colegas falecidos que eram da sua equipe. Sua fala era fluida e mansa, com a conversa seguindo de forma leve. Transmitiu objetividade e uma perspectiva racional das experiências vividas.

✓ Manuel

*“E a vida vai tecendo laços
Quase impossíveis de romper:
Tudo o que amamos são pedaços
Vivos do nosso próprio ser”*
(Manuel Bandeira)

Manuel transmitiu tranquilidade na sua fala, pontuando a sua visão acerca dos acontecimentos de forma pausada e ponderada. Ele demonstrou ter uma grande satisfação em passar o seu conhecimento para os bombeiros mais jovens. Indicou que, na relação estabelecida com os novatos, preocupa-se em transmitir atenção e empatia por entender o percurso pelo qual também atravessou até adquirir o conhecimento e a confiança no fazer. A entrevista seguiu com muito acolhimento e findou com um convite para que eu conhecesse o posto onde ele trabalha.

✓ Mário

*“Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!”*
(Mário Quintana)

Mário é mergulhador e descreveu o trabalho peculiar de resgatar corpos já sem vida. Essa entrevista foi muito emocionante pela franqueza com a qual o entrevistado relatou uma ocorrência, que trouxe sensibilidade e respeito ao se referir ao corpo de uma criança já morta, carregada em seus braços. A descrição sobre as características físicas da menina, sinais de

inocência e pureza, bem como o relato da sua própria emoção ao viver aquele momento foram marcantes.

✓ Paulo

*“Meus amigos
quando me dão
Deixam na minha
a sua mão”*
(Paulo Leminski)

Logo no primeiro contato, Paulo prontamente se dispôs a ser entrevistado. Sua fala demonstrava curiosidade e conforto. No início da conversa, ele agradeceu a possibilidade de a categoria poder ser vista, trazendo na sua fala a demanda dos bombeiros mais antigos por um maior cuidado à saúde emocional. Ele revelou um olhar atento para o conhecimento dos colegas mais experientes, trazendo em sua fala as observações da rotina de trabalho no contato com eles, em que destaca a união da prontidão em que trabalhava. A entrevista fluiu tranquilamente pelos tópicos abordados.

✓ Rubem

*“Sim, quero viver muitos anos mais.
Mas não a qualquer preço.
Quero viver enquanto estiver
Acesa em mim a capacidade de me
comover diante da beleza”*
(Rubem Alves)

A conversa com Rubem foi pontuada pelo foco dado pelo entrevistado à relação da vida pessoal com o trabalho. Sua fala revela a lucidez de quem possui a consciência dos limites do seu ofício. Foi tocante perceber a sensibilidade com que ele descreveu os aspectos do seu trabalho, trazendo impressões sensoriais na experiência do socorrer. Narra o ser bombeiro como um tributo pela vida.

O encontro com cada bombeiro possibilitou entrar em contato com visões de mundo distintas acerca da escolha por socorrer. Nutrir esse olhar para cada um foi importante para aprofundar a dialética entre as questões singularidade e a universalidade dos discursos. À apresentação de cada participante segue a análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas.

10.2 Análise de conteúdo

As entrevistas foram analisadas segundo orientações de Bardin (2011). Após a leitura fluente das entrevistas, o foco de atenção se voltou às unidades de registro do texto, que foram então aglutinadas em temas e, por fim, nas categorias emergentes, a saber: O labor (Quadro 2), O sensível (Quadro 3) e O tempo (Quadro 4). Como categorias *a priori*, as dimensões do senso de coerência – manejo, compreensão e significado – também foram consideradas no fechamento das análises.

De modo a facilitar a visualização das temáticas abordadas e suas peculiaridades, foram construídos quadros esquemáticos que orientaram a condução das análises descritas a seguir. O primeiro deles refere-se à categoria O labor.

10.2.1 Categoria: O labor

Quadro 2 – Categoria: O labor

| Tema | Unidade de registro |
|-------------------------|---|
| Entrada nos bombeiros | <ul style="list-style-type: none"> - Desejo de atuar como bombeiro - Desejo de ter um emprego estável |
| Organização do trabalho | <ul style="list-style-type: none"> - Bombeiros como uma pequena parcela da PMESP - Baixo efetivo para uma grande área de atuação - Necessidade de traçar melhor os perfis na seleção de bombeiros e policiais - Possibilidade de migrar entre polícia e bombeiro |
| Processo de trabalho | <ul style="list-style-type: none"> - A realização da norma - Policiais x Bombeiros - Identidade do bombeiro e da prontidão - O trabalho do mergulhador - Razão e emoção no trabalho - Preconceito contra a mulher - O atendimento aos trotes - Acidente de trabalho - Doença ocupacional |
| Cuidado à saúde mental | <ul style="list-style-type: none"> - O ser humano atrás da farda - Baixa procura por apoio psicológico - Efetivo com muitos problemas psicológicos - A gestão de saúde mental - Especificidade do trabalho dos bombeiros - A importância da informação |

O trabalho, como uma das atividades organizadoras da vida em sociedade, foi abordado pelos participantes em aspectos relativos à entrada nos bombeiros, organização do trabalho, aspectos gerais do processo de trabalho e, dentro deste, os cuidados à saúde mental pela PMESP.

Considerou-se imprescindível, na montagem do roteiro de entrevista, contextualizar a fala de cada participante a partir de suas motivações e desejos ao ingressar no Corpo de Bombeiros: para uns, um desejo nutrido desde criança, a vontade de trabalhar como bombeiro; para outros, a possibilidade de ter um emprego estável com um plano de carreira.

Neste momento, é importante sinalizar um aspecto da terminologia adotada na análise. Embora os bombeiros sejam em tese policiais militares, por pertencerem à instituição PMESP, as considerações descritas contêm a diferenciação entre o trabalho do bombeiro e o trabalho do policial militar. Outro ponto se refere à utilização da terminologia vítima pelos bombeiros, jargão próprio da segurança pública e que localiza a discussão sobre o conceito de afetados, apresentado no contexto da atuação em emergência e desastres, no contexto dos trabalhadores investigados.

A estrutura da PMESP foi comentada por Mário, reconhecendo a pequena expressividade dos bombeiros no universo de todas as categorias geridas pela instituição. Conforme aponta o organograma da PMESP, os bombeiros estão ao lado dos trabalhadores do policiamento urbano, ambiental, choque, rodoviário e de trânsito. Esse fato, conseqüentemente, pode impactar as ações destinadas aos bombeiros, tendo em vista o foco esperado da gestão para o efetivo de policiamento. Um redimensionamento do quadro dos bombeiros poderia ser realizado pela gestão, tendo em vista o quadro reduzido de profissionais, como comenta Fernando:

A polícia militar, ela tem um efetivo, se não me engano de 90.000 homens, se não me engano, tá, ou 100.000, eu não sei. Bombeiro se não me engano hoje são cerca de 9.000. Então nós somos uma pequena porcentagem da polícia militar, então nada mais justo, se você pensar por quantidade de policiais, que a maior atenção seja voltada aos policiais de uma certa forma, a maioria são eles, né? (Mário).

Antigamente era 16 numa prontidão, hoje tem 7, 6, quando não tem 5 mais um cara que fica no telefone, né? Baixa um resgate para ficar 3 no incêndio para 400 mil pessoas dentro da cidade (Fernando).

A profissão de bombeiro tem, em sua natureza, o contato com riscos biológicos, físicos, químicos e ergonômicos. O quadro reduzido do efetivo pode expor, portanto, o trabalhador de forma mais acentuada a todos os riscos. Assim, a realização de concursos públicos, com maior

quantidade de vagas para bombeiros, pode constituir uma contribuição para a melhoria da qualidade de vida destes profissionais.

Outro ponto destacado quanto à organização do trabalho foi a necessidade de refinar os perfis na seleção de pessoas, conforme apontou Carlos. O participante contribuiu de forma significativa na análise da organização do trabalho da instituição. A sua experiência de trabalho, na esfera micro, foi apresentada aliada à perspectiva macro, à estrutura que sustenta. Ao passo que apresentava a estrutura, expressava suas impressões e emoções frente a ela:

(...) Acho que a avaliação psicológica para ingresso no bombeiro tinha que ser diferente da policial. (...) O bombeiro requer uma empatia maior, uma simpatia maior principalmente na forma de lidar. Requer uma abnegação ainda maior, mais do que o policial. O policial também, mas o dele é um limite acima, então a parte, vamos dizer assim, do bombeiro, ele tem que ser mais emotivo principalmente para lidar com as vítimas hoje, que é o carro chefe hoje de ocorrência, que são as tentativas de suicídio. Então a Corporação tem que acordar pra isso, tem que ver isso. (...) Acho que o nosso processo de seleção é muito fraco em relação a traçar esses perfis e ver quais são os perfis adequados (Carlos).

O bombeiro ainda destacou como um aspecto digno de cuidado da Corporação a possibilidade de migrar de bombeiro para policial, tendo em vista as diferenças apresentadas há pouco sobre suas naturezas. É perceptível a tentativa, por parte da gestão da PMESP, de unificar a força de trabalho em termos do discurso e das práticas. No entanto, os bombeiros participantes revelaram as diferenças existentes e que precisam ser consideradas no sentido de proporcionar melhores condições de trabalho para todos, com suas diferentes demandas. Carlos comenta o impacto que sentiu ao migrar de bombeiro para policial no que tange à visão de mundo e comportamento:

E isso aí inclusive tinha até que ter uma consulta com psicóloga, porque foi um período ali para mim... Você é bombeiro desde que você nasceu na Corporação, aí (...) agora você vai para a polícia. ‘Meu Deus, e agora como que eu falo? Eu vou chegar para a minha sobrinha: ‘Tio, você é bombeiro!’’. ‘Não, agora eu sou polícia’’. E é uma mudança assim... São duas profissões totalmente diferentes, totalmente diferente. É bombeiro, policial, padreiro, médico e juiz, é tudo diferente. A visão do mundo em relação ao policial bombeiro é totalmente diferente, o tratamento entre as pessoas na Corporação bombeiro e polícia é totalmente diferente, relação funcionário público com a sociedade, polícia e bombeiro é totalmente diferente, né? (Carlos).

Um aspecto crucial na análise do discurso dos bombeiros entrevistados se referiu à sutileza da transformação do trabalho normativo para a realidade concreta. Profissionais altamente especializados e formados na técnica encontram o ineditismo de cada ocorrência.

Paulo e Cora diferenciaram o real das simulações realizadas nos treinamentos e descritas nos Procedimentos Operacionais Padrão (POP). Este reconhecimento é necessário para a

criação de estratégias que possibilitem a execução do previsto em um cenário real, com suas peculiaridades e contradições:

Então, eu já peguei um incêndio, porém não tinha vítimas, mas foi uma sensação que quando eu entrei dentro do cômodo lá era muito fogo, muito quente. Ali eu vi o real calor que todos passavam na escola, né, os instrutores, porque a gente, quando a gente vai no ambiente controlado chega a ser quente, porém a gente tá no ambiente controlado, tem instrutores. Agora você estar numa ocorrência e sentir aquele calor parece que tá até passando o EPI, né, aí é totalmente diferente. Foi uma situação, assim, marcante pela cena lá, né? Não foi nada que me deixou com medo, nada disso, mas foi marcante por esse fato da caloria (Paulo).

Porque o nosso trabalho por mais que a gente passe por uma escola, a gente tem aprendizado, é, na prática é tudo diferente. É, eles não conseguem preconizar em um manual tudo o que a gente vai atender. É... Isso é uma coisa impossível. Não tem como eles delimitarem o roteiro em todas as ocorrências. A gente tem um Procedimento Operacional Padrão, mas a gente tem que saber adaptar esse procedimento pra atender a população da melhor forma possível (Cora).

No que tange às diferenças entre o bombeiro e o policial inicialmente descritas quanto à seleção de pessoal, os participantes trouxeram mais contribuições. Nos dois trechos abaixo, Carlos traz exemplos do cotidiano operacional para diferenciar as duas formas de trabalho. Cora e Fernando apontam a sensibilidade e o cuidado, como característicos do trabalho dos bombeiros:

(...) Você pega um policial, por exemplo, da rota, da força tática, o cara nunca vai lidar com esse nível de humanidade e não tem que lidar. Ele não tem que ser o cara... Para a função que ele faz, ele tem que ter aquela postura de mal, a postura de, tipo, seriedade, até mesmo, vamos dizer, de agressividade. (...) Pra bombeira menina que trabalha lá no resgate que é quem vai conversar com tentativa de suicídio, por exemplo, de uma menina que foi estuprada. São mundos totalmente diferentes, você nunca vai conseguir uma aproximação de um policial carrancudo com uma menina dessa. Falo isso, porque isso foi uma ocorrência que eu tive que administrar. Uma menina de 16 anos que foi estuprada, tentando se matar. Nenhum homem conseguia conversar com ela, nenhum. Aí teve que pegar um resgate de outro lugar, totalmente longe, que tinha uma menina de serviço e foi lá. E aí fluiu a ocorrência (Carlos).

É um diferencial nosso, que a gente procura atender, sim, bem, com bastante carinho como se fosse o nosso familiar mesmo (Cora).

Aqui é uma... É além de uma profissão, é um chamado mesmo. (...) Eu acho que é um chamado, vamos dizer assim, pela humanidade, é um trabalho de doação (Carlos).

E foi por causa de um gato, pra salvar a vida de um gato, mas, assim, quando eu entrei nessa profissão se fosse para um pardal eu dou minha vida”(Fernando).

A sensibilidade da cena relatada, a tentativa de suicídio de uma adolescente que sofreu estupro, revela as singularidades do cotidiano que carecem de atenção. O conhecimento que o bombeiro adquiriu pelas experiências vividas indica a importância do efetivo feminino na

Corporação, fato que será abordado mais à frente. Para além da técnica oferecida aos bombeiros, as sutilezas na realização do trabalho, como as questões de gênero, atravessam a cena da ocorrência e precisam ser consideradas no intento de salvar vidas.

Ainda nas distinções entre bombeiros e policiais, Cora e José abordaram o tema da violência ao policial militar. Cora citou a proteção que o fato de ser bombeiro confere ao trabalhador em detrimento do risco inerente em ser policial militar. A série de ataques a policiais militares a mando de uma facção criminosa no ano de 2006, no estado de São Paulo, foi lembrada por José. Fernando apontou uma mudança de comportamento do policial militar desde então. A falta de valorização dos profissionais da segurança pública pela gestão e pela sociedade foi citada por Rubem, comentando uma ocorrência em que atendeu um policial militar:

(...) são experiências diferentes, são vivências diferentes, problemas diferentes. (...) Inclusive a gente tenta ao máximo, a gente para todo mundo é bombeiro, a gente não fala que a polícia. Por quê? Policiamento sofre muito com essa parte de insegurança, medo dos familiares, o que pode acontecer com os familiares, ameaças, às vezes prende uma pessoa aqui e a pessoa começa a perseguir, vai na porta da casa, então são vivências diferentes” (Cora).

Tava tendo aquele problema dos ataques, né, na época... Foi (...) 2006, teve aquele problema todo, né, em São Paulo. Muitos policiais morrendo... (José).

Hoje em dia a gente fala que o policial militar - por causa da criminalidade com esse negócio de PCC - quanto mais trabalhar longe é melhor, a gente tem isso, o policial tem isso (Fernando).

A polícia militar no Brasil, ela é um pouco marginalizada, né? (...) Porque todo mundo fala das vítimas e os policiais que são vitimados, né? A gente vê quantos policiais aí depois que essas facções criminosas cresceram, quantos policiais foram mortos, já tive... Eu já tive oportunidade de atender e, dentro disso que você falou de ocorrência que marca, em 2008 teve uma segunda série de ataques, nós fomos atender ali na estrada do Campo Limpo um policial que 5 horas da manhã tava no ponto para ir trabalhar, os caras passaram e deram uns tiros nele. A gente socorreu, levou pro hospital do Campo Limpo. Pá, entregamos lá, aquele negócio... E aí, meu, a parte que, meu, entrou a mãe dele chorando, abraçando: ‘nossa, mataram o amigo de vocês’. E, assim, aí você fala ‘po, quem olha por nós? Quem olha por nós?’ (Rubem).

A Ouvidoria da Polícia do Estado de São Paulo elaborou em parceria com o Conselho Federal de Psicologia e Conselho Regional de Psicologia de São Paulo o documento *Uma análise crítica sobre suicídio policial*. Dados do documento acerca dos militares da PMESP indicam que, nos anos de 2017 e 2018, a taxa de homicídio e/ou latrocínio na folga (46.4) representou, juntamente com o suicídio policial (21.7), os maiores motivos de morte do efetivo.

Manuel lembrou o alto índice de aceitação da população ao trabalho dos bombeiros expresso em pesquisas de opinião e Carlos questionou esse dado amplamente divulgado com um exemplo do dia-a-dia:

A gente tem essa... 99% de aceitação da população aqui, da população brasileira, da população de São Paulo, que aceita o bombeiro quase 100%. São poucos que não gostam (Manuel).

Então por isso que esse reconhecimento que tem para mim [pesquisas de opinião que indicam bombeiros como profissão mais confiável pela população], (...) ele acaba sendo mais prejudicial do que favorável, né? Porque a parte favorável, vamos dizer assim, ela é praticamente indiferente. A sociedade acha lindo, maravilhoso, legal. Aí propõem de colocar, por exemplo, igual aqui teve aqui na região uns momentos. Todo mundo gosta do bombeiro? Certo. Vamos propor de colocar uma taxa de serviço de bombeiro no IPTU, de 10 reais por ano. De repente ‘Ah, não precisa! O bombeiro não precisa disso!’. Então você vê que o reconhecimento, ele não é tão profundo assim. O pessoal gosta, maravilhoso, mas na hora de ‘doa alguma coisa pro bombeiro! Paga uma taxa para a melhoria dos serviços deles?’. Não. É assim. Então eu sou muito cético em relação a esse reconhecimento, principalmente pela parte da acomodação do pessoal, acho bem perigosa (Carlos).

A vocação para esse ofício revela a identificação do bombeiro com o ato de salvar, opinião expressa por Fernando. O pesar ao deixar a função operacional para migrar para a função estratégica, conforme previsto na promoção de carreira, foi relatado por Carlos. Era visível a tentativa de se racionalizar o processo ao mesmo tempo em que se expressava o lamento pelo término da função operacional:

Teria que ter uma política muito de valorização dentro da nossa carreira, poderia ser melhorado, mas eu não penso dessa forma ainda... Pode ser que eu não pense, pode ser que depois de aposentado eu pense, né? Mas eu acho que ainda não, porque a profissão nossa, ela tá além do salário, ela tá além do que o governo pode pagar pra gente porque tá dentro do sangue, né? (Fernando).

Conforme vai subindo também na hierarquia a função operacional, ela acaba cada vez mais distante, né, infelizmente... (Carlos).

Infelizmente? – (pesquisadora)

A gente que gosta mesmo da atividade de bombeiro, a gente sente falta, né? Por mais de toda dificuldade que tem, o risco, quando a gente entra pra ser bombeiro a gente está buscando isso, essa atividade fim, né? Realmente tá lá pra salvar. Mas conforme você vai amadurecendo, você vê - por questão de saúde também, questão de tempo em casa e tudo mais – até o peso da idade no corpo mesmo, né, vai cobrando e é necessário. E a gente vê que a parte estratégica, administrativa do negócio é tão importante quanto, né? (Carlos).

A imagem de herói, reforçada pela população, mostrou-se incorporada nos participantes, que apresentaram opiniões divergentes sobre a sua validade, enquanto que traziam características do heroísmo em sua conduta cotidiana. A humanização do herói foi revelada por Manuel, Fernando e José. Aspectos como a coragem, a exposição ao risco, a honra e a prontidão foram destacadas pelos participantes:

A gente chega num incêndio, né? Incêndio, tá lá o prédio, um andar pegando fogo e tal, o pessoal tudo correndo e a gente correndo pra entrar no incêndio, né? E a população, as

peessoas que tá ali próxima sai ‘graças a deus! Chegou os heróis! Agora eles vão fazer’, mas tem alguns que acha que a gente não sangra, não se machuca, não fica doente, né? Assim, tem essa parte da população que acredito muito, mas também eles querem que você faça tudo, sabe, que você seja... Realmente seja o herói. E a gente tem que ser, viu? Tem que buscar... (Manuel).

E a gente sabe, ‘não, realmente, tem que ser um herói’. Mas não é um herói de ir lá e morrer ou se machucar. Você tem que saber o que vai fazer, né? Então pra isso tem muito treinamento também que a gente realmente tem que passar pra população que a gente é um herói, mas um herói consciente do que tá fazendo (Manuel).

A gente não é herói, a gente tem medo. A gente tem receios, né? (Fernando).

A minha profissão eu tenho que ter medo, porque se eu for dizer que eu sou um super-herói eu vou morrer. Então eu tenho que ter medo de que o colega se machuque, eu tenho que ter medo daquilo, será que eu vou, não vou? Eu tenho que ter. Então assim, isso é do ser humano (Fernando).

Ontem nós fomos desenterrar o corpo de uma mulher que o marido, o ex-marido, por pensão, que não queria pagar. O investigador tava tomando cerveja olhando pra cova. Uma mulher morta enrolada num... Aquilo fica para nós bombeiros, aquilo, mesmo que a gente brinque, a gente chegou no quartel brincando, falando ‘meu, o chefe da investigação tava tomando uma Heineken e olhando pro corpo da mulher, todo mundo tirando foto, delegado lá do lado’. Poxa, eles podem fazer isso? Eles estão trabalhando! (Fernando).

Às vezes até de folga a gente se depara com alguma ocorrência também, né? Tem isso também. Na folga, nossa folga é relativa, né? Às vezes a gente é solicitado mesmo na folga pra... Eu mesmo já me deparei, tava andando sozinho no meio da rua e acabei salvando a pessoa, né, que graças a deus consegui reverter, né? Chegou a ambulância lá, que na hora o resgate não tava disponível, e mandaram médico lá e conseguimos êxito na situação, né? (José).

A identificação com a figura do herói, especificamente no que diz respeito à força, se mostra atrelada ao contexto militar, em que não há um estatuto de proteção legal ao trabalhador. Dessa forma, o ambiente não se torna propício à expressão de vulnerabilidade – tema a ser melhor desenvolvido adiante, quando os cuidados à saúde mental na instituição forem abordados:

(...) Na verdade, o militar é um ser teimoso, né? O militar, ele só se entrega quando ele não está aguentando mais. Então quantas vezes eu já não trabalhei com febre, doente, gripado, doenças que uma pessoa gerida por uma CLT não pensaria duas vezes em não ir trabalhar. (...) Mas eu tive vários, vários motivos que eu poderia não trabalhar, né, e fui trabalhar (Mário).

O trabalho em equipe constitui-se fator relevante no ofício dos participantes. A prontidão se mostra como um local de pertencimento, com uma identidade específica. O longo tempo que passam juntos – o período de formação, os treinamentos e a jornada de trabalho 24x48h – termina por conferir um espaço de convivência tão intenso quanto àquele que norteia

as relações familiares. A coesão do grupo toma concretude para toda a comunidade do quartel, que facilmente diferencia a identidade de cada prontidão:

A gente passa mais tempo juntos do que com a família praticamente (José).

Cada prontidão tem a sua característica. Se quando você tiver trabalhando na sua e você toma um serviço e vai trabalhar na outra, vai sentir uma diferença terrível. Até afinidade; você tá no mesmo quartel da pessoa, só que a afinidade é outra. A gente sempre tenta manter uma doutrina que é o quê? ‘Todo mundo vai fazer tudo junto. Não vai ficar ninguém separado’. Nas outras prontidões tinha tudo separado, enfim, cada um com seu problema, né? E aí a gente fazia... Faz tudo junto, então não pesa pra ninguém (Amyr).

A identidade foi reconhecida por Amyr como uma doutrina, analogia que expressa a força que une pessoas com personalidades e histórias de vida distintas sob o mesmo conjunto de valores e práticas. Aqui novamente expressa-se a potência do real em detrimento das normas que regulamentam o trabalho desses grupos. Na próxima categoria a ser apresentada, O sensível, a conduta acolhedora da prontidão se mostrará como um forte fator de proteção para o sofrimento no trabalho em ocorrências.

A atividade do mergulhador foi descrita por Mário e Carlos, ilustrando de forma vívida a relevância e os desafios dessa função no Corpo de Bombeiros. Mário narrou o início da sua carreira com o desafio de mergulhar para o resgate de corpos, evidenciando as emoções evocadas na realização de um atendimento que não tem em sua natureza o objetivo de salvar vidas, mas sim recuperar corpos. Carlos complementa a compreensão desta forma de trabalho:

Eu sou mergulhador do Corpo de Bombeiros, não são todos os bombeiros que são mergulhadores. Eu sou um mergulhador e quase todas as pesquisas de mergulho da minha equipe sou eu que mergulho, então já estou acostumado a ir para afogamento e mergulhar para buscar o corpo da pessoa no fundo da represa, do rio... Isso pra mim é normal. Aí dos primeiros mergulhos era bem complicado: a emoção de afundar e nadar, mergulhar no escuro, porque no mergulho você não enxerga nada, e você tocar um corpo ali embaixo. No começo foi algo bem diferente pra mim e até... Como que eu posso dizer... Bastante emocionante no começo, nas primeiras vezes, né? Mas eu já – como tudo – já me acostumei com isso (Mário).

(...) É uma atividade que você só faz um mergulho para recuperar corpo, né? O afogado, só pra pegar cadáver. Então já começa que não tem aquela nobreza do ‘salvar alguém’, não tem. Dentro das atividades do bombeiro é uma das mais arriscadas, biologicamente falando, risco para a segurança... E aí você não ganha nenhum adicional, não ganha nada, um centavo a mais por isso. Pelo contrário, você está em casa, no sábado, aí te ligam ‘afogou um cara na represa, tal’. É um sobreaviso eterno, é um ‘você tá aqui curtindo um almoço em família? Vamos lá!’. É assim. (...) E aí tem gente aqui, tipo quanto mais dava isso, acho que quanto pior era, mais legal ele se sentia, melhor ele se sentia, porque realmente é um grupo que, é... A motivação é automática. ‘Po, é a gente de novo! A gente vai fazer aquilo que ninguém quer fazer’ (Carlos).

A adequação ao *sobreaviso eterno*, descrita por Carlos, pode ser perigosa para o próprio trabalhador, pois oculta a possibilidade de reivindicação por melhorias no trabalho. No

entanto, em uma estrutura moldada pelo princípio da obediência à hierarquia, a motivação mencionada pode constituir uma estratégia de sobrevivência nesse meio. Adicionam-se a isto a satisfação advinda do ofício em si e a constatação da relevância dessa categoria altamente especializada para a Corporação, mesmo que não sejam oferecidos benefícios em contrapartida.

Complementando as observações de Mário, acerca do contato com as emoções, os participantes descreveram as minúcias de um fazer altamente qualificado permeado pelo sensível. Como razão e emoção se comunicam no fazer do trabalho e como os bombeiros lidam com isso? Os termos relativos à dureza na conduta – *frieza* e *pedra* – foram apontados por Cora, Paulo, Manuel e Carlos como modos de funcionamento focados na racionalidade, orientados para a realização da atividade fim: resgate, salvamento ou combate a incêndio.

Carlos ainda ilustrou o possível conflito entre a racionalidade trazida pelo bombeiro *versus* a emoção que toma a pessoa afetada. Os termos *ginástica mental* e *jogo de cintura*, citados por João e José, expressaram o esforço em lograr a atividade operacional em meio ao estado emocional. Mário observou que, apesar do contato com as emoções, a prática de atendimento a ocorrências difíceis não levava ninguém a perder o controle de si.

A descrição dos participantes corroborou as contribuições de Farah (2019) e Terceño (2018), no que diz respeito às estratégias cognitivas desenvolvidas pelo bombeiro para conseguir desempenhar sua tarefa com eficiência:

É, na verdade, no momento da ocorrência, é, a gente sabe que o outro... está tocando o outro, mas a gente se segura e, assim, não demonstra em momento nenhum. É... Depois, quando a gente sai, a gente conversa, aí a gente conversa bastante, é... Faz um feedback da ocorrência, o que pode acontecer, é... Como que aquela pessoa vai ficar, como que aquela família vai ficar, é... Mas normalmente, no momento da ocorrência, a gente é uma pedra (Cora).

É meio estranho falar, parece que vai achar que nós somos frios, mas é uma situação que parece que é assim, quando a gente vai pra ocorrência, quando toca o sinal no quartel, é meio que a adrenalina sobe, a gente não vê muito essa parte emocional na hora, não vem, é difícil. Se vier vai vir depois imaginando a situação da pessoa, né? ‘Po, coitado, aconteceu isso, aquilo’. Acontece às vezes, depois, mas na hora é difícil (Paulo).

(...) a gente fica um pouco frio, a gente fica um pouco frio com relação à morte, em relação ao luto, às vezes morre algum colega, assim, parente nosso, né, aí chega a notícia e você... Acaba se tornando uma coisa normal de você conviver tanto com a morte e você tá tão perto dela, você acaba ficando um pouquinho frio em relação a isso (Manuel).

Normalmente a gente está no meio de todo mundo, né? Aí vai pra ocorrência a gente fica racional, a vítima só emocional, e tem muito conflito por isso. (...) E como a minha parte era comandar a ocorrência principalmente, eu tinha que ser o mais frio de todos. Se o bombeiro ali tem que ser frio, controlar a emoção, eu tenho que ser duas vezes mais. Eu tenho que me controlar e controlar os demais, então era gelo puro, né? (Carlos).

Então cada tipo, cada ocorrência tem sua peculiaridade e sua... A gente tem que ter jogo de cintura, né, pra lidar com as situações das mais variadas, né? (José).

Então a gente faz um trabalho, uma ginástica mental para poder... Atender aquela ocorrência da melhor maneira possível. (...) Percebo que no grupo de pessoas em que trabalho tem pessoas que reagem no momento e pessoas que reagem posteriormente. É... eu percebi que em mim foi uma reação posterior, porque no momento você tenta contornar toda a situação e dar uma resposta pro momento de crise, né? (João).

Mas como eu disse, doutora, a gente não... Eu não consigo sentir... Eu sinto que as pessoas ficam tristes em alguma ocorrência, mas eu não consigo perceber alguém que perdeu o controle de si até hoje por isso. Não, pelo menos eu não presenciei ninguém... (Mário).

Quanto ao momento em que o impacto emocional se fazia mais presente em sua rotina profissional, João observou bombeiros que entram em contato com a emoção durante a ocorrência e outros, após a mesma. De fato, o conteúdo das entrevistas apresentadas aqui aponta para as duas estratégias na experiência dos participantes. Estratégias que não são estanques, visto que as ocorrências são imprevisíveis, bem como a vida do bombeiro àquele tempo.

O ofício como bombeiro pode contribuir para o aumento do nível de ansiedade, confirmando os achados de Monteiro et al (2013). Amyr e Paulo apontaram como aspectos que podem contribuir na formação desse quadro: o quartelamento, a inconstância no ritmo do trabalho e o estado de alerta. Fernando abordou a dificuldade de descansar em seu tempo de folga, o que pode sinalizar um sinal de ansiedade por meio da estratégia de distração da mente. A necessidade de seguir no modo fazer, mesmo no período de folga, pode cumprir a função de distrair a atenção e evitar o contato com as emoções:

Porque quem chega é acelerado. Tropa quartelada dá ansiedade. Porque você vê, né, todo mundo, já escutei em alojamento 'Ninguém bate o carro, não pega fogo em nada aí pra gente ir?'. Quer dizer, é uma coisa ruim que acontece, tropa quartelada, principalmente em final de semana, porque existe a rotina de meio de semana e de final de semana, né. Então às vezes tropa quartelada causa ansiedade e ninguém entendeu que o bombeiro só é chamado pra quando acontece (Amyr).

(...) quando comecei né, entrei no bombeiro, a gente sente que a nossa ansiedade aumenta um pouco, eu senti muito isso, porque eu não era uma pessoa muito ansiosa. Aí parece que com aquele serviço que é meio agitado, você tá lá deitado, tocou o alarme, você sai, te torna um pouco ansioso. Então até isso eu tenho que trabalhar, fazendo coisas em casa, fazendo alguma coisa, é... Um hobby que eu tenha, porque se eu fico muito ocioso em casa aí eu sinto que a minha ansiedade aflora (Paulo).

Praticamente - eu sei que é errado isso - eu não descanso. Eu trabalho 24 horas, eu não descanso. Eu não consigo chegar de manhã, deitar na cama e dormir até uma hora, meio-dia para repor as energias, eu não descanso. Eu acho que muitos colegas fazem isso, tirando os outros que vão pro bico ainda para ficar o dia todo em pé numa guarita, arriscando a vida para, por nada, por R\$100, vamos dizer, né, o dia. Aí não se alimenta, não descansa, eu acho que isso mexe muito com o policial militar (Fernando).

Ainda sobre o conteúdo emocional do trabalho, o modo como os comandantes lidam com o impacto emocional dos seus subordinados pode influenciar a forma como estes encaram suas próprias emoções, como observado por Cora e Carlos:

(...) Até por falta de informação das pessoas, se a gente se emociona, é... Às vezes é entendido como uma falta de ética, uma falta de profissionalismo. Mas a gente também é ser humano, por trás a gente também está sofrendo. Então isso, na verdade, essa questão ela é exigida pelos nossos próprios comandantes que acabam achando como se fosse uma fraqueza nossa, isso de ter empatia, de demonstrar empatia. A gente não pode demonstrar emoção. Isso é uma coisa complicada na medida em que pega uma ocorrência muito... A gente sabe que a pessoa vai sofrer muito depois, os familiares, algo muito chocante... (Cora).

(...) Gerenciar o estresse do pessoal em relação a como gerenciar equipes. Hoje a gente não tem, (...) porque desde a Academia a gente tem uma aulazinha, (...) não sei como está hoje o currículo, mas é uma matéria de sei lá, 120 horas/aula, nem isso, num universo de quatro anos de 'Chefia e liderança'. Então... só que a gente está formando comandantes, gestores de pessoas, líderes. Eu acho muito fraco. (...) É uma causa raiz muito forte, porque a pessoa não sabe lidar com o conflito, não sabe, é... Gerenciar equipe, não sabe reconhecer o ruim, motivação e tal, tal, tal. E é um fator grande que, além das ocorrências que já por si só seriam um estressante, né, a um comandamento ruim, um gerenciamento de pessoas ruim, ele é um outro fator muito grande e não se fala disso, que a nossa formação, ela é fraca nessa parte de liderança (Carlos).

Outro elemento do processo de trabalho do bombeiro, comentada por José, refere-se ao atendimento aos trotes realizados pela população por meio de chamados para ocorrências desnecessárias:

É, porque a gente recebe um monte de trote também, né? Tem isso. Às vezes é... Tem pessoas que não tem noção, né? Não tem o que fazer e ficam nos prejudicando. Prejudicando a gente e os também outros, né? Quem precisa na hora, né? Eu tive uma situação que eu tive... Fui atender um rapaz que tava bêbado, visivelmente bêbado, e no mesmo instante teve um atropelamento. A pessoa morreu atropelada, porque a gente tava socorrendo um bêbado. Então é... Coisas que às vezes as pessoas não têm noção, né? Ah, 'eu vou acionar o bombeiro', mas vê qual é a situação, né? Se é realmente, tem necessidade do bombeiro lá. (...) As pessoas não têm essa noção do que é uma emergência... (José).

O trote pode desestimular o efetivo que mobiliza corpo e mente em prol do atendimento à ocorrência, e que poderia, efetivamente, se realizar em um chamado devido. Evidencia-se a relevância do investimento público na direção da sensibilização da população acerca das funções das diferentes forças de segurança pública, bem como suas respectivas funções e formas de acionamento.

Cora trouxe uma grande contribuição para este Estudo, ao trazer a vivência da mulher na Corporação. O preconceito existente e velado na estrutura organizacional, bem como nas relações de trabalho foi narrado por quem resiste em existir no meio operacional. Aspectos

relativos à reação dos homens ao comando feminino foram mencionados. Apesar dos desafios do cotidiano, a escolha por permanecer revela a motivação intrínseca por cuidar de pessoas:

Eu acho que a questão também de preconceito com mulher e a instituição é absurda. É um preconceito absurdo. Tanto é que hoje em dia até mudaram, provas para entrar no bombeiro mudaram justamente para cortar a mulher, para não entrar mulher. E quando eu entrei, as provas são difíceis, continuam sendo, só que hoje mesmo eles colocam um boneco de 90 kg para você arrastar, às vezes uma mulher de 60kg! Não é todo mundo que consegue. O trabalho é muito pesado realmente, muito pesado. Os equipamentos são muito pesados, tem um desgaste físico absurdo. Só que a gente começa a perceber que alguns pontos são voltados para discriminar mulher e isso é muito complicado, muito complicado. (...) A gente sabe que o preconceito está lá, mas não é tocado. (...) Por isso que você não vê mulher na rua. É um dos motivos. A tropa feminina é pequena, só que ninguém quer ficar na rua, porque eles já têm o pensamento 'mulher nasceu para o administrativo, para ficar atrás de um computador'. A maioria não aceita que a gente está ali na rua (Cora).

Então tem várias pessoas abaixo de mim já, não aceitam que eu dê ordens. É que o militarismo que está por trás disso, eu imponho as ordens que eu quero e pronto, acabou, não tem discussão. Mas dá, é perceptível, é aquela... Os rostos, os preconceitos de não aceitar estar sendo mandado por uma mulher. E isso quanto mais sobe vai ficando pior (Cora).

E mesmo assim você decide continuar... (pesquisadora)

É o continue a nadar, né? (...) Com certeza. Eu gostaria de trabalhar até num administrativo, mas eu gosto muito, gosto muito de atender a população. Eu (...) gosto de estar ali, todo momento que hoje eu não tenho contato quase com pessoas, eu tenho pouco contato, mas eu gosto do cuidado, gosto de encaminhar a pessoa, atender a pessoa da melhor forma possível. E é um serviço que poucos gostam de fazer (Cora).

A entrada das mulheres na Corporação, em 1991, trouxe a abertura de um espaço masculino para as mulheres, o que não significou necessariamente a inclusão das condições e necessidades do gênero feminino na estrutura militar, colocando-se como um desafio a ser enfrentado pelas mulheres que integram a instituição. Por outro lado, o militarismo pode cumprir a função de proteção à mulher ao assédio masculino quando esta está em uma patente mais elevada, visto que o militarismo possui como um dos principais pilares a obediência ao princípio da hierarquia.

Os riscos do trabalho foram citados por Fernando e José quanto a episódios de acidente de trabalho por queda e morte por doença ocupacional decorrente da exposição à fuligem e componentes químicos:

Eu caí de uma costeira para salvar um cachorro e um cara no sábado, numa Sexta-Feira Santa 9 horas da manhã. Eu caí de uma altura de 10 m fazendo rapel com corda numa costeira, não era para... era para mim ter caído. O sargento fez uma amarração errada, tirei a minha, arrumei a dele e eu acabei caindo (Fernando).

Teve uma vítima que foi um colega nosso que faleceu depois, por causa da exposição a fumaça, né? Ele ficou no incêndio e pegou câncer, né, um ano depois ele veio a falecer também (José).

Conforme levantamento de Pires et al (2017), as lesões, envenenamentos e outras consequências de causas externas ocupam o segundo lugar em número de afastamentos de bombeiros militares do município do Rio de Janeiro, seguidos dos transtornos mentais e comportamentais em terceiro lugar. O cuidado à saúde mental da Corporação foi amplamente abordado pelos participantes que trouxeram diversas perspectivas, todas apontando para a necessidade de ampliar a atenção aos bombeiros. Fernando, ao referir-se às diferentes categorias profissionais sob a gestão da PMESP, destacou o ser humano por trás da farda:

Dentro de cada competência, dentro de cada um é assim... o bombeiro é um trabalho, o policiamento que vive na rua trocando tiro com bandido é um, o policial rodoviário que trabalha na estrada é outra, o cara que trabalha no bairro... São partes dentro da polícia, mas só que ali dentro, de todos esses setores têm um ser humano. Tem um ser humano que sente dor, tem um ser humano que tem uma família, tem um ser humano que tem o seu monstro interno, tem o ser humano que tem problemas dentro da família dele, dentro da profissão dele, né (Fernando).

Rubem, Mário e Carlos avaliaram que, mesmo com a disponibilidade de atendimento psicológico ofertada pela PMESP, conforme dado apresentado no Capítulo 2, a baixa adesão aos programas de saúde mental se deve ao estereótipo do bombeiro militar que procura apoio psicológico, à falta de proteção legal e à burocratização do encaminhamento. Carlos reconheceu que a demanda reprimida existe e carece de cuidado:

Existe muito aquele negócio do... Não vou dizer preconceito, acho que a palavra preconceito ela é pesada, mas existe muito o estereótipo. Se você procurar ajuda psicossocial ou ajuda, ajuda... Como posso dizer... De saúde mental você é meio visto 'po, o cara tá ficando doido, meu!?', não sei o quê! Então a gente não tem... Existe, tá lá, eu nunca fui, mas é... Você não precisa de encaminhamento, você pode chegar lá, mas assim... O policial, o bombeiro, ele se sente um pouco... É.... Acuado (Rubem).

Existe meio que um... Uma... Um afastamento de quando a pessoa tem certos problemas. Ela acaba sendo um pouco afastada do meio. Isso também depende da pessoa e do histórico geral na Corporação, porque eu tenho amigos com problemas psicológicos que são muito abraçados por todos, porque sempre foram muito queridos e profissionais. Como tem uns também que não foram tão profissionais e hoje são um pouco mais renegados pelos outros, né?... (Mário)

(...) Se tem uma raça que não admite que sentiu medo (...). Se tem uma raça que é difícil você tirar isso aí é o tal do bombeiro. Só que também a hora que você vence essa barreira, o cara descarrega. Ele vem. Eu fiz essa experiência com alguns caras aqui que tavam com problema. 'Meu, senta aí, fala'. 'Não, não, tá tudo bem'. 'Fala' - e aí ficava. A hora que o cara abria para falar, meu, aí falava até do cachorrinho da infância dele que morreu e ele não superou até hoje, né? Você vê que tem uma necessidade do pessoal soltar. E é uma experiência que a gente... poucos fazem, de voltar, chegar, sentar, tipo, ao invés de 'vou jogar bola, vou comer, não sei que...'. 'Senta aí. O quê que aconteceu? O que dá pra melhorar?'. 'Quase... Deu merda ali, né? Quase morreu ali, não sei quê.. Assustou, né?'. Vai aliviando, né, essa bolona. Maioria é tipo "próximo!"- e vai, vai, vai... Esse acumulativo, ele é bem perigoso (Carlos).

Muitas vezes nós mesmos não nos deixamos perceber traumatizados, tá? Tanto que eu falei pra senhora que eu não consegui perceber nenhum amigo meu que tenha passado do ‘ó, fiquei triste’. Fica nisso: ‘Putá, você viu que pena? Criançinha!’, ‘Você viu aquele casal tão lindo morreu esmagado!’, tal... Acontece, né, mas num contexto geral, por nós sermos militares e não termos um estatuto protecionista como uma CLT, por exemplo, nós nos reservamos muito, tá bom? E nós não temos um apoio, é... Assim, muito difundido, nessa situação, certo? Nós temos os programas da polícia militar, é... Voltado a policiais com problemas traumáticos, existe esse programa, tá, mas nós evitamos. Nós evitamos, porque é muito burocrático, é muito burocrático num contexto geral (Mário).

O estereótipo apontado por Rubem é identificado no estudo da PMESP (2019), no que diz respeito ao risco de perda do porte de arma em detrimento da avaliação psicológica, o que é interpretado como punição, pois inviabiliza a possibilidade de renda extra, os conhecidos bicos. O documento ainda aponta a contradição sustentada entre a oferta de cuidado psicológico e as punições e preconceito destinados a quem está adoecido.

Embora a procura seja baixa, os participantes sinalizaram a urgência de aproximar a atenção à saúde mental do bombeiro, fazendo alusão a metáforas – como a do *cão de guarda* citada por Fernando e o *sinhal vermelho*, de Carlos – trazendo exemplos concretos de sofrimento mental no trabalho. O suicídio de bombeiros e policiais militares foi comentado por Rubem, Carlos e Manuel como um aspecto presente no trabalho:

Na guerra, doutora, vai ter combatentes caindo. Vai ter, mas não da forma que tá sendo e... É a mesma coisa que, assim, eu encaro assim, o seu cachorro tá com problema dentro da sua casa, mas você não tá vendo, ele precisa de ajuda. Mas não é ele que toma conta da gente quando a gente está dormindo? Não é o nosso guia, o nosso guardião? Mas ele tá lá com carrapato, mas a gente tá vendo e não tá olhando para ele, dá importância para levar ele no veterinário. Eu me sinto assim (Fernando).

O efetivo já tem muitos problemas psicológicos, né? Mesmo poucos transparecendo já têm muitos (Mário).

Então alguns casos eu tive que encaminhar uns bombeiros meus [para a Psicologia] por questões mais familiares do que propriamente dito de ocorrência. Alguns que já estavam com problema de alcoolismo, problema com briga familiar, questão financeira, separação da esposa... Então era interessante, a gente percebia isso. Não era forçado, eu conversava com a pessoa ‘Isso aí tá te prejudicando’, então eu apresentava. Então tiveram uns três ou quatro casos que eu apresentei lá (Carlos).

Não sei se é de conhecimento de vocês, da área da Psicologia, mas o índice de suicídio dentro da polícia militar, meu, é gigantesco! O governo não divulga isso aí pra quê? Não sei, para não alarmar, enfim... Mas, assim, a gente tem grupos de WhatsApp, né? Grupo de policiais, de regiões que trabalham, meu, eu mesmo trabalhei com cinco que tiraram a vida, entre bombeiros, policiais militares (...). (...) a sociedade como um todo, a mídia, né, os profissionais que têm como mostrar ‘po, esses caras tão sofrendo! Ó o índice de suicídio que tem na Corporação! Eles precisam de ajuda também’. É pressão de todos os lados: ‘Eu não posso errar, se eu errar eu vou ser preso, eu vou ser punido, né? Eu não posso errar, porque eu também posso ser morto numa ação se eu de repente não for enérgico, o marginal se sentir à vontade, ele pode atentar contra a minha vida ou do meu companheiro. Então é... A gente que trabalha lado a lado, que tá, que conhece, que vê todo dia, né? Muitas coisas não saem na mídia, né? (Rubem).

É necessário, é necessário, é extremamente necessário. Não estamos nem no sinal amarelo, já tá no vermelho já. É muita gente se matando, com muito problema de saúde, problema emocional, é... Isso aí já passou da hora, né? Já estamos correndo atrás do tempo, na verdade (Carlos).

Eu não sei o policiamento, né, porque o policiamento eu acredito que seja pior do que a gente ainda, porque se você pegar casos de suicídios entre o policial militar, tem vários. São pessoas que não tem com quem conversar, não tem com quem desabafar (Manuel).

Dados acerca do suicídio policial (PMESP, 2019) indicam que, nos anos de 2017 e 2018, ocorreram 78 suicídios de integrantes da ativa da PMESP, taxa 5 vezes maior do que na população geral do Estado e 6 vezes maior do que a taxa de homicídio em serviço. Esses índices apontam o caráter pandêmico do fenômeno na instituição. Os autores enfatizam a necessidade de ações permanentes do Estado no cuidado à essa população.

Cora, Manuel, Mário e Fernando comentaram sobre o PAAPM, apontando suas qualidades e limitações com relação a questões logísticas e relacionais dentro da Corporação. Cora aprofundou o tema do estereótipo com relação à pessoa que procura atendimento psicológico, trazendo exemplos de retaliação por parte de comandantes a bombeiros que retornaram do PAAPM, impactando os quarenta dias de trabalho em prol da saúde mental de um trabalhador que fora transferido à revelia. A expressão *cobre uma coisa e descobre outra* revela de forma clara essa dinâmica:

O PAAPM é um programa excelente, só que é uma situação meio difícil. Se a gente escolhe passar pelo PAAPM, pede, a gente é rotulado, cortado, a gente muda o nosso ambiente de trabalho, eles mudam a gente de posto, às vezes mudam a gente de cidade. É... Coisas que não deveriam acontecer. E isso é, assim, eu acho que falta muito, falta absurdamente, eles têm que evoluir anos luz. Porque é... Os próprios comandantes fazem isso. (...) É muito complicado essa situação e eu acho que tem que evoluir muito, tem que evoluir muito. Não dão apoio nenhum (...). Se procura o PAAPM, se procura o NAPS, tem a atenção devida da instituição, só que em relação a que volta para a unidade, aí sofre represália e acaba, cobre uma coisa e descobre outra. Aí volta o sofrimento todo, todo o trabalho do NAPS é perdido. (...) As pessoas são muito ignorantes nessa parte psicológica, acreditam que só a dor física que realmente machuca. Falta muita evolução ainda (Cora).

(...) Eu sempre falava pro meu sargento lá, falava assim ‘poxa, a gente absorve tanta coisa, tanta morte, tanta tristeza e não tem como eu desabafar, não tem um psicólogo, não tem um sistema da polícia que você conversa. A nossa UIS, a nossa UIS, Unidade de Saúde que a gente passa, ela tem um psicólogo lá, só que esse psicólogo, ele só te atende se você for pro programa, aí você vai ficar afastado da polícia, do bombeiro, você vai ficar 40 dias lá fazendo esse programa que é o PAAPM. Só que, assim, você não tem diretamente no teu quartel uma visita, sabe, para saber como tá a cabeça do bombeiro (Manuel).

A conduta de retaliação foi abordada em documento da PMESP (2019) acerca do suicídio policial. Nesse relatório, foram relatados dois estudos de caso que abordam a temática, com conteúdo proveniente de entrevista a familiares e colegas de trabalho. No primeiro caso, o

policial militar vitimado teve um pedido de transferência de unidade, movimento que foi tentado por mais policiais militares do grupo, negado pelos superiores. Em seguida à negativa, foram efetuadas “mudanças injustificadas e frequentes em seu turno de trabalho, além de afastamento das atividades que exercia e designação para trabalhos administrativos” (P. 25). Nesse contexto, foi comentado que o comportamento do policial mudou para uma postura mais introspectiva, em que começou a verbalizar o desejo de morrer.

No segundo caso, o policial vitimado estava em formação para se tornar oficial quando começou a sofrer “situações de assédio, com constantes punições injustificadas. De acordo com os relatos, ele sofria preconceito por ter sido praça antes de ser admitido na Academia de formação de oficiais – e ele não era um caso isolado nessas condições” (PMESP, 2019, p. 25).

A partir de então, o militar passou a sentir crises de enxaqueca e insônia, dor nas costas e labirintite, seguido de alterações emocionais como tristeza aparente, agressividade, desesperança e introspecção. Apesar do sofrimento, tinha medo de ser excluído do curso e sofrer perdas salariais, passando a verbalizar o desejo de morrer.

Ao longo do seu tratamento psiquiátrico, durante o período de formação, recebeu atestados de convalescença por médicos sendo impedido de ausentar-se do trabalho para passar o período de recuperação junto aos familiares. O suicídio terminou por ocorrer no alojamento do centro de formação.

Como citado anteriormente pelos participantes entrevistados, a atuação inadequada dos comandantes demanda ações de supervisão, cuidado e capacitação de modo a minimizar a realização de condutas personalizadas e retaliatórias. Nesse ponto, o militarismo pode abrir espaço para o comportamento arbitrário dos superiores no que tange às decisões gerenciais sobre a tropa.

A necessidade de deslocamento para a capital para a realização do tratamento foi levantada como um aspecto que afasta o bombeiro de outras cidades, que não deseja ser afastado por aproximadamente um mês de seu território, considerando aqueles que residem em área próxima ao local de trabalho. José e Amyr apontaram a ausência de ações preventivas no cuidado à saúde mental:

O maior problema que eu acho que nós temos, vou te dar um exemplo: Vamos dizer que eu sou um policial militar de Presidente Venceslau, que é 700 km de São Paulo. Eu já estou estressado, eu me envolvi num sinistro [ocorrência] em que um colega veio a falecer ou eu atendi a uma ocorrência que mexeu com o meu psicológico. Eu vou ter que me deslocar, a 700 km de distância, me afastando da minha família, pra poder fazer um tratamento psicológico. Será que vai ser tão efetiva essa questão? Porque essa distância eu acho que ela atrapalha significativamente. (...) Se eu puder fazer tudo aqui na minha região, eu faço, porque o deslocamento é penoso! (Mário).

A gente vai te dar como exemplo da ocorrência deles [morte de bombeiros em ocorrência], a gente conversando lá no quartel, a gente chegou à conclusão que de todos os anos, todas as ocorrências, tudo que a gente passa, que todos deveriam passar pelo programa do PAAPM, um por vez ou dois por vez, tira do operacional. Não é enxergado isso. São tantas outras coisas que o alto comando, claro, ele vai olhar para funcionar a máquina, mas tá esquecendo do homem, do ser humano, e a gente tá ficando doente. (Fernando).

Precisa de um pouquinho mais... Precisa sim um pouquinho mais de estrutura, direcionamento melhor, né? Direcionamento melhor por parte da própria Polícia. Tem lá disponível, mas a gente tem que procurar, né? Eles não vão de imediato, não dão suporte imediato, né? Você tem que buscar, a gente que tem que buscar, é nossa parte, né? (José).

Então, assim, na polícia eu tenho a impressão que tem que acontecer alguma coisa pra você ir lá, não há um trabalho preventivo, entendeu? Isso aí eu acho que acaba pecando. (Amyr).

A estrutura do PAAPM prevê a formação de um grupo composto por trabalhadores das diferentes modalidades da Corporação: policiamento de rua, rodoviário, choque, ambiental, bombeiros. Em visita ao CAPS, a equipe que desenvolve o PAAPM apontou a motivação em aumentar a adesão dos bombeiros. Esse aspecto motivou questionamentos por parte da pesquisadora, acerca da não familiaridade dos bombeiros com os profissionais das demais forças de trabalho. No entanto, tal observação não foi citada de forma direta pelos participantes, embora tenha sido apontada de forma expressiva a necessidade de ações específicas para a categoria.

Uma das principais motivações para a realização desta Pesquisa se referiu a conhecer as demandas psicológicas dos participantes, a partir de sua própria vivência de trabalho e suas sugestões quanto ao acolhimento desta demanda pela instituição. A criação de estratégias de intervenção sem a realização de uma pesquisa prévia para levantamento de necessidades é um movimento comum em instituições, um caminho que pode levar ao desperdício de tempo e de motivação da força de trabalho, que não se vê contemplada nas ações. As sugestões de Cora, Mário, Manuel, Paulo, Amyr, João e Rubem apontaram para a prevalência do atendimento individual em detrimento das atividades de grupo. Rubem sugeriu, ainda, a estratégia de grupo como ponto de partida para o atendimento individual:

Eu acho que deveria ter um acompanhamento, nem que fosse trimestral, semestral porque é importante, é importante (Cora).

Eu sinto que a Corporação hoje, ela não consegue suprir essa necessidade. Se suprir, vai ser no engodo. Hoje em dia seria no engodo. Seria assim 'eu finjo que faço e você finge que é atendido'. Beleza! Tá bom! Tá legal! Tá aprovado!'. Eu sinto que seria dessa forma do jeito que está hoje, tá? Mas seria importante, seria importante sim, sem dúvida, mas que fosse dado uma continuidade (Mário).

Agora se tivesse uma intervenção, é... Como eu posso dizer... Temporariamente, assim, de 3 em 3 meses, trimestral, ou então após grandes ocorrências, você ser obrigado - talvez não fosse tão bom, né - mas pelo menos, sei lá, como vamos dizer assim, dentro das condições da polícia, pelo menos uma vez por ano você passar por um psicólogo, uma vez por ano. Aí eu tenho essa conversa que eu tive, que eu estou tendo com a senhora. Mas eu sei que a quantidade de psicólogos da polícia é baixa, né? O efetivo é muito grande, né? (Mário).

Eu acredito que no nosso meio também a gente deveria ter pelo menos uma vez por mês ou duas vezes por mês ou chegar no polícia, no bombeiro que tá realmente com problema, ou não tá. Porque tem uns que só quer conversar, só quer desabafar e tem outros que você vê que realmente tá com problema. Isso tem na nossa Corporação, eu vejo. Às vezes você vai conversar com o colega e o colega chora. Às vezes tá com problema em casa, tá com.. Aí você, sabe, tenta conversar, tenta... Mas não é a mesma coisa do que ele estar ali com um psicólogo, ele tá se soltando sabendo que aquilo vai ficar ali e não... Eu acredito que seja bom, assim, o mais difícil pra mim seria essa parte de não ter um auxílio psicológico, deveria ter, deveria ter. (Manuel).

Eu acho que o mais individualizado seria até melhor, porque às vezes eu reparo que muitos caras que são bem antigos eles não vão dar o braço a torcer numa atividade em grupo e falar que tá sentindo aquilo, tá sentindo aquilo outro. É uma situação que em grupo eles não vão falar o que estão sentindo realmente (Paulo).

Acredito que se fizesse uma conduta individual talvez daria pra perceber em cada indivíduo que não é só a ocorrência, poderia até detectar alguma coisa fora, até ser no âmbito pessoal, familiar, algum probleminha que dá pra separar, né? Às vezes o cara não separa o problema que tem em casa e leva pra dentro do quartel, ou se vai do quartel, leva pra dentro da casa, aí mistura tudo (Amyr).

Individual. Porque como somos seres únicos, é... o mesmo fato cada um absorve de um jeito, trata de um jeito. Alguns assuntos podem ser tratados em grupo, mas quando alguém apresenta uma carga emocional em relação a uma ocorrência, é diferente do colega do lado, né? (João).

Eu acho que deveria ter, sim, um trabalho nem que fosse uma vez por mês, mensalmente, um grupo ir até o quartel, reunir, fazer, sei lá, um trabalho em grupo, bater papo, sei lá, algo que você não precisasse ir atrás para não ficar.... É lógico, aí é lógico que à medida que a pessoa tá ali, se sente confortável, aí é lógico que ela individualmente vai buscar essa ajuda ou buscar essa válvula de escape. (Rubem).

Cora e Mário destacaram a relevância da continuidade das ações de cuidado à saúde mental. Uma organização do cuidado psicológico que contemple ações contínuas requer o aumento do efetivo de psicólogos, que alcance os 256 postos de bombeiros, ao longo dos 645 municípios do estado de São Paulo. A complexidade para a efetivação desse objetivo, frente às demandas de uma instituição de grande porte que se propõe a gerir a complexidade de diferentes modalidades de trabalho, certamente inviabiliza a sua formulação.

No entanto, tais modalidades têm em sua natureza atividades que envolvem alto risco, o que implica a adoção de medidas que protejam o trabalhador. A implementação das atividades *online*, a começar pelo atendimento psicológico que foi iniciado na Corporação em decorrência dos impactos da pandemia da COVID-19, pode contribuir nesse intento.

Rubem complementou a importância da informação para o cuidado à saúde mental. Na cena relatada, o bombeiro foi apresentado ao conceito de *burnout* por uma psicóloga. A partir desse momento, de posse desse conhecimento, o trabalhador retornou ao seu posto e observou com mais atenção o comportamento dos colegas. Dentre as ações desenvolvidas pelo NAPS, as palestras que abordam temáticas de saúde mental constituem um importante papel na realização do autocuidado do efetivo:

Inclusive uma vez eu fui fazer a troca da minha carteira de habilitação, né, para dirigir as viaturas, os caminhões na época e aí a primeira vez que a psicóloga... (...) Ela me perguntou se eu já tinha falado de síndrome de *burnout*. Eu falei 'nunca ouvi falar'. Ela falou 'não, isso acontece...', aí ela comentou até que foi observado nos Estados Unidos, né, muitos bombeiros inclusive, problemas. E, assim, aí a gente começa a olhar um ou outro, você já começa a ver que - não é pra dar um diagnóstico - mas já começa a ver que o cara tava meio que no caminho que se você não... E aí muitos infelizmente, muitos também... É o que a gente vê, acaba buscando o alcoolismo fora, uma válvula de escape e aí só agrava a situação, né? (Rubem).

Carlos e Rubem abordaram as diferenças no trabalho de policiais e bombeiros, citando o pré-requisito de incidente crítico, com a existência do evento morte, que define a necessidade de atendimento psicológico e adesão ao PAAPM. Os participantes observaram que essas ações ocorrem de forma mais efetiva na polícia do que nos bombeiros:

Em relação ao tratamento de ocorrências, acho que a polícia hoje tá muito mais avançada que o bombeiro em relação a isso. Já tem um rol de ocorrências lá que obrigatoriamente vai passar pelo PAAPM, avaliação e acompanhamento. Então já tem: se foi envolvido em acidente de trânsito, se você é... Resistência... Quando o policial mata em serviço, né, resistência seguida de morte, é... Tem alguns outros casos lá... Troca de tiro. Então já tem um rol delimitado, né? Passou por isso, você vai. Então o bombeiro não tem (Carlos).

Existe uma diretriz que fala que ocorrências, é... Que a gente chama "ocorrências de grande impacto", né, seja no bombeiro ou mesmo no policiamento quando existe o evento morte, tal, por exemplo, o policiamento tem uma troca de tiro onde existe o evento morte, você tem um acompanhamento. (...) Nós atendemos várias ocorrências de gravidade, com evento morte, inclusive suicida que na nossa frente, a gente tentou intervir e não deu certo... Não que não deu certo, a pessoa desistiu de viver e não tem. E assim, é... Eu acho que uma coisa que deveria ter é nós não termos que ir buscá-la, mas ela vir até nós (...). Eu nunca vi, nem ouvi ninguém dizer que - e olha que a gente atendeu vários tipos de ocorrências que requeriam, de acordo com o protocolo, requeriam um atendimento, nunca fui procurado, nunca me perguntaram 'ó, como é que tá você, sua equipe?'. E, assim, eu acho que isso é uma grande falha. Uma grande falha do sistema como um todo (Rubem).

Rubem destacou como base da estrutura da PMESP, a ausência de uma política de Estado voltada à saúde mental dos profissionais da segurança pública. A frase *ninguém é preparado pra morrer* aponta a urgência de ações voltadas a essa população que apresenta sinais claros de sofrimento, como apresentado ao longo desta seção:

Pra você ter uma polícia forte, como todo mundo fala, eficiente, que trabalha na legalidade, você tem que olhar isso como ser humano, né? Existe um jargão que o pessoal fala 'ah, nós somos preparados pra isso'. Não, ninguém é preparado pra morrer, né? Me fala quem fala assim 'ah, eu sou...'. Não, ninguém é. Inclusive, é... A gente fala, né, ninguém sai de casa para morrer, ninguém sai de casa pra matar, mas muito menos para morrer. A mesma coisa o bombeiro, nós não saímos de casa para morrer. É o nosso ganha pão, né, é a nossa forma de ganhar a vida, não perder. Mas às vezes o governo como um todo – porque como eu disse que é lógico tem que começar a distinguir a política mais efetiva - não olha assim. Não sei se não chega ao conhecimento dele ou ele não quer enxergar. (...) E eu vejo que não existe uma política de estado, né? Eu não tô falando de governo especificamente, mas de Estado em relação à saúde mental dos profissionais de segurança pública: bombeiros, GCMs, os policiais militares (Rubem).

Esta categoria apresentou as peculiaridades do trabalho do bombeiro que foram apontadas, inicialmente, atreladas às questões estruturais do trabalho na PMESP. As minúcias do labor ganharam distintas tonalidades e foram aprofundadas com o relato de aspectos subjetivos descritos na categoria O sensível, em que o pesar vicário foi abordado. Nesta categoria, serão abordadas as temáticas pesar vicário, luto, recursos de enfrentamento e gratidão. O Quadro 3 a seguir apresenta as unidades de registros correspondentes a cada tema.

10.2.2 Categoria: O sensível

Quadro 3 – Categoria: O sensível

| Tema | Unidade de registro |
|---------------------------|---|
| Pesar vicário | <ul style="list-style-type: none"> - Ocorrências envolvendo: crianças, idosos, pessoas queimadas, tentativas de suicídio, acidentes, animais, contexto de desastres, pessoas da família do bombeiro - Quando dura muito tempo - Quando termina em morte - Quando há manipulação de corpos - Quando tem relação com a experiência de vida do bombeiro - Quando há contato com os parentes e familiares das vítimas - Fica marcado na consciência - A atuação se realiza para além da técnica |
| Luto | <ul style="list-style-type: none"> - Morte de colega em ocorrência |
| Recursos de enfrentamento | <ul style="list-style-type: none"> - Condutas para lidar com abalo dos colegas - União da equipe - Relação com o transcendente - O apoio em casa - Recursos mentais e emocionais - Cuidar da saúde |
| Gratidão | <ul style="list-style-type: none"> - Pela participação na pesquisa - Reconhecimento das vítimas e familiares |

Na construção do roteiro de entrevista, o tópico ocorrência difícil foi incluído na tentativa de se observar se haveria a experiência do pesar vicário nelas. Os elementos que definem a compreensão do desafio no ato de socorrer foram abordados pelos participantes nas temáticas que serão desenvolvidas a seguir.

Mário aprofundou o entendimento quanto a ocorrências com crianças, ao levantar uma hipótese para o que motivaria a comoção do efetivo neste cenário. Carlos transpôs uma associação estabelecida, de que somente bombeiros com filhos, que representam a maioria desta população de estudo, tenderiam a se impactar nesse tipo de ocorrência. Ele ainda comenta uma ocorrência específica, envolvendo um idoso que não conseguiu resgatar. Um primeiro aspecto

levantado por Cora se relacionou ao atendimento a grupos vulneráveis, crianças e idosos como um fator de forte impacto emocional para ela e para a equipe:

É, normalmente quando envolve grupos vulneráveis – idosos, crianças, é sempre bem chocante pra gente. (...) Emocionalmente falando para mim são ocorrências com grupos vulneráveis e pra equipe normalmente também (Cora).

Olha, eu sinto que com criança eu acho que é um clamor geral, viu? Criança é um clamor geral, pega bastante com a gente, porque você resgata muito adulto, mas parece que a criança, ela tem... Em todas as situações ela não tem culpa, né? Ela é um inocente do que aconteceu com ela entre aspas. O adulto não, por muitas vezes ele é o causador da situação, e por mais que não seja o causador, que acontece também muitas vezes, não afeta tanto emocional, porque é um adulto, já tem consciência da vida, sabe o que aconteceu, a criança não sabe o que que está acontecendo. Está perdida quase sempre (Mário).

A clássica, né? Ocorrência com criança. Eu ainda não tenho filhos, mas mesmo assim é nítido isso (Carlos).

E aí por outro lado tem algumas também do lado negativo, as que marcam, né, são geralmente aquelas que a gente chega aí tipo a pessoa estava ali, quase deu certo para salvar e não deu. Foi uma enchente, um senhorzinho (...) que ele estava na ponte, na agora que eu estava chegando, veio um galho, pegou ele e arrastou. Essa, a gente já quase ali, terminando de montar as coisas para socorrer, vem uma árvore e leva o cara (Carlos).

Cora contribuiu com o relato acerca das ocorrências envolvendo queimados, em que o impacto se deu pelo conhecimento acerca do sofrimento envolvido no tratamento desse tipo de lesão, além dos elementos da cena em que o acidente ocorreu:

Ocorrências, por exemplos, de queimados também que a gente sabe que o sofrimento é bem grande também normalmente a gente fica um pouco mais emocionado. Tem que atender da melhor forma, mas sabe o sofrimento que a pessoa vai passar - não no momento, mas mais pra frente (Cora).

A gente pegou uma ocorrência, é, de uma família, duas pessoas queimadas acendendo a churrasqueira, no final de semana, mais de 70% do corpo queimado, um deles deficiente mental. Ele teve... Até arrancava os pedaços de pele e comia. É, assim, até o sargento que trabalha comigo, falou ‘olha, em 15 anos de serviço, essa foi uma ocorrência que também me chocou, foi uma das que chocou’ (Cora).

As tentativas de suicídio foram citadas por João e Rubem como causadoras de grande impacto emocional, visto que a condução do atendimento pode durar muito tempo, mobilizando a mente, o corpo e as emoções do bombeiro. Nesse tipo de ocorrência, é necessário se sustentar a própria atenção, expondo-se ao fator subjetivo do tentante, que pode atentar contra a própria vida a qualquer momento:

As ocorrências... Tem sempre aquelas que chama a atenção quando a pessoa tenta tirar a própria vida e você fica lá tentando convencê-la do contrário, né? Aí você acaba se

envolvendo no aspecto psicológico de conduzir aquela pessoa e você começa a perceber que é um fator comum a dezenas de pessoas, de várias pessoas por assim dizer (João).

Às vezes você tá ali conversando e pum! O cara se mata. Aí você fica ‘po...’. Como eu te falei, aqueles cinco minutos que antecedem o sono: ‘Será que se eu tivesse...? Será que talvez... Será que foi alguma palavra errada que eu falei ali que deu o gatilho, disparou...?’ (Rubem).

Costa, Lira e Belo (2017) evidenciam competências extras que o bombeiro precisa ter no atendimento a tentativas de suicídio, como: uma efetiva comunicação, a escuta atenta e formas de acolhimento à pessoa em sofrimento. O treinamento oferecido no CBPMESP pelo Major Diógenes Munhoz (2018) e descrito em seu livro oferece ao bombeiro as competências citadas, que ampliam as possibilidades de salvamento de vidas neste cenário.

Rubem descreveu uma ocorrência envolvendo acidentes de trânsito com destaque para a sensibilidade com que narra a conexão com a pessoa afetada, sentindo *o calor do sangue*. Esse relato estabeleceu interseção com a unidade de registro manipulação de corpos, a ser desenvolvida ao longo da categoria:

Chocante é quando você pega principalmente vítima de acidente, né, que a gente tem todo o procedimento, tem um protocolo. Você segura na vítima e sente o sangue, o calor do sangue dela escorrer na sua mão, né? A gente tá de luvas, todos os procedimentos de biossegurança, mas é até curioso, né? Você sente a vida da pessoa esvaindo nas suas mãos. E também dá um sentimento de impotência, ‘pô, tô aqui, por mais que eu tenho um conhecimento, é lógico, dentro da medida do possível, mas você vê que às vezes tudo que você usa não é o suficiente para manter a vida daquela pessoa, né?’ (Rubem).

A perspectiva da pesquisadora acerca do trabalho do bombeiro foi ampliada pela contribuição de Amyr, que narrou o desafio de socorrer animais em detrimento da facilidade com que lidava com seres humanos. O resgate de animais compõe o rol de ocorrências atendidas e que também podem envolver risco à saúde do bombeiro:

Eu tenho um pequeno probleminha ou um grande probleminha, né? Então, eu não me envolvo emocionalmente com ser humano em ocorrência, mas principalmente alguns bichos, não mexo com cachorro. Aí... Isso aí me machuca, né, é... Dos cachorros principalmente, né, os bichos eu não fico bem não. Mas com ser humano, em qualquer estado que tiver, eu vou lá e vou fazer o meu papel sem maior problema algum. (...) Eu vou pra ajudar, tal, e acabou e pronto (Amyr).

Paulo e Fernando aludiram às ocorrências que envolvem familiares do bombeiro, fato mais propenso a acontecer quando o bombeiro trabalha na região em que reside:

Uma situação com a minha avó que eu estava trabalhando no dia, porém eu não estava no operacional, eu estava no telefone. Aí eu no telefone, quando atendi era minha tia, mas até então eu não sabia. Ela ligou, né, aí falou ‘ah, minha mãe tá passando mal, não tá

respirando’, aí eu com calma, né, fui triar a ligação, aí ela falou ‘ah, eu sou tia do bombeiro Paulo, aí quando ela falou isso, aí que deu aquele *start*, né? Aí eu falei o nome dela, aí comecei a triar na hora a ocorrência, porém com calma, né? Por mais que seja minha avó, eu não queria deixar minha tia desesperada, mas isso eu já acionei todos os resgates possíveis, SAMU, todo mundo, foi muito rápido o atendimento. Aí na hora, assim, ficou tranquilo. Aí depois começou a bater a consciência, minha vó já tava mal, aí começou a cair em si, né? Nesse momento que até aí me afastaram do serviço no dia, né, porque depois veio a notícia que minha avó tinha falecido. Assim, essa foi a mais marcante que eu passei no serviço, né? (Paulo).

Todas as vezes que eu presenciei que o bombeiro teve que dar um suporte para sua família eu não vi um não sair fora daquela figura forte de bombeiro, de herói. Eu nunca vi, eu não vi um ter calma e falar assim ‘eu vou lá como bombeiro, eu vou chegar dentro da minha casa com prudência como a gente faz, né, rápido, mas sem se desestabilizar, não tem, doutora, não tem. Eu quero ver um cara que faça isso, acho que não tem um ser humano dentro da sua profissão que trabalha com saúde, que vê seu ente precisando do seu trabalho, não fica normal (Fernando).

Fernando destacou o impacto previsível do bombeiro ao envolver-se nesse tipo de ocorrência, fato ilustrado pelas recorrentes tentativas descritas por Paulo para manter a calma em meio às emoções evocadas e a necessidade de manter o foco no eficiente recolhimento de informações para efetivar o pronto atendimento da avó.

As ocorrências de longa duração foram citadas por José e Carlos. Nesse tipo de ocorrência, como abordado na temática das tentativas de suicídio, o longo tempo de negociação pode desgastar o profissional, como apontado por José. A presença prolongada do bombeiro no ambiente do evento adverso promove a aproximação dele com as pessoas afetadas:

Cada ocorrência tem sua peculiaridade... (...) Teve uma ocorrência recente que a gente pegou de suicida que levou mais de 12 horas de negociação. E o rapaz lá irredutível, né? Teve ocorrência também com... Com alagamento que a gente conseguiu salvar a pessoa, né? Teve outra ocorrência de incêndio também, duas ocorrências grandes, de grande proporção. Essas ocorrências são peculiares, né? (José).

Mas acho que uma marcante foi XXX, né? [cidade onde houve um desastre que envolveu o soterramento de um grande território] (...) O que chocou mais foi realmente a primeira vista, que a gente chegou de helicóptero para acessar, aí que a gente via a dimensão do estrago. Isso foi marcante. Ver o tamanho do desastre ali e as experiências que a gente teve lá. (...) O contato com as pessoas, parentes de vítimas que estavam lá, esse foi o chocante (Carlos).

Os sentimentos de frustração e fracasso nas ocorrências que resultaram em morte, relatados por Manuel e Cora, confirmaram os relatos de Picciotto e Paisner (2013), Terceño (2018) e Farah, no filme de Queiroz (2019) acerca dessa vivência. Os recursos de enfrentamento que os bombeiros desenvolveram para lidar com essa experiência serão abordados ao longo desta categoria:

Eu, assim, eu achei mais dificuldade quando eu era (...) da parte de praia, porque a gente tinha muita perda também no mar, situações que eu entrava e conseguia tirar um e não conseguia tirar o outro (Manuel).

É, o contato com a família também às vezes, no local da ocorrência, quando vem a óbito, quando tá um caso muito grave também é bem, é bem complicado - isso emocionalmente falando (Cora).

A manipulação dos corpos foi uma atividade citada por Fernando, Amyr, Mário, Carlos e Cora, como dotada de significados dentro de uma ocorrência. Fernando, Amyr e Mário relataram a importância do corpo para a realização dos ritos fúnebres: o fechamento de um ciclo para a *vida que vai seguir*, como nomeado por Amyr. Carlos e Cora destacaram a manipulação dos corpos como uma prática que confere sofrimento a quem a executa. Cora ainda complementou a natureza da atividade como intrínseca ao trabalho dos bombeiros, diferenciando-o da atuação da polícia militar, conferindo à manipulação do corpo como a concretização da presença junto ao outro:

Traz alguma parte do meu corpo para minha família me enterrar, aí vocês me puxam que eu vou subir (Fernando).

O segundo bombeiro que demorou uma semana pra ser achado, essa semana foi terrível, porque havia aquela angústia muito grande, tinha que encontrar o cara lá, né? Depois, houve uma transformação nítida quando encontrou o corpo, isso aí mudou, voltou a sorrir, as pessoas voltaram a sorrir no quartel. Uma semana, tipo assim, no ponto zero todo mundo. Foi só achar e tipo assim... Foi um alívio muito grande. E aí a vida que vai seguir (Amyr).

Eu consegui graças a Deus entregar o corpinho da princesa para a família dela, para tocar a parte fúnebre lá com a família com tranquilidade. Assim fica aquele desespero de 'cadê o corpo? cadê o corpo? cadê o corpo?, né?' (Mário).

Uma ocorrência que teve na nossa região, não sei se você chegou a acompanhar um ônibus que bateu com um caminhão, 40 e poucas vítimas, e o pessoal foi trabalhar, não socorreu ninguém, não tinha quem socorrer. Foi um trabalho bem tenso mesmo, pegar pedaço de corpo, juntar, reconhecer, montar o corpo ali. (...) E é aquela história, na hora o pessoal tá trabalhando, tão nem aí. (...) Eu entrei [no quartel] no outro dia, eu não fui na ocorrência. Mas vi o pessoal tudo carrancudo, sério assim, tal. 'E aí, cara?'. 'Ah, foi difícil, chefe, não sei o quê'. Aí quando começava: 'Mas e aí, o quê que foi difícil?'. 'Ah, putz, um monte de gente morta, não sei o quê...' - e não falava. 'Mas o quê que você achou difícil?'. Aí o cara já começava os olhos a lacrimejar, assim. 'Ah, putz, pegar o pedaço, tentar achar ali, encontrar, ver o quê que era...' - aí desembesta (Carlos).

O policiamento tem problemas muito diferentes dos nossos. A situação que a gente vê, por mais que às vezes o policiamento também veja, mas quem tem que ir ali mexer em um corpo, umas coisas, vísceras, algumas coisas chocam muito, é a gente. É a gente que tem que tá ali colocando a mão. Por mais que o policiamento esteja do lado, não está ali presente naquela cena propriamente dita (Cora).

Os apontamentos realizados pelos participantes concordaram com o estudo de Albuquerque, Jesus e Tatcher (2019) que apontou o risco da troca de fluidos como um elemento

estressor. Boss (2006) cita a importância da busca dos corpos no contexto de desastres como a possibilidade de encerrar o caráter ambíguo da perda. Os relatos de Picciotto e Paisner (2013) e o estudo de Kelly (2011) corroboram esses achados.

Também foram comentadas as ocorrências que evocaram a vida íntima do bombeiro. Amyr e Rubem relacionaram os elementos dos atendimentos realizados aos pais enquanto Fernando e Mário trouxeram a figura dos filhos:

Foi um atropelamento de um senhor na Radial Leste. (...) Foi o meu primeiro acidente e logo de imediato, quando eu vi aquele acidente que ele foi atropelado, porque ele tava fora da faixa de pedestre, em imediato eu já pensei na minha família, em avô, em avô, meu pai, minha mãe, entendeu? Quando cheguei aqui, né, de folga, falei ‘gente, é o seguinte, nós vamos atravessar a rua, nós vamos atravessar a rua com calma e atenção. Sempre. Perca dez minutos, vinte minutos, mas não tenha pressa, e quando atravessar...’ (Amyr).

Eu atendi uma senhora que ela tava com um câncer terminal, né, uma dor, assim, infernal e tal, a gente socorreu. (...) Aí eu lembrei do meu pai, porque infelizmente meu pai faleceu, ele teve, né, quando descobriu no período de um ano aí ele faleceu. Então começa a voltar na sua memória aquilo, o sofrimento da família também que é muito grande, que tá ali vendo alguém, o seu ente querido sofrer e não tem o que fazer, né? Então, assim, então eu acho que vai muito do momento que você está vivendo, né, na sua vida pessoal, né? (...) Acabou de nascer seu filho, você vê aquela situação, fala ‘po, e aí? E agora? Será que vou ter estrutura para se fosse comigo, né?’ (Rubem).

Eu trabalhei no resgate das vítimas da TAM, aí em São Paulo. (...) E na época minha filha tinha oito meses. (...) A gente tava na fuselagem do avião e a gente achou uma criança, né? (...) Praticamente eu participei daquele dia 24 horas de quase todos os recolhidos dos corpos que iam achando, e tinha uma criança no meio, se eu não me engano a única criança que tava no voo, e uma menina com síndrome de *down*. Eles foram os únicos que não queimaram. Uma mãe protegeu com o banco e jogou o corpo por cima. E eu já tinha recolhido vários corpos, vários pedaços, vísceras e quando eu vi aquela criança eu parei. O colega que tava comigo do lado, ele falando, falou que eu parei e fiquei olhando, não mexi mais em nada e fiquei só olhando praquilo paralisado. E na hora, depois eu vi, parando o pensamento, eu lembrei da minha filha e eu parei. E isso mexeu no meu subconsciente sem eu perceber (Fernando).

Foi uma ocorrência envolvendo criança, estava com a família e a família toda brincando dentro da represa e pisaram num buraco em falso dentro da água. Então a mãe afogou e duas irmãs afogaram. O pai conseguiu tirar a mãe e uma das irmãs, e uma ficou. (...) Chegamos lá, era uma criança de 9 anos. Ficamos mergulhando por cerca de 50 minutos e eu tive a oportunidade, eu que tive o contato com o corpo da pequena, né? Então tive contato com o corpo dela, subi com ela no braço, né? É... Foi a menor pessoa que eu resgatei afogada, até então tinha sido um menino de 15 anos. E foi essa menina de 9 anos e é a idade... Minha filha tem 9 praticamente, né? Então na hora que eu fui pra ocorrência, eu já fui pensando ‘Nove anos!’ - já pensei na minha pequena, na minha do meio, né? (Mário).

No relato dos bombeiros, evidencia-se a história da vítima e as similaridades com sua própria história de vida. Estes achados concordam com a definição do conceito pesar vicário de Kastenbaum (1987) e Rando (1997). A mobilização do bombeiro no sentido de aliviar o sofrimento do outro leva a sua atuação para além das fronteiras da técnica e do protocolo. Cora,

Carlos, Paulo, Fernando e Mário narraram condutas diversas que consistiram em: transportar o corpo da vítima, atuar na articulação para transferência de hospital, acompanhar o estado da vítima pós-ocorrência, preservar a família na cena adversa, dar orientações para a comunidade onde ocorreu o evento adverso e abençoar a vítima:

A gente tenta sempre preservar mesmo a família, né? A gente tenta às vezes, por exemplo, transportar um... Eu já cheguei em, por exemplo, a ocorrências que estava a mãe que é de idade, a filha, várias crianças dentro da casa e o ente querido faleceu. Depois de falecido, o que a gente não pode fazer, pegar a pessoa e levar pro hospital. Por quê? Pra não deixar ali no meio da família, pra não esperar IML, porque a gente sabe que demora horas e horas e horas e assim criança, familiar ali no meio é um sofrimento, é só prolongar o sofrimento de uma família. É. A gente faz em *off*, algumas equipes, dependendo da situação, a gente faz... É que nem quando tem acidentes muito graves em rodovias, em vias públicas. Às vezes a gente até chega a constatar, mas faz massagem, tenta levar... (Cora).

Por isso que normalmente a gente chega e tenta preservar o local. A imprensa, não dá acesso a ninguém, é... Por conta que a gente pensa também na família. A família daquele ente querido com certeza não vai querer ver, assim, a pessoa numa situação deplorável com imagens na internet. E a gente sabe que isso acontece, a primeira coisa que a pessoa pega é o celular pra poder filmar. É bem complicado e às vezes até entendido mal isso, da gente tentar preservar ao máximo (Cora).

Um incêndio em residência, ela com o irmãozinho (...) brincando com vela e álcool, tacou fogo no quarto, a menininha se queimou. Aí o pessoal foi, socorreu, tirou, levamos pro hospital, tudo mais. Aí não acabou aí a ocorrência. Acho que teve esse grau de envolvimento comigo pelo menos, porque teve uma... A ocorrência, vamos dizer assim, ela continuou. Chegou no hospital, daí não tinha a transferência para um hospital especializado de queimadura, era troca de gestão na prefeitura, então o pessoal da Secretaria de Saúde era novo, não sabia como funcionava. Aí a gente ficou brigando ali pra conseguir a transferência, hospital de queimado, UTI específica de criança queimada. (...)E aí foi marcante que ela foi socorrida, tudo mais. Um tempão depois, acho que foi um ano depois exatamente. (...) Aí (...) fui pegar o celular (...), daí tinha uma mensagem da então secretária de saúde da cidade com a foto da menininha que eu tenho no meu celular até hoje. Um ano depois mais ou menos ela estava tendo alta para casa. Aí, meu, aí eu chorei pra caramba, eu coloquei para os outros amigos, contei a história e, nossa, foi choradeira (Carlos).

A gente que faz por vontade própria, né? [acompanhar o estado da vítima pós ocorrência]. Até para não... A pessoa, a vítima não se sentir na obrigação de retribuir a gente de alguma forma, né? Porque acontece muito isso. Então a gente vai através de amigos no hospital, nos hospitais, através de algum contato ali próximo do lugar da ocorrência, mas nada muito oficial para família, né? Mas para, de longe, saber como que a pessoa tá (Paulo).

que nem essa ocorrência aí no sábado, no incêndio, eu falei pra senhora: 'por favor, o bombeiro que tá pedindo, vai lá na defensoria, na assistência social, explica a situação, são duas incapazes: a mulher... Eu tava falando de segurança da casa dela, que ela não poderia ficar aquela noite lá, das velas, que tinha que vir um eletricista no outro dia. (...) Se eu posso ajudar, eu falo. Eu sei que eu não vou mudar a situação. Gostaria de mudar a situação daquela mulher, tirar ela dali, dar um tratamento melhor, psicológico, um acompanhamento psiquiátrico. São duas incapazes que amanhã, mais tarde, ela pode não ter a mesma sorte. Aí você sai de lá, fica assim 'caramba, será que o trabalho foi bem feito? Meu, será que eu posso fazer alguma coisa para a senhora?'. Aí eu saio daquilo com aquilo na cabeça (Fernando).

E quando eu a tirei da água, eu tentei tirar ela com o maior carinho possível, porque ela é tão... Era tão linda (...). E eu quis fazer uma oração minha em particular. Eu não tenho

religião específica, mas eu creio numa força superior, né? E aquilo me pegou muito e eu quis pegar ela no braço pra fazer uma oraçãozinha com ela bem rápido, só para pedir a Deus que abençoasse, na minha fé e não convém também, né? E aí, na hora que eu abri o cabelinho dela, na testa dela, eu vi o rostinho dela e aquilo me destruiu. (...), me pegou de um jeito que meus olhos chegaram a lacrimejar, isso nunca aconteceu comigo em ocorrência. Eu fui fazer oração, a palavra saiu balbuciada, não consegui sair inteira, né?... (Mário).

Então quando eu tô numa dificuldade que eu vejo que o negócio tá feito mesmo e eu posso ficar, isso é uma coisa minha, eu clamo Deus. Então, assim, eu falei ‘será que eu vou ter que morrer com duas crianças? Será que é isso que o Senhor quer? Mas pelo menos salva as crianças se eu ficar (Fernando).

Munhoz (2018), Terceño (2018), Queiroz (2019) e Farah (2020) descreveram com sensibilidade o contato com as histórias das pessoas afetadas e o reflexo disso em suas mentes e corações. A análise sobre o vínculo será aprofundada na vivência do luto, em que bombeiros perderam colegas de trabalho durante o trabalho em ocorrências. A narrativa sobre o ocorrido trouxe fortes emoções a todos que conviveram com os amigos falecidos, para além daqueles com quem mantinham um relacionamento mais próximo. Fernando contou que havia sido mudado de prontidão há pouco tempo e estava de folga no dia em que sua antiga equipe atendia a uma ocorrência em que dois bombeiros foram soterrados. Manuel narrou o desafio de integrar o grupo de salvamento naquele dia em que seus colegas se tornaram vítimas:

Quando eu escutei a mulher falando da cozinha que era pra ver que tinham dois bombeiros soterrados eu só tive uma reação: eu corri para o quarto. (...) Falei para minha esposa ‘eles precisam de mim, a minha equipe está trabalhando hoje lá’, e não era mais a minha equipe, né? E por eu conhecer bem a minha equipe e eu estava de folga, entraria no outro dia de manhã. Eu me senti na obrigação tanto como bombeiro e como homem pelas pessoas que tavam na minha equipe lá de ter aquela reação: (...) dei um beijo na minha esposa, disse ‘ó, se eu não voltar, pense que eu amo vocês’. Eu peguei o carro e saí que nem louco (Fernando).

Ah não, acho que só os dos nossos amigos, né, não sei se você ficou sabendo que nós perdemos dois colegas de trabalho, né, e assim... Naquela situação foi difícil você atuar sabendo que você tava procurando um colega seu que tava ali, né? Mas você tinha que trabalhar, tinha que colocar o teu bombeiro na frente ali e fazer a situação. Mas foi um pouquinho complicado, a gente demorou um pouco pra assimilar a situação que tava acontecendo e tal. Até pouco tempo mesmo, (...) a gente falou ‘cara, parece até que os caras estão chegando aqui, parece que os caras... Parece que eles estão saindo de serviço, vão entrar de serviço, a gente fica ainda, né, pensando bastante neles. Então foi a única ocorrência que foi mais difícil foi essa, que foi em relação a perda de um companheiro de trabalho, essa foi a mais difícil (Manuel).

A gente perdeu dois colegas aqui, né, em ocorrência, indo atender ocorrência, é... Eles foram, assim, também vítimas, né? Vítimas fatais, né? Dois colegas, os dois ... 10 anos ao lado dos 2. Da equipe, faz parte da minha equipe. A gente tava lá... (José).

Eu aprendi uma coisa, cada ocorrência que eu vou, eu cuido do amigo, porque a gente tem que cuidar um do outro, porque a gente não pode perder mais amigo, não pode perder mais colegas de serviço. (...) Então assim hoje a gente vai pra uma ocorrência a gente é mais cauteloso, né? (Fernando).

O sinal que indica que uma ocorrência foi marcante para o bombeiro e para a tropa se refere ao quanto ela foi comentada no período após o evento, como indicado por Mário, que aprofundou a compreensão acerca da dimensão do impacto emocional individualmente e na prontidão. Rubem ilustra a marca na consciência, ao comentar o movimento cognitivo de relembrar o vivido ao longo do dia de trabalho nos *cinco minutos que antecedem o sono*:

Atendi muitas ocorrências marcantes, muitas, né? Inclusive uma marcante essa semana, até pensei na senhora, falei ‘meu, ela vai falar sobre a parte psicológica’ de uma ocorrência que foi muito marcante essa semana, mas não é nada que estrague o meu dia a dia. Fica na cabeça, né, é... Você fica pensativo, faz você refletir um pouco mais sobre a vida, mas nada que não me deixe dormir, nada que me atrapalhe a vida, mas fica marcado na consciência, né? (Mário).

A gente tem um procedimento a cumprir que é o POP, né, de cada trabalho de bombeiro, pra tudo tem procedimentos operacionais padrão, então a gente tem essa preocupação de não fugir do POP e, quando acontece essas coisas, não vem nada na cabeça, doutora, na hora não vem. Mas eu sei que o subconsciente, ele capta tudo isso sem a gente perceber (Fernando).

É, a gente percebe que quando a ocorrência marca, ela é muito comentada. Por exemplo, essa ocorrência aí eu comentei com as outras duas equipes, ela teve repercussão. Depois infelizmente ou felizmente mandaram a foto da princesa com vida, e aí eu voltei pro pessoal e era muito linda mesmo! Então quando a ocorrência já tem uma certa repercussão a gente percebe pelo falatório que tem a respeito dela, né? (...) E a forma que a gente extravasa é essa: conversando (Mário).

Isso mexe muito, porque naquele momento você tá ali no atendimento, adrenalina a mil, ótimo. Mas depois eu até brinco com o pessoal lá no quartel, falo ‘o maior juiz nosso é aqueles cinco minutos que antecedem o sono, né?’. Quando você deita na cama, antes de vir o sono, começa a passar aquele filme, tudo que você atendeu, tudo que passou durante o dia, é... Às vezes você tá ainda dentro do quartel lá, seu corpo não desliga, e aí você fica com aquilo na mente ‘po, aquela criança...’ (Rubem).

Para lidar com as situações emocionalmente impactantes do cotidiano, os participantes descreveram diversas estratégias de enfrentamento coletivas e individuais. Condutas que envolveram o manejo da equipe durante e após a ocorrência. Rubem e Fernando descreveram cenas de ocorrências em que foi preciso lidar com o estado de choque de bombeiros na equipe. Manuel e Carlos comentaram a estratégia da conversa pós-ocorrência, que cumpria a função de revisão técnica da operação, mas também de decompressão, uma válvula de escape da ansiedade relativa à experiência vivida. Carlos ainda citou o encaminhamento dos subordinados para atendimento psicológico, como mais uma possibilidade de cuidado:

E aí já peguei vítima queimada, meu, aquele cheiro de sangue e você cortar... E aí você percebe que tem uns colegas que ficam meio extasiados, meio parado assim, aí você ‘ó, pega aqui, pega ali você’ e tenta tornar a coisa mais dinâmica, né? (Rubem).

... aí o cara, o colega que tava comigo falou ‘sai daqui, sai daqui, vai embora daqui, vai pra área fria’ - que a gente chama, tem a área quente que é onde acontece o incidente. ‘Sai daqui agora!’. Porque ele entendeu que a minha filha tinha acabado de nascer e eu quando vi aquela criança parei, então eu não percebi isso (Fernando).

É engraçado que depois a gente comenta também, (...), a gente senta todo mundo e a gente conversa sobre a ocorrência - quando acontecem essas situações (...) e a gente percebe que tem um, um ou outro que tá meio ‘po, caramba, dá pra mim ir ali? Não dá...?’. Você percebe que a pessoa tá um pouquinho... Então quando a gente chega da ocorrência, chega no quartel, todo mundo reúne e tenta passar também alguma coisa boa, alguma coisa legal que possa trazer essa pessoa, esse bombeiro, assim, que ele não sinta mais aquilo, entendeu? E funciona, funciona (Manuel).

E um procedimento que era um negócio que eu estava tentando implementar lá no bombeiro que era a reunião depois da ocorrência. Não só por causa da parte psicológica, mas a parte técnica principalmente, mas nisso já tá embutido a parte psicológica, que é antes de ir embora: ‘Pessoal, junta aí, vamos lá...’. - isso eu fazia, o pessoal gostava, só que aí a minha briga era para tentar colocar isso aí como um procedimento padrão, né, obrigatório. Acabou ocorrência? Limpa material, organiza tudo mais e: ‘E aí? O que aconteceu? Como foi a chegada? O quê que você fez? O quê que você fez para melhorar? O que achou ruim, tal...?’. É isso o cara tava falando, foi até uma parte de risco, então esse é um procedimento que já existe em vários outros grupos militares, né? No bombeiro, no Brasil, não vejo isso. Pesquisei e não achei nada... é... Regularizar. É uma prática de muitos bons comandantes, mas não tem nada escrito, então igual as fontes que eu peguei foi do *SEALS* lá da marinha americana. Eles têm já o... Eles chamam de *after action report*, seria uma entrevista após a ação, alguma coisa assim, um relatório após a ação. E tem todo um procedimento, é um protocolo, não é simplesmente juntar a galera e conversar (Carlos).

Daí eu fui, naquele dia mesmo eu fui falar com o comandante e falei ‘ô, por mim vai todo mundo lá pro psicólogo’. Encaminhamento à força, vamos dizer assim, né? Que não é voluntário, apresenta mesmo lá e vai aí. Aí foi difícil convencer, né? ‘Ah, então manda metade, quem trabalhou direto lá no corpo’. ‘Tá bom’. Mande e o resultado foi incrível. (...) Aí é o que eu falei, a hora que solta, meu, abre a porta, abre a portinha o cara vem. E o pessoal agradeceu, né? Só que, vamos dizer assim, dependeu de uma pessoa, que nesse caso eu me considero, tipo, um cara que estudou um pouquinho mais sobre o tema, reconhecer aquilo ali, por sorte eu estava de serviço no outro dia e vi o pessoal mal, e aí mandei. E convenci ainda, tive um trabalho de convencimento do superior para mandar, mas eu acho que é... Quantos outros casos passaram por isso e passaram batido (Carlos).

A sensibilidade dos superiores frente às questões de saúde mental, mais uma vez, se mostrou extremamente necessária, pela fala de Carlos e pelo relato apresentado por Paulo, acerca da liberação que lhe foi concedida no dia em que a avó faleceu em uma ocorrência cujo chamado ele recebeu ao telefone.

A criação de um protocolo de reunião pós-ocorrência, como mencionado por Carlos, normatizaria esse dispositivo como mais um espaço que serviria às demandas técnicas e emocionais da prontidão, contribuindo também para o fortalecimento da coesão no grupo.

A prontidão foi representada por Cora, Manuel, Paulo e Rubem como um espaço de proteção. Cora comentou sobre a intimidade que a convivência diária naturalmente gerava entre os bombeiros da mesma prontidão. Manuel e Rubem destacaram a proximidade que o grupo

mantém entre si, oferecendo um suporte mútuo e amparado no conhecimento adquirido pelo longo tempo de convivência. Paulo atribuiu à convivência na prontidão o tom da alegria:

E lá também na verdade a gente acaba se tornando uma família, então é como se fosse uma família. É... São 24 horas junto, a gente dorme junto, a gente acorda junto, a gente passa uns perrengues junto, às vezes briga, faz as pazes, mas é que nem família. Eu acho que isso é importante também, ter um bom relacionamento lá dentro, uma boa equipe faz toda a diferença. Eu já trabalhei com equipes ruins, péssimas e, assim, a primeira coisa: eu queria sair do bombeiro. Eu não queria, eu queria sair, queria... Simplesmente não queria mais, sendo que eu amo isso. É bem difícil (Cora).

Eu só trabalhei com uma equipe, né, que é a prontidão XX [cor da sua prontidão]. (...) O pessoal, uns aposentam, outros vão pra outro quartel, aí vem gente nova, sai e tal. Mas é uma equipe que tá sempre unida, sempre fechada, né? E quando a gente pega essas ocorrências, assim, mais complicadas, que tem um que tá meio, aí todo mundo vai lá, abraça aquela... 'ô, vem comigo, vem cá, vem junto, fica junto, fica próximo'. Não deixa separado, né, assim... É um olhando o outro, é sempre um tomando conta do outro (Manuel).

Mas a gente costuma ser um ambiente muito feliz entre a gente, no quartel, né, que acaba sendo uma família (Paulo).

E o fato da gente estar junto 24 horas, aí você consegue, já conhece a maioria deles, a gente se conhece, conhece a família, então 'po, fulano que é sempre extrovertido, brincalhão, hoje tá meio caladão' e vice-versa, né? Então é uma coisa... Eu acredito que bem difícil de se lidar, né? Não é fácil, não é fácil (Rubem).

Outro recurso comentado pelos bombeiros relacionou-se ao apoio em casa. Para Manuel, a conversa com a esposa e o abraço dos filhos sinalizaram a cura do mal-estar. Fernando apontou as brincadeiras com o filho e as conversas com a esposa como as suas formas de lidar com o conteúdo ansiogênico do trabalho. Amyr revelou uma estratégia que complementa a figura do herói explorada anteriormente. Ao vestir a *capa* antes de sair de casa, o papel do homem comum cede espaço ao papel do bombeiro. A expressão *espírito de bombeiro*, expressa por Amyr, encontra ressonância na fala do soldado Rafael que citou o *espírito da Corporação*, no filme de Queiroz (2019):

Eu sento um pouquinho com minha esposa, converso com ela. Eu falo da situação que houve, procuro olhar pros meus filhos e falar para eles o que aconteceu, falar 'olha, ontem aconteceu isso, isso e isso. Eu fiquei um pouquinho impactado, vem cá, dá um abraço'. Aí pronto, já passou. Já é vida nova (Manuel).

“... hoje de manhã estava até comentando com a minha esposa - que eu acho errado, mas o meu jeito de falar se eu ficar segurando é pior. Ela até fala 'poxa, às vezes eu não queria que você trouxesse, mas se eu não soltar (que eu falo muito), se eu não soltar aquilo fica'. (...) Quando eu chego em casa eu tento brincar com meu filho, eu tento fazer alguma coisa na minha casa, eu sou um cara muito proativo para minha casa (...): eu tô arrumando uma porta, tô pintando a casa, tô colocando alguma coisa no banheiro, né, algum utensílio para banheiro, a minha esposa pede isso, para melhorar isso, então eu não paro (Fernando).

Quando eu vou trabalhar, quando eu ia trabalhar, é... Eu paro uns dez segundos, parece que eu visto capa, sabe, tipo assim, espírito de bombeiro, vou agora, e tal. De ocorrência, já vi animais presos, animal dentro do canal, não de uma forma mais, assim, sofrida, mas em situações de... Preso em buraco, preso em parede, coisa e tal. Mas por eu me preparar esses 10 segundos aí, acaba aliviando bastante, entendeu? (Amyr).

A função compensatória da casa, ao fim de um dia de trabalho, é apresentada por Terceño (2018), ao longo da narrativa sobre sua carreira como bombeiro. O movimento contrário também existe, quando os desafios da vida íntima interferem na execução do trabalho. Rubem descreveu a ilusória expectativa da separação casa/trabalho, realidade que Manuel expressou viver:

E, assim, a gente sente muito, é... Essa coisa do, do, do.... de estar... Aí o pessoal fala ‘ah não, vocês têm que deixar seus problemas lá fora, separar’, mas é como eu comento, pelo menos eu vejo dessa forma. É difícil, porque a gente não tem um botão liga/desliga. Se você tá com algum problema em casa como que você vai trabalhar na rua ajudando os outros? Da mesma forma que você tá com problema muito grande fora, como que você vai trazer para dentro da sua casa a convivência? Então separar, né, qual que é a fronteira entre separar uma coisa ou outra, essa barreira é meio complicado, né? E tem algumas pessoas que conseguem lidar bem com isso, outras já não, né? (Rubem).

Eu falo assim: ‘é uma situação que você vai ter que aprender a lidar e deixar esse problema no quartel, essa situação no quartel. Você não pode levar isso pra casa, você não pode levar isso pra sua casa, senão você não consegue nem ter a tua rotina normal durante as tuas folgas do dia de serviço’, porque psicologicamente é muita coisa, sabe? Você vê muita coisa (Manuel).

No filme de Naudet, Naudet e Hanlon (2011), os bombeiros relataram estratégia semelhante na intenção de resguardar a família do conteúdo traumático do trabalho. Para além da escolha por contar ou não contar, ter alguém com quem dividir o teor do vivido mostrou-se como uma estratégia importante para os entrevistados na regulação do estresse e da ansiedade.

Um recurso comentado por Mário, Rubem, Carlos e João foi o de racionalização, estudando as condutas tomadas de modo a entender as limitações da sua atuação. João e Manuel citaram também as estratégias de bloqueio mental, ruminação do ocorrido e aceitação acerca do potencial conteúdo traumático do trabalho:

O que não é bom para a gente é porque, pelo menos na minha equipe, eu acho que todo o Corpo de Bombeiros: a gente vai para salvar pessoas, a nossa meta é essa. A gente sai preparado, a gente sai correndo em 30 segundos, a nossa meta é conseguir salvar pessoas, né? Então às vezes quando a gente não consegue a gente fica um pouco frustrado, mas ficaríamos mais se a causa fosse por culpa nossa. Isso graças a Deus na minha vida profissional nunca aconteceu. Todas as vezes que a pessoa faleceu nas minhas mãos ou com a minha equipe atendendo, eu tenho certeza que eu não tive participação nenhuma e tenho consciência disso, né, que se o pior acontecer a culpa não é minha (Mário).

A gente tem muito, às vezes, o problema, porque... Ele mesmo aborda lá no curso, dos suicídios inevitáveis, né? O cara tá decidido, tal... E às vezes o quê que acontecia? O bombeiro ficava muito com aquele sentimento de culpa: ‘Po, será que se eu não tivesse

feito pra mais eu não conseguiria ter...?'. E aí até a gente tem aquele tema, né, que o pessoal fala 'po, chefe, nós perdemos uma vítima!'. Não, nós não perdemos, você não perde aquilo que você não tem. A decisão foi da pessoa, mas é difícil, realmente é difícil (Rubem).

Aí essa ficou na cabeça estudar [ocorrência em que um idoso morreu arrastado por uma árvore antes do bombeiro alcançá-lo]. Mas aí você começa a estudar: 'Daria pra fazer isso? Daria pra fazer aquilo? Quais eram os outros meios? Chegar mais rápido? - você vê que realmente não tinha, não foi por erro, não foi por falta de qualquer coisa que estava sob o nosso controle, né? Realmente se tivesse alguém junto ali, fazendo o salvamento dele e viesse a árvore, ia morrer junto. Então, de certa forma, foi até um livramento, assim (Carlos).

Cada um sofre de um jeito. Uns... É... deixam no esquecimento. Não esquecem porque querem, eu acho que elas bloqueiam mentalmente alguns eventos pra poder continuar o dia a dia. Outras continuam arrastando aquilo no dia a dia, remoendo, outras entendem que faz parte da atividade mesmo sendo algo pesado (João).

Então você tem que esquecer, tem que deixar no trabalho (Manuel).

Eu lidava com um pouco menos informações e talvez isso me fizesse trabalhar aquela ocorrência de outra forma, ter uma visão diferente. Hoje em dia eu busco ter muito mais elementos de informação. Ao longo do tempo a gente observa que gera um estresse, né, gera um estresse, gera um desgaste, então se não tiver o trabalho pra lidar com o dia a dia a tendência é aumentar (João).

O cuidado à saúde foi citado por Cora, Rubem e João, como forma de desconpressão no dia a dia. Cora destacou a atividade física e o esporte, Rubem apontou as atividades prazerosas e João, o cuidado à saúde mental:

A gente sempre tem um esporte, cada um tem o seu. (...) E isso também é uma forma de aliviar, de desestressar. O esporte ajuda bastante, esporte, uma alimentação boa ajuda também na saúde mental (Cora).

Fora do ambiente de trabalho você tem que ter uma válvula de escape, um lazer, alguma atividade prazerosa para... Porque realmente é difícil (Rubem).

Nós treinamos tecnicamente para ocorrências, nós temos nosso físico pra suportar nossa carga de trabalho, e a gente deveria também – não uma responsabilidade institucional, mas – cada um deveria buscar um preparo psicológico, né, para suportar as dores do dia a dia. Tem vários exemplos: desde um menino que não consegue suportar a dor do término do namoro, desde o pai que não suporta ter perdido o filho, perdido emprego, então... Cada um acaba, é... Externando a sua dor de uma forma, infelizmente algumas pessoas tiram a vida, né? O que pra mim não faz sentido pra aquela pessoa faz total sentido. Então acho que tem que ter essa sensibilidade para entender a pessoa (João).

Os recursos de enfrentamento abordados pelos participantes envolveram estratégias cognitivas e emocionais individuais, condutas na equipe, apoio em casa, apoio no transcendente e práticas de autocuidado. Maertens, Vasconcelos e Nascimento (2019) realizaram uma investigação, com um efetivo de 141 bombeiros militares, sobre tipos de enfrentamento baseados no modelo teórico Teoria Motivacional do *Coping*. Os resultados apontaram que as

estratégias mais utilizadas pela população foram: resolução de problemas (90,07%), negociação (87,23%), autoconfiança (86,52%) e busca de informação (84,40%).

É possível estabelecer aproximações entre as temáticas apresentadas pelos bombeiros do presente estudo com os achados da investigação citada. As estratégias cognitivas e emocionais citadas podem se aproximar da categoria autoconfiança. As condutas dos bombeiros no momento da ocorrência podem se aproximar da categoria negociação, bem como o comportamento de estudar as condutas tomadas se aproximam da categoria busca de informação.

Para finalizar a apresentação da presente categoria, o tema gratidão foi abordado pelos bombeiros. Paulo, Manuel, Cora, Rubem e Fernando agradeceram a possibilidade de contarem suas histórias, suas alegrias, seus desafios, e por serem ouvidos. Manuel e Cora citaram a importância de a categoria ser ouvida e defendida:

Agradeço você também por essa oportunidade para gente e que tenha muita sorte nessa sua pesquisa. E que traga bons frutos pra nós (Paulo).

Obrigada a você pela oportunidade da gente falar, da gente conversar, da gente falar um pouquinho da nossa... É porque a gente não tem, a gente não tem com quem conversar, a gente não tem... Pra você ter uma ideia. São... Se você pegar, a gente não tem um sindicato, a gente não tem um... não tem ninguém que brigue pela gente, que lute pela gente, entendeu? Então é bom a gente pelo menos tem alguém que tá conversando com a gente (Manuel).

A gente tem que dar atenção pelos poucos que olham por nós. Muito obrigada pelo carinho, pelo cuidado. Por defender essa classe que ninguém lembra, só lembra na hora que precisa (Cora).

Eu que agradeço, né, a gente ter a oportunidade de estar expondo um pouquinho o que a gente passa, né? Quem sabe com isso aí a gente consiga melhorar para todo mundo, né? Porque é o que eu sempre falo pro pessoal é... Quem ganhar não vai ser eu, não vai ser o João, o Pedro, o José, mas a sociedade como um todo, né? (Rubem).

Eu queria agradecer a senhora. Eu sei que o trabalho da senhora é muito importante, muito importante. Assim, o bombeiro, ele é uma parte da sociedade que ele dá muito campo para muitos setores, né, e esse papel que a senhora tá fazendo, de estudo, eu sei que lá na frente dentro da sua jurisdição vai nos ajudar muito. Ou por parte do comando ou por parte de profissionais que vão enxergar coisas que são... É uma voz calada, a gente não vai chegar nunca a dar o grito e alguém ouvir, e a gente sabe, assim, por particularidade minha, eu sei que o meu grito ele vai chegar por intermédio de alguém, e a senhora é uma das ferramentas que pode mudar alguma coisa dentro da nossa profissão, né? E isso eu falo não só sendo como Bombeiro do estado de São Paulo, da Polícia Militar de São Paulo, eu falo em nome de todos os bombeiros do Brasil... (Fernando).

Outra perspectiva da gratidão foi voltada às manifestações de carinho das pessoas diretamente afetadas e seus familiares aos bombeiros. Carlos, Paulo e Fernando discorreram sobre as experiências vividas carregadas de afeto. Os relatos tornam evidente o efeito positivo

desta troca, mesmo que toquem em sua vulnerabilidade; como um preço que alguns bombeiros aceitam e precisam arcar para sentirem o calor da humanidade para além da técnica:

Um senhorzinho que perdeu a sobrinha que cuidava dele [no desastre em que o bombeiro estava trabalhando], ele foi lá fazer... Ele pegou ônibus, tipo, uns 2 ônibus, saiu tipo 5 da manhã, ficou parado no alambrado. Era uma faculdade, né, o nosso posto de comando. (...). Eu olhei assim, ele parado no alambrado com uma sacolinha na mão. (...) De repente vem um soldado, tipo: 'Tenente, isso aí não dá para mim não' - já com os zoião cheio de lágrima. 'Conversa com ele lá!'. Aí fui lá, falei 'bom dia' e ele 'ó, só queria entregar uma poesia pra vocês' - aí já começou todo mundo, né, 'não, pelo amor de Deus!' [imitando som de choro]. Aí pegamos, levamos ele lá para dentro do posto de comando. (...) Um senhorzinho, assim, um monte de papelzinho cortado, uma poesia para cada um. (...) (...) Na chuva, no alambrado, ele ali quietinho assim olhando... 'É, tô aqui desde às 9 da manhã' - e já devia ser tipo 1 da tarde, tomando chuva lá esperando, meu! Esses gestos assim derrubam qualquer um, cara. Isso aí foi demais! (...) Esse reconhecimento ele é valioso. Esse de pesquisa, esse tipo consenso geral, eu não acho valioso, acho muito mais esse pontual que chega até no nível da pessoa ir lá, se dispor a gastar um tempo e agradecer - esse reconhecimento acho que é o que move mesmo os bombeiros de verdade, né? (Carlos).

A gente saía da lama, assim, exausto de caminhar lá, procurar alguma coisa, sentava na borda, assim, desfalecendo, vinha gente, um monte de galão de água, assim, começava a lavar a gente, dar água, aí tipo: 'Tá, obrigado. Vocês são voluntários da Vale? Que que é que vocês estão aqui?'. Não, a gente é familiar. O meu pai tá aí, meu tio tá aí, meu primo não sei o quê, meu irmão... Era pra eu estar aí também, só que no dia eu estava fazendo uma entrega...'. Aí você para assim, fala: 'Meu, não dá, cara, não posso ficar aqui'. Você tava morrendo, mas você levantava. Aí eles mesmos falavam: 'Calma, bombeiro, a gente sabe que você tava ali, descansa. Você precisa descansar'. Aí você fala 'meu Deus do céu, o cara tá com a família inteira lá, está me tratando assim'. Isso foi um negócio marcante demais (Carlos).

Tem uma vítima que até hoje ela leva bolo lá no quartel para os militares, mas isso numa ocorrência acho que em 2012. (...) Quase sempre ela vai lá e pergunta para o pessoal e se sente muito agradecida, né? Fala que ela tá viva por causa dos bombeiros (Paulo).

Foi uma criança no quartel esses dias, toda queimada, de três anos, e o Tenente fez aniversário um dia antes. A gente tava tomando café um dia depois do aniversário dele. Esse menino chegou pra vó, pra mãe, pediu pra ir no bombeiro que ele queria cantar parabéns no dia do aniversário dele no bombeiro (...). Ele estava passando e queria ver o caminhão do bombeiro. (...) O menino, ele tinha o bombeiro na cabeça, todo queimado, doutora, todo deformado, orelha... Mas a mãe falava que ele olhava, assim, parava, punha a mão no queixo e ficava dentro de casa, três anos de idade: "O bombeiro...!" - e pensando alto. O quê que passa na cabeça daquele menino? Então acho que são essas coisas que me dá força, de eu quebrar um pouco essas coisas que a senhora tá falando, a coisa ruim da nossa profissão (Fernando).

Como última categoria de análise, os bombeiros avaliaram as transformações pelas quais passaram no cotidiano do trabalho: o modo de fazer e o lapidar da experiência. O quadro a seguir apresenta os temas abordados, bem como suas respectivas unidades de registro.

10.2.3 Categoria: O tempo

Quadro 4 – Categoria: O tempo

| Tema | Unidade de registro |
|--------------|---|
| Recrutas | - Aspectos emocionais e comportamentais |
| Aprendizados | - Questões existenciais - Relação com as emoções |

Nas entrevistas, os bombeiros foram questionados sobre os impactos do tempo de trabalho no seu fazer. O questionamento foi realizado de forma ampla, sem corte temático. Os participantes narraram as vivências dos novatos, bem como os aprendizados que tiveram até então. O posicionamento desse tema na parte final da entrevista teve como objetivo dotar de significado a escolha primeira por ser bombeiro.

O início da carreira como recruta foi abordado por Rubem, Manuel, Mário e Carlos que apontaram a inexperiência, a preocupação com a performance, com o enfrentamento das ocorrências difíceis e o estado de choque no momento da operação. Carlos apontou um novo rumo dado pela nova geração que tem chegado à Corporação:

Não que vá atrapalhar, mas que dificulta um pouco o atendimento da ocorrência, porque às vezes principalmente os novatos, né, os recrutas que tão chegando agora, por mais que você tenha um treinamento, né, na escola, bem próximo do real, você faz estágio nas unidades operacionais antes de estar pronto. Mas quando você chega na primeira ocorrência, que você vê que realmente a coisa é real... (Rubem).

Assim, eu acho diferente a forma que eles encaram essas ocorrências. Às vezes o recruta tá chegando ali com... Acabou de sair da escola, veio trabalhar com a gente, e a gente já é mais antigo, e pega ocorrência e a gente tira de letra, né, a gente trabalha legal, tal... Mas aí você olha pro colega do lado e vê que ele tá um pouco chocado com a situação e aí você tenta passar algum conforto, alguma coisa boa pra ele, pra ele não ficar, pra ele esquecer aquilo ali, e pra gente também é uma forma de soltar, sabe, de você passar pro outro colega que não, ‘calma, não pensa dessa forma, já aconteceu, vamos tentar superar isso daí’ e vai acontecendo e passa uma situação de tranquilidade pro aluno (Manuel).

E eu lembro que em algumas vezes, quando eu era empenhado em algumas ocorrências mais graves [quando recruta], eu ia me preocupando ‘Meu Deus do céu, quê que eu vou encontrar? Será que eu vou ter condições de enxergar o que eu estou pensando que pode ser, né?’. Mas muito engraçado que eu percebia que quando eu chegava no local da ocorrência aquilo não me assustava. Era só no início, no deslocamento, era uma preparação meio que psicológica a minha para o pior, mas quando chegava lá - talvez pela agitação, pela vibração, né? Talvez aquilo ali não me importava tanto quando eu chegava na ocorrência em si, né? (Mário).

Eles [os novatos] perguntam para gente, né, ‘Como é que vocês fazem? Vocês chegam em casa e vocês sonham? Vocês conseguem comer? Vocês conseguem dormir?’ (Manuel).

Eu acho que fica mais fácil, acho que é mais fácil. As primeiras ocorrências que você tem, que são mais chocantes, elas podem impactar. Fica mais fácil, digo, em relação... São dois momentos, né? Em relação ao primeiro momento do atendimento, eu acho que fica mais fácil. Você fica cada vez mais frio, mais técnico, mais, tipo, focado do que no começo. No começo você fica mais assustado: ‘Meu Deus, e agora? Eu vou morrer’ (Carlos).

... mas com a galera nova chegando, e isso é um lado positivo dessa nova geração, que o cara não tem essa vergonha. ‘Putá, gente, achei que a gente ia perder a vítima’, ‘puta, fiquei triste pra caramba porque eu cheguei e a vítima já tava morta’. Então o pessoal tem essa facilidade. Pessoal mais antigo não admite nunca, não admite nunca. Isso faz mal, isso faz mal. Então primeiro o que eu vejo, o que eu tava vendo com o pessoal antigo, a diferença da geração nova da antiga, que os caras na nova, os caras não tinham vergonha. Falam ‘ah, putz, achei que a gente ia morrer ali, nossa, assustei’ - lida conversando com a gente mesmo depois da ocorrência, né? (Carlos).

O aprendizado adquirido com a prática foi comentado por Mário, Rubem e Fernando. Mário abordou a mudança no modo com que lida com as emoções. Rubem trouxe a constatação da fugacidade da vida que ressignificou sua visão de mundo. Fernando ressaltou sua mudança de comportamento no ambiente familiar:

Tem uma evolução muito grande, né? Até pela idade, né? (...) Então é... Dependendo da situação, se for pensar bem (...), vindo da onde eu vim, eu era bastante imaturo talvez para lidar com tudo o que eu lidei no começo da profissão, né? Mas, sem dúvida, com o dia a dia você vai acostumando a lidar mais com as emoções, né? É... E isso até ajuda no atendimento de ocorrências, porque eu consigo dar um passo pra trás, segurar um pouco meu emocional, né, e trabalhar sem ir com muita sede ao pote, né? (...) E talvez eu fizesse isso antes, né? (...) Eu sinto que houve uma evolução significativa na minha parte emocional no lidar com essas ocorrências aí (Mário).

A gente tenta não pensar, mas inevitavelmente, né, às vezes as pessoas falam ‘não, agora que vocês são bombeiros, vocês atendem ocorrência, vocês ficam mais...’. Não, pelo contrário. A gente fica até mais sensível, porque você vê que... Ali você tem certeza realmente que a vida é um sopro, né? (Rubem).

Eu aprendi a ter mais calma dentro de casa, eu aprendi, eu comecei a compreender algumas coisas, né, a gente é falho, a gente sempre vai falhar como pai, como homem, como profissional, como ajudar sua família, sua raiz. Às vezes você consegue ajudar, às vezes você não consegue ajudar dentro das nossas limitações como ser humano (Fernando).

As categorias O labor, O sensível e O tempo apresentaram a forma com que Amyr, Carlos, Cora, Fernando, João, José, Manuel, Mário, Paulo e Rubem vivem o trabalho como bombeiro; os desafios e os sentidos atribuídos a uma atividade que passou a integrar a sua identidade como ser humano. As considerações que os participantes realizaram acerca da estrutura da instituição apontaram para as suas necessidades de reconhecimento, de cuidado e de pertencimento àquela comunidade de trabalhadores.

A escolha por trazerem em sua fala o grupo de militares da PMESP indicou a força da identidade militar que transpõe os distintos processos de trabalho entre as forças de segurança pública. Isso não significa, entretanto, que as estratégias de cuidado à saúde mental dos militares devam ser as mesmas para toda a Corporação.

As narrativas sobre as ocorrências refletiram a experiência do pesar vicário na diversidade das vidas e das visões de mundo dos bombeiros. O conteúdo dos relatos expressou elementos do constructo senso de coerência que serão a partir de agora abordados. A apresentação das categorias de análise encerra-se, portanto, dando seguimento à próxima seção, em que será realizada a interlocução entre a experiência do pesar vicário e o senso de coerência, integrando os resultados das abordagens quantitativa e qualitativa.

11 DIÁLOGO DO PESAR VICÁRIO COM O SENSO DE COERÊNCIA

Nesta seção, a experiência do pesar vicário foi analisada pelas categorias *a priori* deste Estudo: as dimensões compreensão, manejo e significado, componentes do constructo senso de coerência e aferidos pela escala SOC-13.

As perguntas do questionário SOC-13 abordaram temáticas tais como: a) entendimento sobre as situações inusitadas da vida e sobre os próprios sentimentos; b) capacidade de manejo frente à percepção de falta de controle sobre as situações, as pessoas e os próprios sentimentos; e c) significado dos acontecimentos do cotidiano e da vida de modo geral. Todas as temáticas estavam presentes no relato dos participantes, ao comentarem suas visões e experiências quanto ao impacto emocional das ocorrências.

De modo a aprofundar a análise pela perspectiva do constructo, foi realizada a estratificação do *score* de senso de coerência dos participantes, como indicado na análise quantitativa. Foi possível, portanto, estabelecer as faixas baixo, médio e alto senso de coerência, sendo os entrevistados posteriormente localizados nessa distribuição. 50% da população foi localizada na faixa baixo senso de coerência, e 50%, na faixa médio senso de coerência.

Antes de se iniciarem as aproximações, foi necessário se lembrar o perfil da população estudada: bombeiros majoritariamente homens e praças, de 30 a 39 anos, casados, de religião cristã, com filhos de até 18 anos com quem moram, de tempo de trabalho em ocorrências que se divide entre os mais experientes, com mais de 10 anos de profissão (48,8%), e os com menos tempo de experiência, até 10 anos (51,2%). Os grupos de baixo e médio senso de coerência não apresentaram perfis definidos quanto às características sociodemográficas ou laborais.

As dimensões compreensão, manejo e significado foram apresentadas por meio das experiências dos grupos de bombeiros entrevistados, que pontuaram baixo e médio senso de coerência. Ao longo da apresentação, serão citados trechos representativos das entrevistas de cada grupo.

11.1 Dimensão compreensão

A dimensão compreensão se refere ao entendimento das situações que acontecem, se são previsíveis e estruturadas, compreensíveis e suportáveis, mesmo quando inesperadas. A partir do relato dos participantes que pontuaram **baixo SOC**, a dimensão compreensão pôde ser entendida como um desafio em decodificar cognitivamente o vivido, no estabelecimento de

causas e consequências, bem como em assimilar as situações pelas quais os bombeiros passaram de acordo com a sua magnitude. Os conteúdos emocionais que emergiram das experiências vividas foram por vezes encarados com estranhamento, como se ultrapassassem uma barreira previamente estabelecida; movimento representado pela fala de Mário:

E esse mergulho foi complicado, porque quando nós vamos mergulhar, quando é perto da região do quartel, nós vamos na esperança de tirar o corpo e ele ser reanimado lá fora. É difícil acontecer, mas a nossa esperança é essa. É conseguir achar o mais rápido possível, até um tempo adequado, para que possa ser tentada a reanimação da pessoa. Só que esse afogamento, ele foi no local de uma hora e meia de distância do quartel, tava bem distante do quartel. Então já foi um pouco desesperançoso já na verdade, né? Chegamos lá, era uma criança de 9 anos. Ficamos mergulhando por cerca de 50 minutos e eu tive oportunidade, eu que tive o contato com o corpo da pequena, né? (Mário).

O relato do bombeiro sobre o salvamento do corpo de uma menina de 9 anos agregou elementos que desafiaram a sua compreensão: a distância do quartel, a sensação de desesperança no trajeto até o local, a constatação de que a pessoa afetada era uma criança, o longo tempo de busca. Aspectos que desafiam o entendimento do bombeiro, que cognitivamente atualiza a sua percepção do cenário, bem como as expectativas sobre sua atuação.

Os participantes que pontuaram **médio SOC** trouxeram como recurso de compreensão no trabalho a bagagem do tempo de prática e a forma de ver a vida mais racionalizada. A leitura da vida por uma perspectiva mais racional pode oferecer menos sofrimento, visto que as situações desafiadoras do trabalho são interpretadas e analisadas tecnicamente. A fala de Paulo representa esta forma de enfrentamento:

Assim, dos bombeiros antigos eu não sei se tem isso, se eles já estão mais acostumados. O meu, assim, que eu não fico muito chocado é nas ocorrências, eu até relevo, muitas cenas, assim, eu não sou muito de me chocar (Paulo).

11.2 Dimensão manejo

A dimensão manejo se referiu à confiança de possuir os recursos necessários para lidar com as situações. No grupo que referiu **baixo SOC**, foi observado que a dificuldade em assimilar a experiência concreta refletiu na forma com que os participantes se viam, com poucos recursos para atuar nesse ambiente. A fala de José representa esta dificuldade, em que constata a gravidade do estado de saúde da criança socorrida e aponta a marca deixada pela falta de controle do seguimento do caso após o seu empenho em realizar plenamente a tarefa:

A criança teve que... Porque ela tinha, ela tinha hemorragia interna. Tinha que ser transferida para um hospital com suporte maior. Tem mais complicações, né, uma criança de 6 anos, uma menina. Aí a gente... E a gente não acompanha totalmente o desenrolar da situação depois, né? Nem sempre, né? Então aí eu não sei se ela sobreviveu depois, né? Fica marcante esse tipo de ocorrência, né? (José).

A distância entre a estrutura da instituição e o conteúdo sensível do trabalho pode levar à percepção de falta de autonomia para promover as mudanças necessárias em prol da melhor execução do trabalho. O sentimento de fracasso foi atrelado à morte de colegas de trabalho e vítimas nas ocorrências.

O relacionamento com os pares e os superiores demonstra ter igualmente interferido na percepção do manejo, trazendo a sensação de injustiça frente aos empecilhos para realizar um trabalho com o qual se identifica e tem apreço. A fala de Cora representa esta experiência, quando ela descreve uma instituição moldada por e para homens, composta majoritariamente por eles, assim como ilustra o perfil da amostra deste Estudo, composto por 95,9% de homens:

Mas no bombeiro por ser um trabalho muito pesado, o curso pra entrar já é muito pesado, o concurso em si para você entrar no bombeiro é bem difícil. Então tem poucas, tem poucas. Quando eu entrei, quando eu entrei tinham 700 (...) numa tropa de 9000 homens. Então são muito poucas e a gente sofre muito preconceito (Cora).

Os participantes do grupo de **médio SOC** relataram possuir muitos recursos de enfrentamento que reconhecem como satisfatórios, contribuindo para o alívio do sofrimento oriundo do trabalho. Nesse grupo, a percepção de sentir-se injustiçado e fracassado foi pouco relatada. As falas de João e Amyr representam a percepção do grupo. João descreve o estudo como um instrumento que o possibilita realizar de forma mais autônoma o seu ofício. Amyr aponta a união da equipe como ponto de apoio para lidar com o conteúdo sensível do trabalho:

Hoje em dia eu busco ter muito mais elementos de informação. Ao longo do tempo a gente observa que gera um estresse, né, gera um estresse, gera um desgaste, então se não tiver o trabalho pra lidar com o dia a dia a tendência é aumentar (João).

Corpo de Bombeiros. É essencial na minha opinião. Equipe treinada e bem unida, meu, pode vir que a gente dá conta aí tranquilo, entendeu? Como já aconteceu de pessoas virem trabalhar na nossa prontidão e a gente ditar a regra 'ó, aqui é desse jeito, funciona assim, é todo mundo junto, ninguém separado'. E aí pegou a linhagem da prontidão e foi (Amyr).

11.3 Dimensão significado

A dimensão significado se refere à percepção do sentido da vida, dos seus acontecimentos corriqueiros, bem como dos aspectos emocionais. O campo emocional relacionado com o pesar vicário, evocado por meio das entrevistas com os participantes que referiram **baixo SOC**, revelou-se por vezes inibido e em outras situações carregado de intensidade, como representado nas falas de Carlos e Fernando:

Já para a questão combativa, a gente pode dizer, né, eu acredito que é... Conforme vai passando, vai piorando. Porque é um somatório de experiências, por mais a gente fale assim 'Ah, eu não ligo', 'ah, eu tô acostumado a ver' - fica lá guardado (Carlos).

Eu acho que só na forma de eu me expressar e de eu soltar um pouco com uma profissional, eu acho que isso vai me ajudar muito também, né? Isso vai me ajudar muito, muito, porque eu vou ter que tirar isso [a angústia] de mim (Fernando).

Em ambos os casos, percebeu-se o desafio de dar significado, um destino para as situações vividas no cotidiano. O caráter ambíguo do sentido atribuído às experiências vividas pode levar o indivíduo a um estado de ansiedade frente à insegurança quanto ao manejo deste conteúdo.

O significado da vida laboral se mostrou atrelado à execução da atividade fim para os participantes do grupo de **médio SOC**, como representado nas falas de Rubem e Manuel:

Eu valorizo... Não que eu não valorizasse antigamente, mas hoje muito mais: os momentos em família, o momento que você tá em pé, com saúde, com a sua família, com seus amigos, porque, é... Você vê às vezes até atendimento de ocorrência um tanto quanto banal, vamos dizer, em que a pessoa acaba falecendo (Rubem).

É gratificante, era muito gratificante você fazer um salvamento na praia, você vê uma pessoa se afogando, uma pessoa praticamente desistindo da vida ali no mar e você vai lá e tira ela e resgata e devolve, sabe, a tranquilidade, a paz. Gostoso, é muito gostoso (Manuel).

O diálogo do pesar vicário com o constructo senso de coerência aprofundou a experiência subjetiva do trabalho dos bombeiros militares, nomeando a experiência de ser bombeiro, os impactos do trabalho e os recursos que desenvolvem para preservar a eficiência do seu fazer bombeiro nas categorias compreensão, manejo e significado.

O empenho despendido para dar conta do trabalho pode custar o comprometimento da própria saúde física e emocional. A utilização das categorias citadas na análise do trabalho pode orientar a construção de estratégias de intervenção para a população de bombeiros; ações a serem efetuadas nas fases pré e pós-ocorrência, executadas pelos profissionais da Psicologia,

como também pelos comandantes e equipes, assim como ações continuadas ao longo do tempo de trabalho do bombeiro, que contribuam na regulação emocional da categoria, apontando para a promoção da saúde.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nós treinamos para os outros, corremos para salvar alguém, treinamos duro para subir vários andares e resgatar pessoas de incêndios. Nós não vencemos corridas e competições para nós, nós vencemos para os outros. A gente compete para que os outros ganhem outra chance e para que não percamos vidas”
(Farah, 2019)

O movimento de estudar e mergulhar no processo de trabalho dos bombeiros da função operacional foi uma experiência transformadora. A escuta das vozes dos bombeiros trouxe perspectivas diversas sobre a atividade operacional e a forma como lidam com os dilemas emergentes. As temáticas expressaram as necessidades desse grupo, os desafios individuais e coletivos na execução das tarefas, as sutilezas sensíveis do cotidiano e o aprendizado adquirido ao longo do tempo.

Os participantes sugeriram ações preventivas e continuadas no âmbito da saúde mental para a categoria, o que prevê a ampliação da rede de saúde mental da Corporação. Uma possibilidade viável para a efetivação desse cuidado, em primeiro momento, é o seguimento das atividades remotas, iniciadas no período da pandemia de COVID-19.

Outro aspecto que impacta diretamente a efetividade do serviço de Psicologia na PMESP é o reenquadramento dos psicólogos para o Quadro de Saúde, possibilitando a esses profissionais focarem a sua atuação no estudo, no estabelecimento de parcerias e na assistência integral à população de militares. O lugar do psicólogo ainda pode, e deve, ir muito além do consultório, de modo a potencializar os recursos dos indivíduos. Como apontado por Mário, a convivência do efetivo com esse profissional, em momentos diversos, aproxima o cuidado à saúde mental da ponta da linha.

A tentativa de unificar a força militar por parte da PMESP pode minimizar as demandas singulares de cada categoria. Torna-se necessário, portanto, reforçar as equipes de saúde mental de todas as frentes de atuação da instituição: policiamento de rua, rodoviário, choque, ambiental, bombeiros. Este pode ser um dos motivos da baixa adesão dos bombeiros aos programas de saúde mental, aliado a aspectos organizacionais e relacionais que inviabilizam essa procura.

A proposta de protocolar a reunião pós-ocorrência, citada por Carlos, pode legitimar o espaço da troca no momento de chegada ao posto. Consistiria, portanto, na descentralização do

cuidado à saúde mental por parte dos psicólogos, utilizando da melhor forma o poder do grupo, conforme descrito pelos participantes. A estratégia, apesar de não ser pensada para a finalidade de desconpressão, pode cumprir parte da função do *debriefing* psicológico, criado por Mitchell (1983), ao possibilitar espaço de fala e escuta sobre o conteúdo emocional presente no atendimento às ocorrências.

A experiência do pesar vicário foi relatada de forma vívida pelos participantes. As emoções que brotaram das histórias que os bombeiros contaram transitaram por diferentes tons: alegria, raiva, saudade, tristeza, medo, amor. A força do vínculo estabelecido com os colegas de trabalho – amigos que a vida laboral pode ofertar –, com as pessoas que morreram na ocorrência ou em momento posterior a ela, com a família que testemunha as transformações pessoais conduzidas pelo fazer.

O conceito de pesar vicário se aproximou do conceito de trauma vicário e secundário, localizando-se no início do processo de vinculação aos seres afetados. O seguimento das investigações acerca dos conceitos é fundamental para a ampliação da compreensão desse fenômeno, tendo em vista a frequência com que os trabalhadores e a população em geral experimentam o pesar vicário no cotidiano.

Os diversos recursos de enfrentamento criados pelos trabalhadores destacaram-se na vivência do pesar vicário. Os dilemas impostos pela realidade, combinados ao chamado da profissão, culminaram no incremento de estratégias de cuidado de si, da equipe e das pessoas afetadas nas ocorrências. Embora o processo de trabalho desses profissionais esteja orientado para o cumprimento dos POPs, o reconhecimento dos superiores igualmente pode se voltar à capacidade de adaptação de seus subordinados.

O presente Estudo apontou a relevância do conceito pesar vicário, bem como a demanda por futuras investigações que investiguem a temática no contexto brasileiro. O fato de não terem sido localizados estudos que aprofundem o conceito no contexto dos bombeiros brasileiros indica um espaço propício para mais contribuições. A escolha por compreender a gênese do sentimento de pesar pode subsidiar intervenções que promovam cuidado e previnam a formação do trauma vicário. A aproximação dos pilares que amparam este Estudo, o pesar vicário e o senso de coerência, possibilitou enriquecer a compreensão dos bombeiros acerca das suas experiências cotidianas. As temáticas relativas às categorias compreensão, manejo e significado do trabalho em ocorrências compuseram o cerne da análise de discurso dos entrevistados e se mostraram indicadores relevantes na análise do trabalho da categoria.

As limitações deste Estudo envolveram aspectos relativos à escala escolhida e ao contexto em que a pesquisa foi realizada. A escolha por incluir, no questionário, uma escala

que aborda aspectos emocionais dos bombeiros deve prever um possível impacto na sua adesão. Outro aspecto a se considerar é a escassez de estudos que utilizem a escala reduzida SOC-13 na população de profissionais de segurança pública, em que não foram encontrados estudos brasileiros. O método misto foi efetivamente aplicado, apesar dos desafios encontrados na seleção dos participantes para as entrevistas.

A pandemia da COVID-19 compôs o cenário da coleta de dados que ocorreu de forma remota. Essa configuração apresentou limites na atuação da pesquisadora e na observação do grupo pelo fato de não ter podido realizar o trabalho de campo no modo presencial. A oportunidade de realizar este Estudo pessoalmente traria uma maior riqueza de observações, tanto da dinâmica de cada participante, quanto da instituição.

Embora a pandemia tenha afetado diretamente o trabalho desses profissionais, o tema pouco foi abordado nas entrevistas. A intensidade da experiência acumulada no contato com as pessoas afetadas superou as peculiaridades deste momento histórico.

Como orientações futuras, ressalta-se o valor do método qualitativo na investigação do pesar vicário dessa população. O título deste estudo exprime a potência da fala dessas pessoas que não se veem protegidas e amparadas por um coletivo de trabalho. A realização desta modalidade de pesquisa dependeu da autorização da instituição, que após um longo período de reuniões e contatos, permitiu que a temática fosse desenvolvida e apresentada à comunidade científica. A estrutura institucional é composta por pessoas, e é com o empenho dessas pessoas que o cuidado à saúde mental da população de profissionais da segurança pública poderá ser realizado de modo mais efetivo e abrangente.

Dentre tantas rotas e cenários apresentados pelas entrevistas, o fazer e o ser misturaram-se. A dedicação para ser bombeiro não se referiu somente à necessidade de desempenhar uma profissão. Esse trabalho peculiar carregou em sua essência a técnica, o risco e a subjetividade, inundando aquele (a) que veste a farda. Como deduzir, portanto, que homens e mulheres se submeteriam totalmente à norma, ao prescrito? Nas esquinas do cotidiano, estes trabalhadores podem ser convocados a extrapolar os ditames descritos nos protocolos, no intento de se vincularem ao outro. A conexão estabelecida na ocorrência pode se estender por tempo indeterminado: do acompanhamento do estado de saúde nos hospitais até a visita inesperada de agradecimento, tempos depois.

A compaixão, descrita de forma poética pelos bombeiros neste Estudo apontou para um norte: é inevitável a proximidade do bombeiro de quem ele socorre, e o empenho despendido para o alívio do sofrimento do outro. Abrir caminho para essa possibilidade como componente do trabalho pode indicar, antes de fraqueza e abertura ao risco, a permissão para esses

profissionais utilizarem toda a sua potência emocional combinada ao preparo técnico. Assim nos alenta Susan Bauer-Wu (2014, p. 29): “a compaixão abranda o escudo que reveste seu coração”.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, V. S.; JESUS, F. L. C.; TIECHER, L. V. R. Por dentro da farda: risco, reconhecimento e qualidade de vida no trabalho dos bombeiros militares do estado do Rio de Janeiro. **Revista FLAMMAE** 2019, v. 04, n. 11, p. 39-57. Disponível em: <<http://www.revistaflammae.com>>. Acesso em: 02 out. 2020.
- ALMEIDA, T.R.F.; WAGNER, G.A.; MUNHOZ, D.M.; SANTOS, E.F. A institucionalização da EAD no Corpo de Bombeiros de São Paulo para padronização do atendimento às tentativas de suicídio. **Congresso Internacional de Educação e Tecnologias**. 24-28 Agosto 2020, São Carlos. Universidade Federal de São Paulo. Disponível em: <https://static.fecam.net.br/uploads/1535/arquivos/1579024_OC_2017_Rogério.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2021.
- ALVES, R. **Rubem Alves essencial**: 300 pílulas de sabedoria. Porto Alegre: Editora Planeta, 2015.
- AMÁBILE, R. **Corpo de Bombeiros**: O que acontece em 24 horas no plantão de resgate. São Paulo, 20 jan. 2005. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/eventos/corpo-de-bombeiros-o-que-acontece-em-24-horas-no-plantao-de-resgate/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ANDRADE, C.D. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ANTONOVSKY, A. **Unraveling the Mystery of Health – How People Manage Stress and Stay Well**. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1987.
- _____. The structure and properties of the sense of coherence scale. **Soc. Sci. Med.** 1993, v. 36, n. 6, pp. 725-733. Disponível em: <[The structure and properties of the sense of coherence scale - PubMed \(nih.gov\)](#)>. Acesso em: 17 jul. 2021.
- _____. The salutogenic model as a theory to guide health promotion. **Health Promotion International**, 1996, v. 11, n. 1. p.11-18. Disponível em: <<https://academic.oup.com/heapro/article/11/1/11/582748>>. Acesso em: 05 jan. 2017.
- AZEVEDO, D. S. S.; LIMA, E. P.; ASSUNÇÃO, A. A. Fatores associados ao uso de medicamentos ansiolíticos entre bombeiros militares. **Rev Bras Epidemiol**, 2019, v. 22. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbepid/a/MJ3bh4tQc6PTBqq5Nr3CRjr/?lang=pt>> Acesso em: 18 jan. 2020.
- BACHARACH, S.B.; BAMBERGER, P.A. 9/11 and New York City Firefighters` Post Hoc Unit Support and Control Climates: A Context Theory of The Consequences of Involvement

in Traumatic Work-Related Events. **Academy of Management Journal**, 2007, v. 50, n. 4. p. 849-868. Disponível em: < [9/11 and New York City Firefighters' Post Hoc Unit Support and Control Climates: A Context Theory of the Consequences of Involvement in Traumatic Work-Related Events | Academy of Management Journal \(aom.org\)](#)>. Acesso em: 17 jul. 2021.

BANDEIRA, M. **A cinza das horas**. São Paulo: Global Editora, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER-WU, S. **As folhas caem suavemente**. São Paulo: Editora Palas Athena, 2014.

BEATO, R. B. **Trabalhador e organização: onde se quebra? – subjetividade e organização do trabalho**. In: BORGES, L.H., MOULIN, M.G.; ARAÚJO, M.D. (Org) *Organização do Trabalho e Saúde – Múltiplas Relações*. Vitória: EDUFES, 2001.

BONANATO, K.; BRANCO, D. B. T.; MOTA, J. P. T.; RAMOS-JORGE, M. L.; PORDEUS, I. A.; KAEPLER, K. C. **Trans-cultural adaptation and psychometric properties of the 'sense of coherence scale' in mothers of preschool children**. *Interamerican Journal of Psychology* 2009, v. 43, nº1, pp. 144-153. Disponível em: < [Trans-cultural adaptation and psychometric properties of the 'Sense of Coherence Scale' in mothers of preschool children \(bvsalud.org\)](#)>. Acesso em:

BONANNO, G.A. **Loss, trauma and human resilience - Have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events?** *American Psychologist* 2004, v.59, nº1, pp. 20-28. Disponível em: < <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/14736317/>>. Acesso em: 9 out. 2019.

BOWLBY, J. **Apego e perda, v. 1: Apego: a natureza do vínculo**. Trad. Álvaro Cabral e Auriphebo Berrance Simões. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BOWLBY, J. **Apego e perda, v. 3: Perda: tristeza e depressão**. Trad. Waltensir Dutra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL. **Decreto nº 88.513, de 13 de julho de 1983**. Brasília, DF, 1983. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-88513-13-julho-1983-438402-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 11 de junho de 2018.

_____. **Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Ministério da Saúde, Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 5 nov. 2017.

_____. **Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Ministério da Saúde, Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

_____. Supremo Tribunal Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF: Senado, 2019 [1988]. Disponível em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2020.

_____. Ministério da Saúde. **Doenças relacionadas ao trabalho: Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde**, Brasília, DF, 2001. Disponível em: <[parte01-joao-9-4-2002.p65 \(saude.gov.br\)](http://saude.gov.br/part01-joao-9-4-2002.p65)>. Acesso em: 17 jul. 2020.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Portaria nº 3.751, de 23 de novembro de 1990**. Ministério do Trabalho, Brasília, DF, 1978. Disponível em: <<https://www.gov.br/trabalho/pt-br/inspecao/seguranca-e-saude-no-trabalho/normas-regulamentadoras/nr-17.pdf/view>>. Acesso em: 8 jan. 2021.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Portaria nº 25, de 29 de dezembro de 1994**. Ministério do Trabalho e Emprego, Brasília, DF, 1994. Disponível em: <http://www.trabalhoseguro.com/Portarias/port_25_1994_mapa_de_risco.html>. Acesso em: 5 nov. 2019.

_____. Ministério do Planejamento e orçamento. CASTRO, A. L. C. **Glossário de Defesa Civil: Estudos de riscos e Medicina de Desastres**. Brasília, DF, 1998. Disponível em: <<https://www.bombeiros.go.gov.br/wp-content/uploads/2012/06/16-Glossario-de-Defesa-Civil-Estudo-de-Risco-e-Medicina-de-Desastres.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2020.

BRITO, J. M. B.; OLIVEIRA, K. R. S. G.; OLIVEIRA, P. T. R. **A clínica do trabalho e o desvelamento do traumático no trabalho do bombeiro militar: fragmentos de um caso clínico**. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.** 2017, v. 9, n. 1, p. 148-163. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000100010>. Acesso em: 5 mar. 2018.

CAMPION, J.; JAVED, A.; SARTORIUS, N.; MARMOT, M. Addressing the public mental health challenge of COVID-19. **The Lancet**, 2020, v. 7, n. 8, p. 657-659. Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366\(20\)30240-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanpsy/article/PIIS2215-0366(20)30240-6/fulltext)>. Acesso em: 10 dez. 2020.

CAPITANEO, D.; RIBEIRO, K; SILVA, J. C. O papel idealizado do bombeiro: e o ser humano por trás da farda? **VITTALLE**, 2012, v. 24, n. 1, p. 53-68. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/vittalle/article/view/5107>>. Acesso em: 2 mai. 2018.

COGO, A. S.; CESAR, A. V. L.; PRIZANTELI, C. C.; JABUR, E.; HISPAGNOL, I. G. R.; FRANCO, M. H. P.; RODRIGUEZ, M. I. F.; TOROLHO, P. R. D. **A psicologia diante da emergência e desastres** In: FRANCO, M. H. P. A intervenção psicológica em emergências – Fundamentos para a prática. São Paulo: Summus, 2015, p. 17-60.

COIMBRA, M. A. R.; FERREIRA, L. A.; ARAÚJO, A. P. A. Impactos do estresse na exposição ocupacional de bombeiros: revisão integrativa. **Rev enferm UERJ**, 2020, v. 28, p. 1-8. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/52825/36239>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Nota técnica sobre atuação da Psicologia na gestão integral de riscos e desastres, relacionadas com a política de proteção e defesa civil.** Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Nota-T%C3%A9cnica-Psicologia-Gestao-de-Riscos-Versao-para-pdf-13-12.pdf> >. Acesso em: 17 jul. 2020.

CORALINA, C. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha.** São Paulo: Global Editora, 1997.

CORPO DE BOMBEIROS DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO.

Bombeiro em números. São Paulo, 2020a. Disponível em:

<http://www.ccb.policiamilitar.sp.gov.br/portalcb/_institucional/#2>. Acesso em: 22 mai. 2021.

_____. **Seminário de Prevenção do Suicídio** – Major Diógenes Martins Munhoz. São Paulo, 3 set. 2020b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cHy1O6X0Sic>>. Acesso em: 12 dez. 2020b.

_____. **Organograma do Corpo de Bombeiros.** Disponível em:

<<http://www.corpodebombeiros.sp.gov.br>>. Acesso em: 7 abr. 2020.

COSTA, C.M.D. **Os Corpos de Bombeiros Militares emancipados das polícias militares: prospecção e análise do “desenho” organizacional.** Dissertação (Curso de Mestrado Executivo). Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em:

><http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8109/000344635.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

COSTA, W.T.; LIRA, D.F.S.; BELO, F.M.P. Atuação em ocorrências de tentativas de suicídio e suicídio e a influência na vida de bombeiros: uma revisão de literatura. **Revista FLAMMAE**, 2017, v. 3, n. 8, p. 189-203. Disponível em: <<https://www.revistaflammae.com/copia-vol-3-numero-7-1>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRESWELL, J.W.; CLARK, V. L. P. **Pesquisa de métodos mistos.** Porto Alegre: Penso, 2013.

CZERESNIA, D.; MACIEL, E. M. G. S.; OVIEDO, R. A. M. **Os sentidos da saúde e da doença.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013.

DADERMAN, A.M.; DE COLLI, D. **The significance of the sense of coherence for various coping resources in stress situations used by police officers in on-the-beat service.**

IJOMEH 2014, v. 27, n. 1, p. 1-13. Disponível em: <[The significance of the sense of coherence for various coping resources in stress situations used by police officers in on-the-beat service - PubMed \(nih.gov\)](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/275655428/)>. Acesso em: 17 jul. 2020.

DAHLITZ, M. **An Awareness of Vicarious Loss & Grief in Emergency Services.** The Neuropsychotherapist 2015, n. 14, p. 30-40. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/275655428_An_Awareness_of_Vicarious_Loss_Grief_in_Emergency_Services/link/55436cc10cf234bdb21aad91/download>. Acesso em: 02 jul. 2018.

DANTAS, R. A. S.; SILVA, F. S.; CIOL, M.A. Psychometric properties of the Brazilian Portuguese versions of the 29- and 13-item scales of the Antonovsky's Sense of Coherence (SOC-29 and SOC-13) evaluated in Brazilian cardiac patients. *Journal of Clinical Nursing*, 2013, v. 23, pp. 156-165. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23742041/>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

DE BONI, R. B. Web surveys in the time of COVID-19. *Cadernos de Saúde Pública*, 2020, v. 26, n. 7, p. 1-4. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32638874/>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

DEJOURS, C. Por um novo conceito de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 1986, v. 54: p. 7-11. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5817635/mod_resource/content/2/%5BDejours%5D_Por%20um%20novo%20conceito%20de%20Sa%C3%BAde.pdf. Acesso em: 17 jul. 2020.

DE SOIR, E.; KNARREN, M.; ZECH, E. et al. A Phenomenological Analysis of Disaster-Related Experiences in Fire and Emergency Medical Services Personnel. *Prehosp Disaster Med.* 2012 Apr; v. 27, n. 2, p. 115-22. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/22587814>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

DUDEK, B.; KONIAREK, J. Relationship between sense of coherence and post-traumatic stress disorder symptoms among firefighters. *International Journal of Occupational Medicine and Environmental Health*, 2000, v. 13, n. 4, p. 299-305. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11276843/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

EGBERINK, I. J.; HARMS, T.; LOMMEN, M. J. J. Psychometric properties of the Dutch revised sense of coherence scale in a firefighter sample. *European Journal of Psychotraumatology*, 2020, v. 11, n. 1, p. 1-8. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32922683/>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

EISENBERG, N., FABES, R. A., BUSTAMANTE, D.; MATHY, R. M. **Physiological indices of empathy.** In: Eisenberg, N; Strayer, J. (Eds.). *Empathy and its development.* Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 380–385.

ERIKSSON, M; LINDSTROM, B. Antonovsky's sense of coherence scale and relation with health: a systematic review. *J Epidemiol Community Health*, 2006, v. 60, n. 5, p. 376-81. Disponível em: <[Antonovsky's sense of coherence scale and its relation with quality of life: a systematic review \(nih.gov\)](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16111111/)>. Acesso em: 17 jul. 2020.

EUROPEAN UNION. Literature Review Salutogenesis and the Promotion of Positive Mental Health in Older People. **EU Thematic conference** “Mental Health and Well-being in Older People - Making it Happen”. 19th- 20th April 2010, Madrid. Organized by the European Commission Directorate-General for Health and Consumers and the Spanish Ministry of Health and Social Affairs with support of the Spanish Presidency of the European Union. Disponível em: <https://ec.europa.eu/health/sites/health/files/mental_health/docs/ev_20100628_report__en.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2017.

EYSENBAACH, G. Improving the Quality of Web Surveys: The Checklist for Reporting Results of Internet E-Surveys (CHERRIES). **Journal of Medical Internet Research**, 2004, v. 6, p. 1-6.

FARAH, L. **Além da lama**: o emocionante relato do capitão dos Bombeiros que atuou nas primeiras horas da tragédia em Mariana. São Paulo: Editora Vestígio, 2019. Edição Kindle.

FARIA, D. G. R.; PRADO, L. V. **Profissionais de primeira resposta, de Defesa Civil, de resgate médico de urgência e demais profissionais da área de saúde que atuam em situações traumáticas**. In: SANT'ANNA FILHO, O.; LOPES, D.C. O psicólogo na redução de riscos de desastres: Teoria e prática. São Paulo: Editora Hogrefe, 2017, p. 87-96.

FIGLEY, C. R. Catastrophes: An overview of family reactions. In: Figley, C. R.; McCubbin, H. I. (Eds.) **Stress and the family**: Vol. 2. Coping with catastrophe. New York: Brunner/Mazel, 1983. pp. 3–20. Disponível em: <[Figley, C. R. \(1983\). Catastrophes An overview of family reactions. In C. R. Figley & H. I. McCubbin \(Eds.\), Stress and the Family, Vol. II Coping with catastrophe \(pp. 3-20\). New York Brunner/Mazel. - References - Scientific Research Publishing \(scirp.org\)](#)>. Acesso em: 17 jul. 2021.

_____. **Compassion fatigue: Coping with secondary traumatic stress disorder in those who treat the traumatized**. Philadelphia: Brunner/Mazel, 1995.

FRANCO, M. H. P. **Por que estudar luto na atualidade?** In: FRANCO, M. H. P. (org.) Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade. São Paulo: Summus, 2010, p. 17-42.

_____. Crises e desastres: a resposta psicológica diante do luto. **O Mundo da Saúde**, 2012, v. 36, n. 1, p. 54-5. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mis-36664>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

_____. **O luto no século 21: Uma compreensão abrangente do fenômeno**. São Paulo: Summus, 2020.

FREIRE, M. C.; SHEIHAM, A.; HARDY, R. Adolescent's sense of coherence, oral health status, and oral health-related behaviours. **Community Dentistry and Oral Epidemiology**, 2001, v. 29, pp. 204–212. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11409679/>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

FREIRE, M.C.; HARDY, R.; SHEIHAM, A. Mothers' sense of coherence and their adolescent children's oral health status and behaviours. **Community Dental Health**, 2002, v. 19, p. 24–31. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Mothers%27-sense-of-coherence-and-their-adolescent-Freire-Hardy/80bac99429d1b39dd078e435a3c37e66fd070a6d>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

GALLUZZI, T. **Éramos vinte**: a história do Corpo de Bombeiros de São Paulo. São Paulo: Gramani, 2018.

GIEL, R. **Psychosocial process in disasters**. International Journal of Mental Health, 1990, v. 19, pp. 7-20. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41337342?seq=1>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

GONDIN, S.M.G. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos.** Paidéia 2013, v. 12, n. 24, pp. 149-161. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000300004>. Acesso em: 17 nov. 2018.

GONZALES, R.M.; DONADUZZI, J.C.; BECK, C.L.; STEKEL, L.M. O estado de alerta: um estudo exploratório com o Corpo de Bombeiros. **Esc Anna Nery R Enferm**, 2006, v. 10, p. 370-7. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452006000300003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 10 fev. 2019.

GOULART, J. C. **Memórias de Brumadinho: vidas que não se apagam.** Autonomia Literária, 2020. Kindle Edition.

GOVERNO DE SÃO PAULO. **Corpo de Bombeiros Paulista ganha Prêmio Marcas de Confiança.** São Paulo, 25 set. 2011. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/corpo-de-bombeiros-paulista-ganha-premio-marcas-de-confianca/>>. Acesso em: 24 dez. 2020.

GREINACHER, A.; DEREZZA-GREEVEN, C.; HERZOG, W.; NIKENDEI, C. Secondary traumatization in first responders: a systematic review. **European Journal of Psychotraumatology**, 2019, v. 10, p. 1-21. Disponível em: <[Secondary traumatization in first responders: a systematic review. - Abstract - Europe PMC](#)>. Acesso em: 17 jul. 2020.

HOWARTH, G.; LEAMAN, O. **Encyclopedia of Death and Dying.** United Kingdom: Taylor & Francis, 2001.

JINPA, T. **Um coração sem medo:** Por que a compaixão é o segredo mais bem guardado da felicidade. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

JOINSON, C. Coping with compassion fatigue. **Nursing**, 1992, v. 22, p. 116–121. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/1570090/>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

KAHHALE, E.M.S.P. **Método quali-quantis na coleta e análise de dados em pesquisa clínica materialista histórica e dialética.** In: KUBLIKOWSKI, I.; KAHHALE, E. M. S. P.; TOSTA, R. M. (Orgs.) Pesquisas em Psicologia Clínica: contextos e desafios. São Paulo: Educ, 2019, p. 81-110.

KASTENBAUM, R. **Vicarious grief:** An intergenerational phenomenon? **Death Studies**, 1987, v.11, n°.6, pp. 447-453. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07481188708252209>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

KELLY, K. V. Bereavement, doubt and the loved body: A 9/11 Meditation. **J Relig Health**, 2011, v. 50, p. 516–520. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/21732133>> Acesso em: 13 jul. 2018.

KLINK, A. **Cem dias entre céu e mar.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Edição Kindle.

LEAVELL, H. R.; CLARK, E. G. **Medicina preventiva.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

LEMINSKI, P. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LIMA, E. P.; ASSUNÇÃO, A.A.; BARRETO, S.M. Transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) em bombeiros de Belo Horizonte, Brasil: Prevalência e fatores ocupacionais associados. **Psic.: Teor. e Pesq.**, 2015, v. 31 n. 2, p. 279-288. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v31n2/0102-3772-ptp-31-02-0279.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2018.

_____. Prevalência de depressão em bombeiros. **Cad. Saúde Pública**, 2015, v. 31 n. 4, p. 733-43. Disponível em: <<https://scielosp.org/article/csp/2015.v31n4/733-743/>>. Acesso em: 13 set. 2018.

_____; VASCONCELOS, A. G. CORRÊA, L. R. T.; BATISTA, A. G. Baixas na linha de frente: absenteísmo entre bombeiros durante o combate à pandemia da COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, 2020, v. 45, ed. 27. p. 1-11. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572020000101400&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 jan. 2021.

LINDSTROM B, ERIKSSON M. The Hitchhiker's Guide to Salutogenesis, Folkhälsan Research Centre - Health Promotion Research. **Research Report**, 2010: 2. Folkhälsan: Finland.

LOPES, D. **Desastre atual. Sessão Psicologia nos desastres**. Revista Emergência. Jan/Fev 2021.

LOPES, D. C.; SANT'ANNA FILHO, O. **Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil**. In: SANT'ANNA FILHO, O.; LOPES, D. C. O psicólogo na redução de riscos de desastres: Teoria e prática. São Paulo: Editora Hogrefe, 2017, p. 65-86.

LOUREL, M.; ABDELLAOUI, S.; CHEVALEYRE, S.; PALTRIER, M.; GANA, K. Relationships between psychological job demands, job control and burnout among Firefighters. **North American Journal of Psychology**, 2008, v. 10, n. 3, p. 489-496. Disponível em: [[PDF](#)] [Relationships Between Psychological Job Demands, Job Control and Burnout Among Firefighters](#) | Semantic Scholar>. Acesso em: 17 jul. 2020.

MAERTENS, M.; VASCONCELOS, A.G.; NASCIMENTO, E. Estratégias de enfrentamento (coping) frente à eventos traumáticos ocupacionais e saúde mental em bombeiros militares. **Vigiles**, 2019, v. 2, n. 1, p. 61-73. Disponível em: <<http://vigiles.bombeiros.mg.gov.br/index.php/vigiles/issue/download/4/15>>. Acesso em: 5 jan. 2020.

MAIA, T.S.T. O estudo do comportamento humano: em foco a pesquisa qualitativa. **Revista Eletrônica de Administração**, 2010; v. 9, n. 1, p. 1-11. Disponível em: <<http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rea/article/view/480/456>>. Acesso em: 5 jan. 2019.

MARÇAL, C. C. B.; HEIDEMANN, I. T. S. B.; FERNANDES, G.C.M., RUMOR, P. C. F.; OLIVEIRA, L. S. A salutogênese na pesquisa em saúde: uma revisão integrativa. **Rev enferm. UERJ**, 2018, v. 26, e37954, p. 1-6.

Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/37954> >. Acesso em: 7 set. 2019.

MASLACH, C.; JACKSON, S.E. The measurement of experienced burnout. **Journal of Organizational Behavior**, 1981, v. 2, n. 2, p. 99-113. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/227634716_The_Measurement_of_Experienced_Burnout >. Acesso em: 7 set. 2019.

MASSENA, J. R. H. **Associação entre senso de coerência e qualidade de vida em indivíduos de 50 a 74 anos**. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/142307> >. Acesso em: 27 abr. 2018.

MCCANN, L.; PEARLMAN, L.A. Vicarious traumatization: A framework for understanding the psychological effects of working with victims. **Journal of Traumatic Stress**, 1990, v. 3, n.1. pp. 131-49. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/BF00975140>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

MELO, L. P.; CARLOTTO, M. S. Prevalência e preditores de burnout em bombeiros. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2016, v. 36, n. 3, pp. 668-681. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932016000300668&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 5 jan. 2019.

MILBERG A, STRANG P. What to do when ‘there is nothing more to do’? A study within a salutogenic framework of family members’ experience of palliative home care staff. **Psychooncology**, 2007 Aug; v. 16, n. 8, p. 741-51. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/17106866>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

MINAYO, M. C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MITCHELL, J. T. When disaster strikes... The critical incident stress debriefing process. **J Emerg Med Serv**, 1983, v. 8, p. 36-9. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10258348/>. Acesso em 5 jan. 2020.

MONTEIRO, J. K.; ABS, D.; LABRES, I. D.; MAUS, D.; PIONER, T. Firefighters: Psychopathology and working conditions. **Estudos de Psicologia**, 2013, v. 30, n. 3, p. 437-444. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2013000300013>. Acesso em: 1 mar. 2019.

_____; MAUS, D., MACHADO, F. R.; PESENTI, C.; BOTTEGA, D., CARNIEL, L. B. Bombeiros: um olhar sobre a qualidade de vida no trabalho. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2007, v. 27, n. 3, p. 554-565. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/SG6gqYBLdvsYHnrSrZsPtGF/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 4 abr. 2018.

MUNHOZ, D. M. **Abordagem Técnica a Tentativas de Suicídio**. São Paulo: Editora Authentic Fire, 2018. p. 224.

MURPHY, N. M. **The Wisdom of dying: practices for living**. Boston: Element Books, 1999.

NATURALE, A. **How Do We Understand Disaster-Related Vicarious Trauma, Secondary Traumatic Stress, and Compassion Fatigue?** In: QUITANGON, G.; EVCES, M.R. (Orgs.) *Vicarious Trauma and Disaster Mental Health - Understanding Risks and Promoting Resilience*. New York: Routledge, 2015, p. 73-91. Edição Kindle.

NAUDET, J.; NAUDET, G.; HANLON, J. **9/11**. New York: CBS, 2002. Documentário.

_____. **9/11: 10 Years Later. Documentário**. New York: CBS, 2011.

NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA / UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Seminário Sextas Amarelas: Os policiais e a saúde mental**. 11 set. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MYA3JR-M88E>>. Acesso em: 1 nov. 2020.

OGINSKA-BULIK, N. The role of personal and social resources in preventing adverse health outcomes in employees of uniformed professions. **IJOMEH**, 2005, v. 18, n. 3. p. 233-240. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16411561/>>. Acesso em 5 jun. 2020.

OLIVEIRA, G. J. **O conceito de vítima em Enrique Dussel**. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Filosofia). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19042?locale=pt_BR>. Acesso em: 20 mai. 2021.

OLIVEIRA, M.A.; OLIVEIRA, S.S. A face humana do herói: análise do processo saúde-doença de bombeiros a partir de comunidades virtuais. **Interface**, 2020, v. 24. p. 1-18. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832020000100207>. Acesso em: 1 mar. 2020.

PALM, K. M.; POLUSNY, M.A.; FOLLETTE, V. M. Vicarious Traumatization: Potential Hazards and Interventions for Disaster and Trauma Workers. **Prehosp Disast Med**, 2004, v. 19, n. 1, p. 73-78. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/8262506_Vicarious_Traumatization_Potential_Hazards_and_Interventions_for_Disaster_and_Trauma_Workers>. Acesso em: 12 fev. 2021.

PARKES, C. M. Psycho-social transition: a field of study. **Social Science and Medicine**, 1971, v. 5, p. 101-115. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/247293186_Psychosocial_transitions_A_field_for_study>. Acesso em: 1 mar. 2020.

_____. **Prefácio**. In: FRANCO, M. H. P. *A intervenção psicológica em emergências - Fundamentos para a prática*. São Paulo: Summus, 2015, p. 7-9.

PESSOA, F. **Poesias**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1997.

PICCIOTTO, R.; PAISNER, D. **Last Man Down: The fireman`s story**. Seven Dials, 2019. Kindle Edition

PIRES, L. A. A.; VASCONCELLOS, L. C. F.; BONFATTI, R. J. Bombeiros militares do Rio de Janeiro: uma análise dos impactos das suas atividades de trabalho sobre sua saúde. **Saúde Debate**, 2017, v. 41, n. 113. p. 577-590.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Uma análise crítica sobre o suicídio policial**. São Paulo: Ouvidoria da Polícia do Estado de São Paulo, 2019.

_____. **Organização / Organograma**. Disponível em:

<<https://www.policiamilitar.sp.gov.br/institucional/organizacao-organograma>>. Acesso em 7 abr. 2020.

QUEIROZ, M. **Heróis da lama**. Documentário. Rio de Janeiro: GloboNews, 2019.

QUINTANA, M. **Espelho Mágico**. Rio de Janeiro: Editora Globo Antigo, 2005.

RABIN, S.; MATALON, A.; MAOZ, B. et al. Keeping Doctors Healthy: A Salutogenic Perspective. **Families, Systems and Health**, 2005; v. 23, n. 1, p. 94-102. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/record/2005-02949-010>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

RAGGER, K.; HIEBLER-RAGGER, M; HERZOG, G.; KAPFFHAMMER, H.; UNTERRAINER, H.F. Sense of coherence is linked to post-traumatic growth after critical incidents in Austrian ambulance personnel. **BMC Psychiatry**, 2019, v. 19, n. 89. p. 1-11. Disponível em: <https://bmcp psychiatry.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12888-019-2065-z> . Acesso em 5 fev.2020.

RANDO, T. **Vicarious bereavement**. In: Strack, S. (edit.) *Death and the quest for meaning*. Northvale, New Jersey: Jason Aronson, 1997, p. 257-74.

RAUVOLA, R. S.; VEGA, D. M.; LAVIGNE, K. N. Compassion Fatigue, Secondary Traumatic Stress, and Vicarious Traumatization: a Qualitative Review and Research Agenda. **Occupational Health Science**, 2019, v.3, pp. 297-336. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s41542-019-00045-1>>. Acesso em: 8 nov. 2020.

REVISTA INCÊNDIO. **Corpo de Bombeiros de São Paulo intensifica cuidados no socorro a vítimas com Covid-19**. São Paulo, 8 out. 2020. Disponível em: <<https://revistaincendio.com.br/corpo-de-bombeiros-de-sao-paulo-intensifica-cuidados-no-socorro-a-vitimas-com-covid-19/>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

RICARD, M. **A Revolução do Altruísmo**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANT'ANNA FILHO, O.; LOPES, D. C. **A psicologia nas emergências, nos desastres e nos incidentes críticos**. In: FILHO, O. S.; LOPES, D. C. (Orgs.). *O psicólogo na redução dos riscos e desastres – teoria e prática*. São Paulo: Hogrefe, 2017, p. 11-28.

SANTOS, M. C. Conceito de “atingido” por barragens - direitos humanos e cidadania. **Revista Direito e Práxis**, 2015, v. 6, n. 11, p. 113-140. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/12698>>. Acesso em: 28 mai. 2021.

SARAMAGO, J. **Os poemas possíveis**. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

SCALCO, G. P.; ABEGG, C.; CELESTE, R. K. Avaliação da adaptação transcultural da versão brasileira da Escala de Senso de Coerência: uma revisão sistemática. **Cad. saúde colet.** [online]. 2020, v. 28, n. 2, p. 311-324. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-462X2020005002205&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 19. de 2020.

SCHAFER, S. K.; SOPP, M. R.; STAGINNUS, M.; LASS-HANNEMANN, J.; MICHAEL, T. Correlates of mental health in occupations at risk for traumatization: a cross-sectional study. **BMC Psychiatry**, 2020, v. 20. n. 335, p. 1-14. Disponível em: <<https://bmcp psychiatry.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12888-020-02704-y>>. Acesso em: 8 jan. 2021.

SCHMIDT, D. R. C.; DANTAS, R. A. S. Análise da validade e confiabilidade da versão adaptada para o português do Questionário de Senso de Coerência de Antonovsky, entre profissionais de enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, 2011 v. 19, n. 1, p. 42-49. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692011000100007&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 05 jan. 2018.

SCHMIDT, B.; MELO, B.D.; LIMA, C.C.; PEREIRA, D.R.; SERPELONI, F.; KATZ, I.; RABELO, I.; KABAD, J. F.; SOUZA, M.S.; KADRI, M; MAGRIN, N.P. **A quarentena na COVID-19: orientações e estratégias de cuidado**. In: NOAL, D. S.; PASSOS, M. F. D.; FREITAS, C. M. (orgs.). *Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.br/wp-content/uploads/2020/10/livro_saude_mental_covid19_Fiocruz.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2021.

SETTI, I.; LOUREL, M.; ARGENTERO, P. The role of affective commitment and perceived social support in protective emergency workers against burnout and vicarious traumatization. **Traumatology**, 2016, v. 22, n. 4, p. 261-70. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/record/2016-26314-001>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

SOUZA, K. M. O.; AZEVEDO, C. S.; OLIVEIRA, S.S. A dinâmica do reconhecimento: estratégias dos Bombeiros Militares do Estado do Rio de Janeiro. **Saúde Debate**, 2017. v. 41, p. 130-139. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/dYGGWGFNTg6xBc5YPY6xcHk/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 4 jan. 2019.

_____; VELLOSO, M. P.; OLIVEIRA S. S. A Profissão de bombeiro militar e a análise da atividade para compreensão da relação trabalho-saúde: Revisão da literatura. **Seminário de Saúde do Trabalhador**, v. 7, 2012. Anais. São Paulo: FAPESP, 2012, p. 1-15. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000112012000100021&script=sci_arttext>. Acesso em 7 fev. 2020.

STROEBE, W.; SCHUT, H. **Risk factors in bereavement outcome: a methodological and empirical review**. In: STROEBE, M. S.; HANSSON, R. O.; STROEBE, W.; SCHUT, H (edit.). *Handbook of bereavement research. Consequences, coping and care*. US: American Psychological Association, 2001, p. 349-371.

SULLENDER, R. S. Vicarious grieving and the media. **Pastoral Psychol**, 2010, v. 59, pp. 191-200. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11089-009-0227-5>>. Acesso em: 8 set. 2020.

TERCEÑO, C. V. **Grietas**. Espanha: Editorial Círculo Rojo, 2018.

UNITED NATIONS. **UNISDR Terminology on Disaster Risk Reduction**. United Nations International Strategy for Disaster Reduction. Switzerland: United Nations, 2009.

_____. **COVID-19 and mental health and wellbeing - messages to support those with mental health conditions**. 2020. Disponível em: <<https://www.un.org/en/coronavirus/mental-health-and-wellbeing>>. Acesso em: 2 out. 2020.

VASCONCELOS, V. **Bombeiros: Homens Fantásticos**. 2007. [S.l.: s.n.]. Edição Kindle.

VASCONCELOS, G. ; BATISTA, A. G.; LIMA, E. P. **Suporte psicológico a bombeiros militares**. In: SANT'ANNA FILHO, O.; LOPES, D. C (orgs.). O psicólogo na redução dos riscos e desastres – teoria e prática. São Paulo: Hogrefe, 2017.

VILELA, L.D.; ALISSON, P.J. An investigation of the role of sense of coherence in predicting survival among Brazilians with head and neck cancer. **Oral Oncology**, 2010, v. 46, p. 531–535. Disponível em: < <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20435507/> >. Acesso em 5 fev. 2020.

WALTER, T. **The new public mourning**. In: Stroebe, M. S. et al. (orgs.). Handbook of bereavement research and practice: advances in theory and intervention. Washington: American Psychological Association, 2008, p. 241-62.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10 – Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: Artmed, 1993.

YIP, J.; WEBBER, M. P.; ZEIG-OWENS, R.; VOSSBRINCK, A. S.; KELLY, K.; PREZANT, D. J. FDNY and 9/11: Clinical services and health outcomes in World Trade Center – exposed firefighters and EMS workers from 2001 to 2016. **Am J Ind Med**. 2016, v. 59, n. 9, p. 695-708.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar do estudo “A experiência do pesar vicário de bombeiros militares”, que tem como objetivo compreender a experiência de perda no trabalho como operacional. Este estudo é desenvolvido pela Doutoranda Claudia Marques Comaru, sob a orientação da Dra. Profa. Maria Helena Pereira Franco (Programa de pós-graduação em Psicologia Clínica), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Você poderá ser convidado(a) a participar de três momentos do estudo, que serão: o preenchimento de um questionário, uma entrevista individual e uma entrevista em grupo. As fases de entrevista individual e de grupo serão gravadas em áudio para melhor assimilação do conteúdo. Sua participação é voluntária, não sendo oferecido remuneração. Você é livre para desistir a qualquer momento, e não sofrerá nenhum tipo de prejuízo.

A participação na pesquisa envolve um risco mínimo. Caso o conteúdo dos diálogos gere algum desconforto e sofrimento, oferecemos o espaço de acolhimento e atendimento no Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto, da PUC-SP. Os benefícios da sua participação se referem à ampliação do conhecimento acerca do estado emocional de bombeiros da função operacional nas experiências de perda. Com essas informações, pretendemos indicar possibilidades de intervenção para o cuidado à saúde mental.

As informações obtidas são confidenciais e asseguramos o sigilo. Os dados serão divulgados de modo a não revelar a sua identidade. Ao recebermos este Termo de Consentimento preenchido, entenderemos que você compreende os objetivos e aceita participar da pesquisa. Disponibilizamos as informações de contato da pesquisadora responsável, bem como do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP para quaisquer esclarecimentos.

Concordo em participar da pesquisa acima descrita

Assinatura do (a) participante

São Paulo, ____ de _____ de _____

Assinatura da pesquisadora responsável

Claudia Marques Comaru

Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto (LELu). Rua Almirante Pereira Guimarães, 150. Pacaembu, São Paulo. Telefones: (11) 3862-6070 (LELu)/ (11) 96488-0925 (pesquisadora). E-mail: claudiacomaru@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Rua Ministro Godói, 969. Sala 63C. – Perdizes – São Paulo. Edifício Reitor Bandeira de Mello

APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**Dados gerais**

Perguntas sobre seu trabalho e sua vida.

Você trabalha diretamente no socorro às ocorrências neste momento?

Sim

Não

Qual a sua patente?

Soldado

Cabo

Sargento

Subtenente

Tenente

Capitão

Major

Tenente-Coronel

Coronel

Tempo de trabalho como bombeiro militar

Entre 1 e 5 anos

Entre 5 e 10 anos

Entre 10 e 15 anos

Mais de 15 anos

Tempo de trabalho no atendimento às ocorrências

Entre 1 e 5 anos

Entre 5 e 10 anos

Entre 10 e 15 anos

Mais de 15 anos

Sexo

Masculino

Feminino

Idade: _____

Situação conjugal:

- Solteiro (a) (Nunca se casou ou viveu em união)
- Casado (a) ou vive em união
- Separado (a) ou divorciado (a)
- Viúvo (a)

Religião:

- Católica
- Protestante
- Espírita
- Afro-brasileira
- Sem religião
- Outra _____

Você tem filhos?

- Sim
- Não

Seu(s) filho(s) mora(m) com você?

- Sim
- Não

Informe o número de filhos de acordo com a idade (pode haver mais de uma opção)

- Menor que 1 ano
- De 1 a 5 anos
- De 6 a 14 anos
- De 15 a 18 anos
- Maior que 18 anos

APÊNDICE 3 – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

- Motivação para trabalhar nos Bombeiros e como ingressou
- Experiências marcantes no trabalho / Ocorrência mais difícil que atendeu
- Estratégias de enfrentamento ao pesar/ Rede de apoio na vivência desta experiência
- O cuidado ao pesar vicário na Corporação (impressões, facilidades, dificuldades, possibilidades de intervenção)

ANEXOS

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO DE ORIENTAÇÃO PARA A VIDA

1 Você tem a sensação de que você NÃO se interessa pelo que se passa ao seu redor?

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|--------------------------|-----------|-----------------|---------------|-----------------------|----------------|----------------------|
| Muito raramente ou nunca | Raramente | Pouco frequente | Mais ou menos | Com alguma frequência | Frequentemente | Muito frequentemente |

2 Já lhe aconteceu no passado você ter ficado surpreso pelo comportamento de pessoas que você achava que conhecia bem?

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|-----------------|---------------------|----------------------------|-------------------------|--------------------------|------------------------|------------------|
| Nunca aconteceu | Aconteceu raramente | Aconteceu de vez em quando | Aconteceu algumas vezes | Aconteceu frequentemente | Aconteceu quase sempre | Sempre aconteceu |

3 Já lhe aconteceu ter ficado decepcionado com pessoas em quem você confiava?

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|-----------------|---------------------|----------------------------|-------------------------|--------------------------|------------------------|------------------|
| Nunca aconteceu | Aconteceu raramente | Aconteceu de vez em quando | Aconteceu algumas vezes | Aconteceu frequentemente | Aconteceu quase sempre | Sempre aconteceu |

4 Até hoje a sua vida tem sido:

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|-----------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|--|--|------------------------------|------------------------------------|
| Sem nenhum objetivo ou meta clara | Com pouco objetivo ou meta clara | Com algum objetivo ou meta clara | Com objetivos e metas mais ou menos claros | Com objetivos e metas não muito claros | Com objetivos e metas claros | Com objetivos e metas muito claros |

5 Você tem a impressão de que você tem sido tratado com injustiça?

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|----------------------|----------------|-----------------------|-------------------------|-----------------|-----------|--------------------------|
| Muito frequentemente | Frequentemente | Com alguma frequência | Mais ou menos frequente | Pouco frequente | Raramente | Muito raramente ou nunca |

6 Você sente que está numa situação estranha, e sem saber o que fazer:

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|----------------------|----------------|-----------------------|-------------------------|-----------------|-----------|--------------------------|
| Muito frequentemente | Frequentemente | Com alguma frequência | Mais ou menos frequente | Pouco frequente | Raramente | Muito raramente ou nunca |

7 Aquilo que você faz no dia-a-dia é:

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|--|---|--|---|---------------------------------------|--|----------------------------------|
| Uma fonte de profundo sofrimento e aborrecimento | Uma fonte de sofrimento e aborrecimento | Uma fonte de razoável sofrimento e aborrecimento | Uma fonte nem de prazer nem de satisfação | Uma fonte de raro prazer e satisfação | Uma fonte de pouco prazer e satisfação | Uma fonte de prazer e satisfação |

8 Você tem ideias e sentimentos muito confusos?

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|----------------------|----------------|-----------------------|-------------------------|-----------------|-----------|--------------------------|
| Muito frequentemente | Frequentemente | Com alguma frequência | Mais ou menos frequente | Pouco frequente | Raramente | Muito raramente ou nunca |

9 Você costuma ter sentimentos que não gostaria de ter?

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|----------------------|----------------|-----------------------|-------------------------|-----------------|-----------|--------------------------|
| Muito frequentemente | Frequentemente | Com alguma frequência | Mais ou menos frequente | Pouco frequente | Raramente | Muito raramente ou nunca |

10 Muitas pessoas (mesmo as que têm caráter forte) algumas vezes sentem-se fracassadas em certas situações. Com que frequência você já se sentiu fracassado no passado?

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|-------|-----------|-------|---------------|-----------------------|----------------|----------------------|
| Nunca | Raramente | Pouco | Mais ou menos | Com alguma frequência | Frequentemente | Muito frequentemente |

11 Quando alguma coisa aconteceu na sua vida a importância que você deu foi:

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|--|--------------|----------------|------------------------|------------------------|----------------|----------|
| Maior ou menor do que deveria ter dado | Não adequada | Pouco adequada | Mais ou menos adequada | Relativamente adequada | Quase adequada | Adequada |

12 Com que frequência você vê pouco sentido nas coisas que faz na sua vida diária?

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|----------------------|----------------|-----------------------|-------------------------|-----------------|-----------|--------------------------|
| Muito frequentemente | Frequentemente | Com alguma frequência | Mais ou menos frequente | Pouco frequente | Raramente | Muito raramente ou nunca |

13 Com que frequência você tem sentimentos que não pode controlar?

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|----------------------|----------------|-----------------------|-------------------------|-----------------|-----------|--------------------------|
| Muito frequentemente | Frequentemente | Com alguma frequência | Mais ou menos frequente | Pouco frequente | Raramente | Muito raramente ou nunca |

ANEXO 2 – AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA PELA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO

RESERVADO



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO

São Paulo, 12 de fevereiro de 2019.

OFÍCIO Nº CAPS-014/201/19

Da Ch CAPS

À Sr.ª Dir Pes.

Assunto: Pesquisa em psicologia junto ao Corpo de Bombeiros.

Referência: RI-25-PM, de 15ABR02.

Anexo: Parte nº CAPS-003/201/19, de 11FEV19, e apensos.

1. Em observância ao contido no RI-25-PM que define à Diretoria de Pessoal a coordenação geral de todos os programas de prevenção, conforme o estipulado no § 1º do artigo 16, levo ao conhecimento de V. S.ª que em 04DEZ18 compareceu neste Centro a Sra. Cláudia Comara, psicóloga com CRP 06/132006, que após contato prévio com o Maj PM Camargo Júnior, do CCB, apresentou projeto de estudo a ser realizado para fins de doutorado em Psicologia Clínica pela PUC/SP, com tema "Luto vicário de bombeiros militares sob a perspectiva do senso de coerência" (anexo), para apreciação da Chefia deste Centro, bem como da Diretoria de Pessoal.

2. No caso em questão, analisado o conteúdo e compreendido o objetivo da pesquisa em pauta, constata-se que a ideia da doutoranda é estudar o conceito de luto vicário junto ao Grupamento de Bombeiros da Casa Verde, por meio de preenchimento de questionário de 13 (treze) perguntas (apenas ao projeto) pelos integrantes daquele Grupamento.

3. Cabe ressaltar que o estudo a ser desenvolvido pela doutoranda em relação aos impactos psicoemocionais sofridos pelos integrantes do Corpo de Bombeiros em atendimento de desastres, resgates e incidentes críticos poderá consolidar a importância da participação daquele público junto ao Programa de Acompanhamento e Apoio ao Policial Militar, na prevenção de transtorno de estresse pós-traumático.

4. Ademais, cabe lembrar o recente desastre ocorrido em represa no Estado de Minas Gerais, com participação inclusive dos Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo como voluntários no apoio e socorro de vítimas na cidade de Brumadinho, denota que o tema é atual e recorrente, sendo que o projeto de estudo da doutoranda poderá oferecer colaborações acadêmicas na execução de projetos deste Centro em prol da saúde mental dos bombeiros e policiais militares.

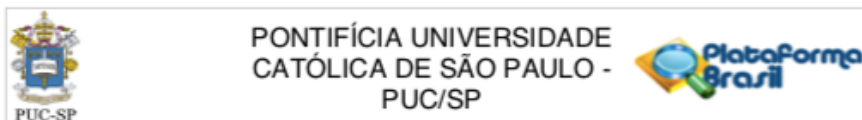
RESERVADO

Em 20 de fev 19
Da Dir Pes
A Ch CAPS

Autorizo a pesquisa.

Mônica Puliti D. Ferreira
Cel PM

ANEXO 3 – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP



Continuação do Parecer: 4.068.503

O Colegiado do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP, aprova integralmente o parecer oferecido pelo(a) relator(a).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Aubr | Situação |
|---|---|------------------------|------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1231484.pdf | 04/05/2020 17:36:29 | | Aceito |
| Outros | CARTA_DE_APRESENTAÇÃO.docx | 04/05/2020 17:35:23 | CLAUDIA MARQUES COMARU | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_COMARU_240420.docx | 04/05/2020 17:27:01 | CLAUDIA MARQUES COMARU | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | COMARU_aut.pdf | 25/12/2019 18:11:19 | CLAUDIA MARQUES COMARU | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | COMARU_projpuc.pdf | 25/12/2019 17:01:05 | CLAUDIA MARQUES COMARU | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaderostoClaudia0001.pdf | 25/12/2019 16:56:15 | CLAUDIA MARQUES COMARU | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 03 de Junho de 2020

Assinado por:
Antonio Carlos Alves dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br